



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Mariana do Vale Gomes

FÉRTIL

A REPRODUÇÃO COMO PERFORMANCE

Tese no âmbito do Doutoramento em Arte Contemporânea orientada pela Professora Doutora Maria Alice Barriga Geirinhas dos Santos e pela Professora Doutora Susana Chiocca de Almeida Duarte e apresentada ao Colégio das Artes.

Dezembro de 2021

Para Mercia, Marina e Malu

## Agradecimentos

Mercia, por ser corpo, experimento, amor e luta ao meu lado enquanto reproduzíamos. Elisa, por persistir e partilhar da/na academia nessa trajetória. As Criacionistas, Lara, Sofia e Rafa, pelas infinitas orientações e pelo desejo de entender o léxico da reprodução assistida. Aldenôr Prateiro, meu pai e artista visual, por aquela conversa em que juntos rascunhamos o esqueleto do que hoje é esta tese. Lorena, por coincidirmos, dessa vez, dividindo as angústias e vitórias do processo de doutoramento. Ana Vale, minha mãe, por tentar, ainda que soasse impossível, traçar paralelos entre nossas investigações. Regina José Galindo, pela abertura e humildade de compartilhar seus processos de forma tão íntima, mesmo sendo gigante. Macarena Peñaloza, Marta Jovanovic, Luana Aguiar e Roberta Barros, pela disponibilidade de conversar sobre suas/nossas investigações artísticas. Alice Geirinhas, por aceitar, acreditar e acompanhar esta pesquisa, pelos livros enviados e por buscar meu endereço no mapa. Susana Chiocca, pela leitura cuidadosa e sugestões acertadas e, ainda que não me tenha sido possível neste momento, por ter sugerido uma bibliografia só de mulheres para esta pesquisa. Pedro Pousada e Ana Rito, por terem acolhido minhas inquietações em terra estrangeira. Rita Gaspar Vieira, pelo algodão que fez possível meu Diário de Sintomas. Regina Azevedo, por ter assinalado meus equívocos e ambiguidades com sua alma de poeta. Marina, por alimentar meu desejo e ter me pedido uma irmã. Malu, por ser fruto.

Muito obrigada!

## Resumo

Seja à espécie, seja ao capitalismo, parece que a mulher nasceu para servir. A busca de entender os significados da reprodução para o corpo de uma mulher é o que norteia esta pesquisa. Para isso, começo por apresentar a reprodução enquanto performance, o corpo de mulher que carrego e uma escrita performativa que ecoa o que ela mesma discute. Sigo por pensar a mulher enquanto serva da espécie, avanço por entender mais sobre as técnicas da reprodução assistida no que diz respeito à sua história, objetivos e impactos e culmino em defender a ideia de que a reprodução de um casal de mulheres é uma estratégia artística e política de resistência. Como metodologia, submeto meu corpo às técnicas da reprodução assistida e empreendo em uma pesquisa teórico-prática que ora se expressa em obra, ora se expressa em texto. Alguns pares foram essenciais para estabelecer os diálogos que moveram esta investigação, como Simone de Beauvoir, Silvia Federici, Rosemary Betterton, Paul B. Preciado, Regina José Galindo, Della Pollock, Grada Kilomba, Gloria Anzaldúa e Jack Halberstam.

Palavras-chave: REPRODUÇÃO, FEMINISMO, CORPO, PERFORMANCE, ESCRITA PERFORMATIVA.

## Abstract

Be it to human kind or to capitalism, it seems women were born to serve. The focus of this research study is to understand the meaning of reproduction as it relates to women's bodies. I begin by presenting reproduction as a performance, the female body I carry, and a performative writing that reverberates its own discussions. Sequentially, I ponder women as servants to the species, then proceed to understand more about assisted reproduction techniques in regards to its history, objectives and impacts. I wind up defending the idea that reproduction by a lesbian couple is an artistic and political strategy of resistance. My methodology consists of submitting my own body to assisted reproduction techniques and diving into a theoretical-practical research that at times expresses itself in art pieces, and other times expresses itself in text. Several colleagues were essential to establishing the dialogues that drove this investigation, such as Simone de Beauvoir, Silvia Federici, Rosemary Betterton, Paul B. Preciado, Regina José Galindo, Della Pollock, Grada Kilomba, Gloria Anzaldúa, and Jack Habelrstan.

Keywords: REPRODUCTION, FEMINISM, BODY, PERFORMANCE, PERFORMATIVE WRITING.

# Fértil

a reprodução como performance

## Sumário

Sobre o que e como falo: uma introdução	8
Uma estratégia de alívio e resistência	10
Como escrevo	13
Rotas	16
1. Há em mim tantas personas?	20
1.1 Quando se encerra a performance de um corpo que tenta reproduzir?	21
1.2 Apenas nos interessa um olhar objetivo?	25
1.3 Me pergunto se continuo sendo necessária quando potência	27
1.4 Me pergunto quem controla a construção dos nossos corpos	30
1.5 A escrita como raiz e como instrumento que empodera	32
2. A mulher nasceu para servir	39
2.1 Não há nada de biológico nisso!	40
2.2 Como lutar contra um trabalho que parece não ter nome nem rosto, apenas corpo?	46
2.3 Reprodução é intimidade?	51
2.4 Revista Vexatória	53
3. Eles não querem que nosso sangue escorra pelas pernas	64
3.1 Parece que sempre foi sobre nos experimentar	65
3.2 Um corpo medicado e sedado	74
3.3 <2,39 mUI/mL ou Aproximações ao fracasso e à loucura	81
4. Como lésbicas engravidam	98
4.1 Por que o útero lésbico pode ser tão perigoso?	100
4.2 Sem voz e sem corpo: o doador existe?	109

4.3 O que muda é o agente e os instrumentos que nos alvejam | 116

4.4. Rata do meu próprio laboratório | 120

~~Talvez seguisse pelo gestar~~ Em conclusão | 122

Referências | 135

Listagem de imagens | 141

Anexos | 143

Sobre o que e como falo: uma introdução



## Sobre o que e como falo: uma introdução

Quero perguntar sobre os significados da reprodução não só para o meu corpo, mas na prática artística e na escrita.

Para além de alinhar conceitos de outras áreas do conhecimento, encontrar a reprodução como objeto de pesquisa surge do desejo de ultrapassar as noções de mulher enquanto serva, para pensar essa reprodução como performance e estratégia política e artística de resistência. É dessa hipótese que parto.

Quando me debruço sobre a reprodução, percebo, quase que ingenuamente, o quanto ela está introjetada no meu corpo sob a guarda do argumento biológico e como dela sou refém. Olho para os lados e o que encontro são inúmeras estratégias para justificar nossa servidão. Mais que isso, encontro também respiros e gritos de denúncia que escancaram o que começo a ver:

Mas o que proponho não é um corpo qualquer que reproduz. Reproduzo junto a outra mulher: O que me leva imediatamente às técnicas de reprodução assistida.

Já de início a reprodução assistida explicita seu caráter performático. Sigo um programa de injeções hormonais que preparam meu corpo para reproduzir. Em paralelo, vasculho os estudos e méritos dessa reprodução e não encontro literaturas que listem, em seus feitos, associações à conquista de famílias homoafetivas. Aqui parece que meu problema se coloca dissecado. Pergunto se estou autorizada a fazer uso dessa reprodução.

Se à primeira vista minha reprodução já se aproximou da performance, nesse segundo momento a encontro como estratégia de resistência. E é nisso que aposto como caminho investigativo.

Antes de seguir, me parece urgente sublinhar uma mudança de rota desta pesquisa no enquanto do projeto para este corpo final<sup>1</sup>. Quando iniciei, já disposta a submeter meu corpo à reprodução assistida,

---

<sup>1</sup> “A pesquisa em arte diferencia-se das pesquisas em outras áreas das ciências humanas na medida em que seu objeto não pode ser definido a priori, ele está em vir-a-ser e se construirá simultaneamente à elaboração metodológica.” (CATTANI, Icléia Borsa. Arte Contemporânea: o lugar da pesquisa. In: BRITES, Blanca e TESSLER, Élida (orgs). O meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 2002. p. 40) E ainda: “... o artista-pesquisador precisa produzir seu objeto de estudo com a investigação em andamento e daí extrair as questões que investigará pelo viés da teoria.” (REY, Sandra. Por um abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais.” In: BRITES, Blanca e TESSLER, Élida (orgs). O meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 2002. p. 132).

imaginei que a pesquisaalaria muito mais da intimidade de um corpo lésbico que gesta do que sobre as tentativas de engravidar. Porém, foram as tentativas de reproduzir que protagonizaram toda a trajetória desta pesquisa e conduziram minhas experimentações e avanços nesta direção. Sendo assim, abandono por ora os caminhos que investigam exclusivamente a intimidade e invisto nos atravessamentos que me proporcionam a reprodução. Faço isso com bastante lucidez e alguma alegria: sobre intimidade já falaram muitas de nós.<sup>2</sup> Sobre reprodução assistida para um casal de mulheres não encontro muitos pares no campo artístico-acadêmico. Resta-me buscar coincidências.

## Uma estratégia de alívio e resistência

Tratemos agora de como faço isso. Falemos de metodologia. A pesquisa que proponho tem caráter teórico-prático e resulta ora em textos, ora em objetos, ora em videoperformances<sup>3</sup>, ora em fotoperformances.

Ao mesmo tempo que submeto meu corpo à reprodução e suas técnicas, inicio uma pesquisa teórica perguntando sobre a reprodução. Foram três inseminações artificiais e duas fertilizações in vitro, com quatro transferências de embriões. Documentei e coletei todo o material que pude durante o tratamento.

“Os problemas resolvidos pela pesquisa em arte [...] são de difícil identificação, dado que, muitas vezes, devem ser descobertos ou mesmo criados pelo artista pesquisador.”<sup>4</sup> De fato, Silvio, encontro meu problema enquanto meu corpo performa a reprodução. Talvez em algum aspecto invente partes do problema, mas, seguramente, a maior parte do tempo me detenho em descobrir o que pode a reprodução de um casal de mulheres.

Aposto, também com Silvio, na originalidade desta pesquisa. Não apenas pela escassez de literatura artístico-acadêmica quanto ao aqui proponho, mas porque fundamento esta pesquisa na investigação prática. “Em arte, deve-se considerar a não existência da duplicação de pesquisas, e desde que a pesquisa assuma o caráter de obra de arte, torna-se impossível essa duplicação.”<sup>5</sup>

---

2 Inclusive eu durante minha pesquisa de mestrado.

3 Tomo de empréstimo o que pensa Christiane Mello: “Não se trata de percebermos um corpo definido por intermédio dos artifícios de edição de imagens, propiciado pelas muitas ferramentas do meio digital, mas sim identificarmos um corpo que se torna o sujeito do discurso. Um corpo crítico, político, que questiona sua própria condição, aberto frontalmente à exposição pública, e que desconstrói-se à nossa frente, insubordinado às convenções vigentes de linguagem e ao que a cultura dominante habitualmente lhe impõe como natural e aceitável.” (MELLO, Christine. Vídeo e Corpo em Tempo Real. Revista Concinnitas. Rio de Janeiro: ano 4, n.04. p. 36-44, mar. 2003.)

4 ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em arte, um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Editora Autores Associados, 2ed. 2001, p. 51-52.

5 ZAMBONI, 2001, p. 53.

É também por isso que a metodologia que adotei para esta pesquisa responde ao rigor e exigências do próprio caminhar investigativo.<sup>6</sup> E embora possa ser replicada, sem dúvidas, precisaria ser adaptada a cada trajetória. E mais, a pesquisa em artes parece demandar tanto formas particulares de fazer como de olhar e ler.

Enquanto meu corpo performa, encontro os caminhos da investigação teórica. Enquanto me debruço sobre as leituras, me ocorrem novas ações às quais submeto meu corpo.<sup>7</sup> A partir das leituras e obras, construo um texto que também performa. Assim se dá esta pesquisa.

E já que empreendo o tempo todo no diálogo entre procedimentos, mas também com artistas e teóricos, para esta pesquisa apostei em fontes primárias. Promovi conversas com artistas como a guatemalteca Regina José Galindo, a sérvia Marta Jovanovic e a argentina Macarena Peñaloza, buscando nossas coincidências quanto aos nossos processos criativos e temas de interesse no campo da arte. “A descolonização das metodologias consiste em todos os processos capazes de produzir conhecimento aceitáveis e confiáveis de modo não-extrativista, ou seja, através da cooperação entre sujeitos de saber e não através de interações cognitivas unilaterais sujeito/objeto.”<sup>8</sup> Não à toa, me interesso pela troca, Boaventura.

Aqui, as obras aparecem entrecortadas pela discussão teórica. Também porque acredito que a própria escrita é em si obra<sup>9</sup> e, portanto, o tempo todo falo de reprodução. Seja de uma forma ou de outra. ~~Seja, inclusive, com o silêncio. E mais, me parece que nosso silenciamento pode funcionar como uma perigosa ferramenta para nos apropriarmos não só da escrita, como de nossas ações. Uma estratégia de alívio e resistência: “O teórico aqui é imediatamente prático.”<sup>10</sup> Isso, Maria. E se um dos caminhos da descolonização do gênero e do pensamento é a prática, penso que estou no caminho certo.~~

---

6 Um pouco do que fala Boaventura. “Imaginar as consequências da não separação entre vida e investigação. Transformar o investigador social pós-abissal num artesão que usa as ferramentas metodológicas de forma criativa, ao ponto de conseguir construir o seu próprio método.” (SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo: a afirmação das Epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 191).

7 “Aqueles que trabalham com as mesmas devem ter cuidado de não igualar a arte ao discurso, como uma forma específica do mesmo, mas reconhecê-la como *ato*, que resulta em *objetos estéticos*, elaborados a partir de uma modalidade específica do pensamento que é o pensamento visual.” (CATTANI, 2002, p. 48, grifos da autora).

8 SANTOS, 2019, p. 194.

9 Aqui penso junto ao artista e professor português António Olaio quando ele me diz que “Os textos do Duchamp são obras.” (Frase dita durante aula do Doutorado em Arte Contemporânea do Colégio das Artes na Universidade de Coimbra, em 26 de abril de 2019).

10 LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. Tradução de Juan Ricardo Aparicio e Mario Blaser. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3. Set. – dez./2014. p. 950 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577> Acesso: em 25 nov 2020.

Sigo falando um pouco mais de prática. Não por acaso elejo a performance como rota, avizinhand-a não só ao corpo, mas também à escrita: me interesso pelos seus atravessamentos. “...desdobrar a performance realizada em novas experimentações – experiências de escrita, de criação dramatúrgica, de teatro, de vida – isto sim me parece condizente e potente. Assim como percebo, uma performance é um disparador de performances.”<sup>11</sup> Concordo, Eleonora. Esta tese é uma performance no momento em que muitos de seus textos decorrem de desdobramentos de performance. Um pouco também do que nos fala Roberta<sup>12</sup>. Dentro de uma performance há pelo menos quatro dimensões performativas: a partitura/enunciado, o corpo, o registro e a escrita.

“Por volta de 1969, Acconci usou o ‘suporte’ de seu corpo como uma alternativa ao ‘suporte da página’, que ele usara quando poeta; segundo ele, era uma maneira de transpor o enfoque da palavra para ele próprio como ‘imagem’.”<sup>13</sup> Encontro muitas coincidências nesse trânsito corpo-escrita, Roselee.

No enquanto da pesquisa, esbarrei com uma discussão metodológica que me pareceu particularmente interessante. A/r/tografia. Aqui misturam-se as pessoas do artista, do pesquisador e do professor e se questiona, principalmente, a forma como se dá a pesquisa artístico-acadêmica. Por aqui sigo.

Primeiro, para que fique claro, aposto na obra de arte enquanto forma legítima de conhecimento.<sup>14</sup>

A partir daí, me pergunto se é possível eleger uma entre as diversas camadas em que penetra uma obra de arte. Talvez por isso tenha estendido o olhar para tantas disciplinas quando me propus a falar da reprodução. A cada avanço da pesquisa percebia quão imbricada estava a reprodução de um casal de mulheres nos aspectos não só biológicos, como políticos, feministas e artísticos. Daí a necessidade de

---

11 FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: o corpo-em-experiência. Revista Ilinx, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, n. 4, p. 9, dez. 2013. Disponível em: <Disponível em: <https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276>>. Acesso em: 24 ago. 2021. Grifos da autora.

12 Referência à fala de Roberta Barros, no *Círculo de conversas – Nos deixam falar* com Roberta Barros, na plataforma virtual Zoom, em 27 jan. 2021. O *Círculo de Conversas – Nos deixam falar* consistiu em encontros virtuais coordenados por mim e nos quais convidei 3 artistas para colaborar, a partir de suas práticas e pesquisas artísticas, com o desenvolvimento desta pesquisa. O evento aconteceu em janeiro de 2021, através da plataforma Zoom, com recursos financeiros adquiridos através da Lei Emergencial Aldir Blanc. As artistas convidadas foram Luana Aguiar, Regina José Galindo e Roberta Barros. (Vide Anexos)

13 GOLDBERG, Roselee. *A arte da performance: do futurismo a presente*. São Paulo: Martins Fontes, 2016, p. 146.

14 “A obra de arte pode ser, portanto, uma forma de conhecimento tão objetivo quanto um documento escrito, se lembrarmos que nela a dialética entre real e imaginário é um dado efetivo, através do qual é possível conhecer uma sociedade não apenas em suas realizações, mas também em suas aspirações, em suas visões utópicas e projetivas.” (FABRIS, Annateresa. Pesquisa em artes visuais. PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais, Porto Alegre, RS, v. 2, n. 4, abr. 2012. ISSN 2179-8001. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27413>>. Acesso em: 30 set. 2021. p.13.

entrecruzar conhecimentos e métodos. Inclusive porque a própria prática artística demanda um método. “A abordagem poética é em si mesma uma pesquisa.”<sup>15</sup>

“O pesquisador em artes visuais transita sempre entre o conceitual e o sensível, entre a teoria e a prática, entre o concreto e o onírico.”<sup>16</sup> Era exatamente a esse deslocamento que eu me propunha para construir um conhecimento que se fundamenta no processo de criação, seja ele da escrita ou da performance.

Ainda que não adote a a/r/tografia como única metodologia desta pesquisa, me interessa por ela no momento em que ela se apresenta como um método que permite incorporar, por exemplo, a incerteza, a dúvida e o erro. “A pesquisa em artes não é neutra e apesar das regras é flexível, adaptando-se aos campos dos saberes em que a arte é produzida, vivenciada e apreciada.”<sup>17</sup>

Por fim, penso que esta metodologia empreende a difícil tarefa de legitimar na academia novas formas não só de investigar, mas de apresentar uma produção científica que deriva de práticas muito particulares, como a de uma artista-pesquisadora. E me parece, mais uma vez, que nisso coincido.

## Como escrevo

Tento encontrar novas formas para dizer, também porque acredito na escrita enquanto ferramenta política. E mais, me aproximo de uma escrita performativa<sup>18</sup> que encontra alternativas para ecoar o que ela mesma defende.

Ainda que o que aqui proponha seja cruzar os caminhos apontados em meu processo criativo com referenciais teóricos e artísticos, entendo que o texto pode ser prática e obra. E também por aí caminho. Para isso, crio algumas estratégias que permitem experimentar um diálogo mais íntimo e particular com minhas investigações.

---

15 COSTA, Robson Xavier da e SILVA, Maria Betânia e. Investigação em/sobre artes visuais: artista/pesquisador/professor. In: Anais do 24º Encontro Nacional da ANPAP. Santa Maria: 2015. Disponível em: [http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s8/robson\\_xavier\\_da\\_costa\\_maria\\_bet%C3%A2nia\\_e\\_silva.pdf](http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s8/robson_xavier_da_costa_maria_bet%C3%A2nia_e_silva.pdf) Acesso: em 03 set. 2019, p. 11.

16 Idem, p. 10.

17 Idem, p. 12.

18 No capítulo I desta tese me demorei mais nas questões da escrita performativa que aqui pratico. Agora me detenho em explicitar quais as estratégias escolhi para redigir esta pesquisa.

Há muitas formas de se dizer a mesma coisa. Pergunto quão enraizadas estão as convenções linguísticas que apresentam o masculino como elemento universal e o feminino como o único sexo que há<sup>19</sup>. E se invertermos isso? Seria possível pensar o universal do ponto de vista feminino? Não são as estruturas da linguagem que nos castram a fala, e sim as suas aplicações.<sup>20</sup>

Proponho novos usos. Vou mais além, quero fazer uso da ambiguidade. Dessa possibilidade de falar somente para mulheres ao passo que questiono o universal masculino. “Nunca estivemos seguras”, “Todas nós”, “Estamos mesmo presas”. Quero me utilizar da própria estrutura linguística/gramatical consolidada para questionar o papel da mulher enquanto particular, enquanto outra, enquanto sexo, enquanto sujeito não-universal. E para convocá-las a [re]construir coletivamente também a partir da linguagem.<sup>21</sup>

Mais uma vez reitero<sup>22</sup>. Não tenho pretensão, porém, de abrir um diálogo ou discussão no campo específico da linguagem o que, por si só, já remeteria a uma outra análise que foge diretamente ao objeto de estudo que aqui proponho.

Persigo uma escrita íntima. Também por aqui flerto com a intimidade em vários momentos. Suprimo sobrenomes<sup>23</sup>. Estabeleço diálogos. Aproximando-nos – eu e você – de quem nos acompanha nesta investigação.

No decorrer do texto, destaco dos parágrafos e marco entre colchetes pensamentos que me ocorrem no enquanto da escrita. Como quem pergunta<sup>24</sup> ainda sem respostas ou aponta possíveis desdobramentos para as questões que discuto. Como quem conversa.

---

19 Sobre isso nos fala incansavelmente Simone de Beauvoir em sua obra *O Segundo Sexo*, com quem caminharei muitas vezes neste trajeto-pesquisa.

20 BUTLER, Judith. *Problemas do Gênero: Feminismo e Subversão de Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p.58.

21 Me aproximo do potencial que Monica Wittig encontra na linguagem e de sua estratégia. “Acima de tudo, a literatura oferece a Wittig a ocasião de fazer experiências com pronomes, os quais, nos sistemas de significação compulsória, fundem o masculino e o feminino. Em *Les Guerillères* [As guerrilheiras], ela busca eliminar todas as conjunções ele-eles (il-ils), ou a rigor, todos os “ele”(il), e colocar elas (elles) na posição do geral, do universal. “O objetivo dessa abordagem”, escreve ela, “não é feminizar o mundo, mas tornar as categorias do sexo obsoletas na linguagem”. (BUTLER, 2017, p. 208).

22 Já experimentei uma escrita performativa durante a redação da minha dissertação de mestrado *Pele a fora, pele adentro: um corte íntimo*, defendida em 2018 (PPGAV/EBA/UFRJ). E já lá afirmava não empreender discursos linguísticos. Além disso, apesar de aqui propor novas estratégias de escrita, algumas delas já ali foram experimentadas.

23 Também na tentativa de evidenciar a escolha majoritária de teóricos e artistas mulheres.

24 “Para a pesquisa, muito mais importante do que achar respostas é saber colocar questões.” (REY, 2002, p. 127).

Além disso, o texto apresenta alguns respiros. Incurções de outros textos que dialogam transversalmente com as questões que os circundam e que, muitas vezes, se relacionam diretamente com minha prática artística, a partir de experiências pessoais do meu corpo em performance. Uma espécie de diário de performance. Esses respiros estarão entre asteriscos e marcados por margens mais largas.

Se já falei um pouco de forma, gostaria agora de me debruçar um pouco mais sobre a escrita que aqui pratico. Minhas frases são curtas. Parece urgente iniciar e finalizar uma ideia antes que sejamos interrompidas. Busco palavras assertivas e que, muitas vezes, atravessam particularmente as mulheres. Insiro-as cirurgicamente. Mas não me dou o luxo de demorar, para que não afugentem meus pensamentos.

\*

À mulher lhe roubam as ideias quando um homem interrompe seu fluxo de pensamento para lembrá-la que não deve caminhar pela grama, estando a ela reservado o cascalho<sup>25</sup>.

\*

Além disso, o tema da reprodução assistida me levou a estabelecer uma relação íntima com termos médico-científicos. Aqui os incorporo ao nosso vocabulário. Também porque me interessam por transitarem entre o específico e o ininteligível<sup>26</sup>.

Escrevo e, algumas vezes, ao invés de apagar, incorporo o erro com um risco. Uma escrita que fracassa. Frases tachadas. Aqui quero ecoar os aspectos do fracasso que discuto um pouco mais à frente, no capítulo 3. Mas não só isso. Algumas vezes, explicito um texto que não deveria estar ali para explorar seu potencial subversivo. Essa estratégia me interessa ainda na tentativa de escancarar o que às vezes só acontece no campo do pensamento e aí se encerra. Ou se perde. Por fim, o cenário pandêmico e a crise político-sanitária que assola o Brasil no momento em que escrevo parece fazer reverberar a potência de uma escrita que fracassa.

Quando insiro as obras que permeiam este manuscrito, entendo-as enquanto discurso e jamais enquanto ilustração. O que me interessa é que elas reverberem o que o texto teórico vem discutindo, dando-lhe novas camadas e pontos de vista. Atravessando-o para torná-lo plural. Aqui minha tentativa não é de apresentar conceitos, mas sim de presentificá-los.<sup>27</sup>

---

25 Menção a uma passagem do livro *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf.

26 “A ciência fala através de palavras misteriosas.” LEWONTIN, R.C. *Biologia como Ideologia: a doutrina do DNA*. Ribeirão Preto: Funpec-editora, 2000. p. 13.

27 CATTANI, 2002.

~~Também porque, muitas vezes, a impossibilidade da escrita me desloca para a ação.~~

“*Toda obra contém em si mesma a sua dimensão teórica.*”<sup>28</sup> Precisamente, Sandra. E é por acreditar nisso que me detenho muito mais nos atravessamentos que as obras explicitam do que em suas descrições. Aqui, aposto em disponibilizar todas as obras com mínimas descrições.

Também por isso não há um capítulo específico para tratar da minha produção artística. As obras aparecem durante todo o texto, sendo ao mesmo tempo corte brusco e continuidade do pensamento teórico.

## Rotas

E já que falei em capítulos, sigamos detalhando-os.

Elejo uma rota. Começo por buscar aproximar as noções de performance à reprodução, na tentativa de fazer coincidi-las. Deságua nos questionamentos entre arte e vida e na difícil tarefa de traçar uma linha limítrofe entre esses dois âmbitos.  ~~Talvez aqui fracasse.~~ Sigo por identificar politicamente quem aqui escreve. Uma mulher cis, lésbica e racializada. Para depois me debruçar sobre corpo e escrita em performance. Este primeiro capítulo é identitário e recebe o nome de “Há em mim tantas personas?” Nele, converso com Eleonora Fabião, Rosemary Betterton, Paul B. Preciado, Grada Kilomba, Boaventura de Sousa Santos, Della Pollock, Adrienne Rich, Silvia Federici e mais alguns, além de me aproximar das obras *Madres!* do coletivo mexicano Polvo de Gallina Negra, *My name is Janez Jansa*, dos artistas sérvios Janez Jansa, Janez Jansa e Janez Jansa e *Ayuda Humanitária*, da artista espanhola Núria Güell.

Uma vez apresentada essa escrita-pensamento e como a performance permeia toda a estrutura desta pesquisa, sigo para o segundo capítulo: “A mulher nasceu para servir”. Neste capítulo, estabeleço um diálogo com Simone de Beauvoir e Silvia Federici na tentativa de traçar paralelos entre a servidão da mulher tanto à espécie, quanto ao capitalismo: falo do trabalho reprodutivo. Aqui atravesso a discussão com as obras *A mulher nasceu para servir*, *Bateria*, *Vestígios*, *Revista vexatória* e *seminua*.

Sigo para a reprodução assistida a que submeto meu corpo. Reviro a trajetória que permitiu o estabelecimento das técnicas de reprodução assistida como prática atual. Parto de suas primeiras experimentações, me apropriando da literatura medico-científica para contá-la a partir do meu lugar de fala. Questiono os propósitos dessa reprodução sob um ponto de vista político e intercalo a discussão com as impressões

---

28 REY, 2002, p. 127. Grifo da autora.



do meu corpo no enquanto do tratamento. Avanço por aí, conduzindo a discussão para questões como corpo medicado e sedado, fracasso e loucura no terceiro capítulo desta tese, intitulado “Eles não querem ver nosso sangue escorrendo pelas pernas”. Faço isso na companhia de Paul B. Preciado, Silvia Federici, Martin Johnson, Rosemary Betterton, Simone de Beauvoir, Regina José Galindo, Macarena Peñaloza, Marta Jovanovic, Jack Halberstam, Charles Pépin, entre outros. Quanto à prática artística, neste capítulo, apresento as obras *Semiótica da Gravidez*, *Diário de Sintomas*, *Mancha*, *Sem título*, *Tentativa de engravidar* e *Estéril*.

O último capítulo, “Como lésbicas engravidam”, se debruça sobre o que vim alinhavando nos demais: a reprodução assistida para um casal de mulheres enquanto estratégia político-artística de resistência. Começo por falar do corpo lésbico junto a Monique Wittig e Simone de Beauvoir e sigo, pensando a subversão do objetivo da reprodução assistida e a reprodução lésbica enquanto resistência. Avanço para pensar o que significa a supressão do sujeito masculino, questões da carga genética, a eliminação do ato sexual da reprodução e o princípio da autocobaia como estratégia política. Aqui penso com Silvia Federici, Paul B. Preciado, Rosemary Betterton, Marcela Tiboni e R. C. Lewontin num diálogo entrecortado pelas obras *Doador para ICSI*, *Doadores liberados* e *Transferência de embriões congelados*.

Chego à conclusão desta pesquisa percebendo que ainda que parte dela se encerre, muitas outras possibilidades se abriram no processo. “~~Talvez seguisse pelo gestar~~ Em conclusão” trata de resgatar os principais encontros desse percurso e pensar as suas contribuições diretas para o campo da arte. Além disso, me debruço sobre os caminhos possíveis que minha pesquisa e prática artística podem seguir no futuro.

No campo de anexos inseri os links para a gravação do evento Círculo de Conversas, realizado no decorrer desta pesquisa, em que apresentei o andamento da investigação e conversei com as artistas Luana Aguiar, Regina José Galindo e Roberta Barros. Além disso, constam nos anexos a entrevista realizada via e-mail com a artista sérvia Marta Jovanovic e a lista de doadores de um banco de esperma.





I.

Há em mim tantas personas?

# I.

## Há em mim tantas personas?

### I.1 Quando se encerra a performance de um corpo que tenta reproduzir?

“Apenas a arte trabalhando junto com a práxis biopolítica pode gerar mudanças.”<sup>29</sup>

Quero aproximar a performance da reprodução assistida.

Começemos por entender um pouco mais sobre o enunciado na performance. “Muito objetivamente, o programa é o *enunciado* da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio. [...] É esse programa/enunciado que possibilita, norteia e move a experimentação. Proponho que quanto mais claro e conciso for o enunciado – sem adjetivos e com verbos no infinitivo – mais fluida será a experimentação. Enunciados rocambolescos turvam e restringem, enquanto enunciados claros e sucintos garantem precisão e flexibilidade.”<sup>30</sup>

O que proponho, Eleonora, é submeter meu corpo lésbico aos tratamentos de reprodução assistida. Precisei ajustar esse enunciado uma e outra vez a cada negativo que recebia. Havia partido da proposta de engravidar e demorei alguns ciclos para entender que se tratava mais da reprodução do que de seu possível resultado.

Outra coisa que me interessa na sua fala é o “sem ensaio prévio”. Me pergunto se cada tentativa negativa seria um ensaio. O fato é que o corpo acaba se acostumando com os procedimentos, ainda assim, a cada ciclo a resposta aos estímulos hormonais é diferente. E, embora saiba, por exemplo, qual vestimenta irei utilizar e em qual sala o procedimento irá acontecer, desconheço o combo de efeitos colaterais que experimentarei a cada tentativa. Concluo que não há ensaio na reprodução. Também porque eu sou a

29 PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições. 2018. p. 377.

30 FABIÃO, 2013, p. 4. Grifos da autora.

única que avanço por entender aqueles procedimentos enquanto performance. Médicas, embriologistas e enfermeiras ali performam desavisadamente, ainda que partam do mesmo enunciado que eu.

Seguindo com Eleonora, ela avizinha os termos performance e prática. “Uma prática de criação de corpo que só pode acontecer no confronto direto com o mundo; e ainda, uma prática de criação de mundo que só pode nascer do confronto direto com o corpo.”<sup>31</sup> Entre mundo e corpo o que pergunto é como criar esse corpo lésbico que reproduz e que parece invisível. Ou como chafurdar o entorno para que eu caiba?

Acreditar na performance como disciplina ideal para o que aqui proponho parece encontrar respaldo em muitas afirmações de Eleonora. E por isso, volto a ela. “Cabe ao criador interessado em continuar investigando possibilidades de arte, de pensamento, de materialidade, de mundo através do seu trabalho (como fez Duchamp), seguir desfamiliarizando o familiar e gerando espaço para que outras formas de vida, de instituição, de produção e recepção possam ser articuladas, propostas, vividas.”<sup>32</sup> Tomo de empréstimo o familiar aqui desviando-o para a literalidade e invertendo essa ordem. O que busco é performar a reprodução de um casal de mulheres, exatamente para torná-la familiar e gerar espaço. Como já disse, para caber.

Gosto de pensar que quando duas mulheres reproduzem e constituem família, há um movimento migratório de quem pertence à margem (lésbicas) em direção ao centro (famílias heteronormativas). E me parece muito claro que todos os obstáculos legais e sociais que encontramos no processo também percebem esse fluxo. “Esse exame relativamente novo do material da performance empreendido por um florescente grupo de pesquisadores levou essa forma de expressão artística das margens da história para o centro de um discurso intelectual muito mais amplo.”<sup>33</sup> Parece, Roselee, que a performance também ecoa o mesmo movimento margem-centro que proponho e que é tão caro a esta pesquisa.

Chego à obra *Ayuda Humanitária* da artista espanhola Núria Güell. Não à toa. Núria ecoa e explicita o trânsito margem-centro. A proposta é casar-se com um cubano para facilitar os meios para que ele consiga os papéis e permissões de cidadania espanhola em troca de utilizá-lo como obra de arte. “Utilizaria o amor como meio para enganar a burocracia cubana e espanhola.”<sup>34</sup> A obra data de 2008 a 2013 e se encerra com o divórcio.

---

31 FABIÃO, 2013, p. 10.

32 Idem, p. 8.

33 GOLDBERG, 2016, p. 217.

34 GÜELL, Núria. *Ayuda Humanitária*. Disponível em <https://www.nuriaguell.com/portfolio/ayuda-humanitaria/> Acesso em 03 set 2021. Tradução minha.

Quando submeto meu corpo à reprodução, coincido com Núria. Assim como ela, o que me interessa é fazer uso do que está posto para tornar visível. Subverter o sistema, no caso dela burocrático, no meu reprodutivo. O que muda talvez seja essa possibilidade de vislumbrar um fim. Núria não volta nunca a ser solteira, mas se divorcia.

[Quando se encerra a performance de um corpo que tenta reproduzir?]

Tive um encontro fortuito com Rebecca<sup>35</sup> quando ela discutia as questões de arquivo e performance. Parece que, para alguns, a performance está imbricada na discussão sobre arquivo exatamente porque sua potência estaria no desaparecimento, já que ela acontece apenas no presente. Mas a ideia de que a memória não pode se alojar no corpo e lá permanecer parece não encontrar sentido para mim quando me proponho a performar uma reprodução. Meu corpo teso lembra de cada exame de sangue, cada vez que o espelho me invadiu, cada vez que enchi a bexiga.

Para além disso, me parece que a performance permite que um corpo vivo seja de fato arquivo. Penso que a reprodução enquanto performance impregna o corpo de memória, convertendo-o em arquivo. E mais, se dessa reprodução resulta uma criança, são dois os corpos impregnados e ambos permanecem.

[Talvez o que se precise repensar seja a noção de arquivo]

Novamente busco ecos. Encontro a obra *My Name is Janez Jansa* para me ajudar a pensar nas noções de arquivo e performance. Nessa obra, três artistas eslovenos mudam seus nomes para o nome do primeiro ministro da Eslovênia, Janez Jansa. Tornam literal uma frase conhecida do líder político: "Quanto mais de nós houverem, mais rápido atingiremos nossos objetivos."<sup>36</sup> Contraem multas, mudam o estado civil e embaralham a noção de identidade. Embora pareçam ficcionalizar a noção de arquivo, também o são.

Chego aqui também na tentativa de encontrar performances que resultam em câmbios definitivos. Como um filho ou um nome. Ou um corpo. Lembro da artista francesa Orlan quando submete seu corpo também a procedimentos cirúrgicos. Uma e outra vez. Incansavelmente modifica e publiciza esse corpo que dentre tantas outras coisas também nos fala de identidade. Assim como os artistas eslovenos e Orlan

---

35 SCHNEIDER, Rebecca. El performance permanece. In: TAYLOR, Diana; FUENTES, Marcela. Estudios avanzados de la performance. México: FCE, Instituto Hemisférico de Performance y Política, Tisch School of the Arts, New York University, p. 216-240, 2011.

36 JANSA, Janez. My name is Janez Jansa. Disponível em: <https://vimeo.com/46937250> Acesso em: 06 set. 2021. Tradução minha.

avançam na (des)construção da noção de identidade, penso que me submeto à reprodução também para desordená-la.

Me pergunto se a reprodução assistida no cenário de um casal de lésbicas seria uma (re)apropriação da maternidade, já que o patriarcado nos tenta tirá-la avançando nas discussões do corpo feminino fértil, chamando-o de doente por sua eventual infertilidade e nos apresentando como vítimas de nossa própria biologia. Esse corpo foi feito só para isso? O fato de não ovular rotula meu corpo como não-funcional? A minha maternidade é muito antes performática do que “natural”. Não é o meu corpo que me obriga à maternidade, sou em quem deliberadamente o manipulo para isso.

Apesar de não encontrar artistas que performem a reprodução assistida para um casal de mulheres durante esta pesquisa, encontro algumas obras que se avizinham ao que proponho. ¡Madres!, do coletivo mexicano Polvo de Gallina Negra, formado pelas artistas Mónica Mayer e Maris Bustamante, é uma delas. “Nós pensamos ¡Madres! como forma de integrar arte e vida, pois naquela época para nós, ambas com filhas muito pequenas, a maternidade era o eixo central da nossa experiência. Assim, a partir de então, nos apresentamos como o único grupo que acredita no parto pela arte e continuamos a afirmar que engravidamos para investigar a fundo o assunto que nos interessa. Naturalmente, para esse feito, havíamos contado com a ajuda de nossos maridos, que, como artistas, entenderam perfeitamente nossas intenções. Como boas feministas, tínhamos filhas e, para testar nossa precisão científica, Yuruen e Andrea nasceram em 1985, o ano do terremoto, com apenas três meses de diferença.”<sup>37</sup>

Na obra, elas performam a gravidez. A reprodução ainda não é questionada desde o ponto de vista heteronormativo, mas já se delinea enquanto questão. Não há uma manipulação do corpo com hormônios sintéticos, mas a reprodução parece já iniciar seu trânsito se afastando do quarto e esboçando uma aproximação política.

Uma outra questão que me aparece imediatamente quando penso a reprodução enquanto performance é a necessidade de assumir as rédeas do meu corpo e apresentar um corpo sexual que se distancia do olhar masculino a que estamos todas acostumadas. E com os quais muitas vezes somos forçadas a nos identificar:

[Como me vejo enquanto reproduzo?]

---

37 MAYER, Monica. ¡Madres! Disponível em: <http://archivoarte.uclm.es/obras/madres/> Acesso em: 03 set 2021. Tradução minha.



“A re-inscrição do corpo feminino na arte de maneiras que transgridam suas fronteiras pode ser vista como parte de uma tentativa de visualizar os aspectos reprimidos, corpóreos e não-regulamentados de nós mesmas.”<sup>38</sup> Exato, Rosemary. Também por isso performo a reprodução.

Muitas dessas ações performo através da câmera. “Seja qual for o seu uso nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais para todas as ações violentas e heroicas.”<sup>39</sup> A videoperformance parece se ancorar um pouco nessa utilidade do espelho, Virginia. Buscando esse reflexo que autentica os atos violentos ao passo que os torna de certa forma heroicos. A reprodução assistida para um casal de mulheres parece estar exatamente nesse lugar que avizinha violência e estratégia de resistência. ~~Há quem chame de heroísmo.~~

## 1.2 Apenas nos interessa um olhar objetivo?

Quando me proponho a performar a reprodução, entrelaço vida e performance talvez na tentativa de explicitar a linha tênue que as separa. “Para as mulheres, autoria e subjetividade são questões políticas. O problema reside na forma como o eu enquanto sujeito e enquanto artista deve ser representado.”<sup>40</sup> Me pergunto, Rosemary, se é possível diferenciar essas personas no que aqui proponho. ~~Janez Jansa, Janez Jansa e Janez Jansa nunca respondem se performam ou vivem.~~

[Há em mim tantas personas?]

Há algo de poético nisso, mas muito mais do que há é político. Uma existência lésbica já é em si política. Penso que talvez essa seja a única experiência possível para o meu corpo. Não seria diferente na minha aproximação artística. “É verdade que você não pode produzir nada que valha a pena, a menos que você fale sobre o que importa em sua vida.”<sup>41</sup> De fato, Silvia, as vezes só me importa é resistir.

“Para a artista, este sentimento de que ela própria é o texto implica que haja pouca distância entre a sua vida e a sua obra.”<sup>42</sup> Gosto de pensar, Susan, que parte dessa confusão surge porque nesta pesquisa, muitas vezes, quem inscreve é o meu corpo.

38 BETTERTON, Rosemary. *Intimate Distance: Women, artists and the body*. Londres: Editora Routledge, 1996. p. 18-19. Tradução minha.

39 WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014, p. 55.

40 BETTERTON, 1996, p. 161. Tradução minha.

41 FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019, p. 57.

42 GUBAR, Susan. A “página em branco” e questões acerca da criatividade feminina. In: MACEDO, Ana Gabriela (org.). *Gênero, Identidade e Desejo: Antologia crítica do Feminismo Contemporâneo*. Ed. Cotovia. Lisboa. 2002. p. 108.

Alterno entre um olhar externo que tenta falar com algum distanciamento sobre a reprodução assistida e um olhar mais interno, ao passo que experiencio na pele o que é reproduzir. Sou ao mesmo tempo pesquisadora e objeto de estudo. Mais uma vez me interesso pelo apagamento dos limites entre uma coisa e outra. Entre investigadora e objeto. Entre vida e arte. Entre reprodução e performance.

“A falta de distanciamento crítico é o maior problema. Como analisar lucidamente, objetivamente, fenômenos *em processo*, que se confundem com nossas próprias vivências?”<sup>43</sup> De fato, precisamos estar atentas para legitimar nossos processos. Penso que há maneiras para experimentar esse trânsito de aproximação e distanciamento com o que investigo. Como quando coincido com outros artistas e teóricos.

[Apenas nos interessa um olhar objetivo?]

[O que podem aportar nossas vivências ao que produzimos cientificamente?]

Não encontro para mim outra saída. “Como nos disse Marie-Laure Bernadac, a arte e a vida, mantendo-se a seus olhos indissociáveis, fazem com que o discurso da obra e a história pessoal do artista encontrem-se sempre estreitamente imbricados.”<sup>44</sup>

Mas também preciso dizer que essa aproximação vida e arte não é inocente. Me interesso por sua potência. Investigativa e criativa. “O corpo performativo não para de oscilar entre a cena e a não-cena, entre arte e não arte, e é justamente na vibração paradoxal que se cria e se fortalece.” Concorde, Eleonora. O meu corpo também performa na vida.

Do ponto de vista político, publicizar minha reprodução na academia e na arte a retira do individual para jogá-la na arena do público. Me parece que só através do trânsito vida-arte-vida posso estabelecer diálogo e caminhar para entender o que pode essa reprodução.

[E o que pode minha reprodução?]

E mais, como posso falar dessa reprodução? Aqui, performo duas vezes. Corpo e escrita performativa. “[...] [Laurie] Anderson mostrava as falhas que inevitavelmente ocorrem quando se utiliza material autobiográfico.

43 CATTANI, 2002. p. 45.

44 TESSLER, Elida. Coloque o dedo na ferida aberta ou a pesquisa enquanto cicatriz. In: BRITES, Blanca e TESSLER, Élide (orgs). O meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002. p. 107.

Não havia mais apenas um passado, mas dois: 'há o que aconteceu e há o que eu disse e escrevi sobre o que aconteceu' – tornando opaca a distinção entre performance e realidade."<sup>45</sup> De fato, não estou sozinha, Roselee.

### 1.3 Me pergunto se continuo sendo necessária quando potência

Encontro uma urgência de falar sobre quem aqui escreve. Sou uma mulher cis, lésbica e racializada. Esses marcos estão impregnados na minha investigação.

Sou uma mulher cisgênero. Portanto, me identifico com o gênero atribuído a mim no meu nascimento a partir do sexo que carrego. Ainda que fale aqui com pares transgêneros, sempre que parto do meu corpo em tentativa de reproduzir, tenho, ~~infelizmente~~, que recorrer inúmeras vezes aos órgãos que carrego e que caracterizam um corpo biologicamente feminino. Com isso não tenho nenhuma intenção de negar outros corpos que reproduzem. Apenas por ser o meu corpo que apresento em performance, elejo esse como recorte desta investigação.

Lésbica. " 'Você é nada mais que uma mulher' quer dizer que você é defeituosa."<sup>46</sup> Pergunto, Glória, se já a mulher é tida como fracassada, o que experimenta uma lésbica? Simone reitera: "[...] está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada."<sup>47</sup> E insiste em aproximar a homossexualidade à inversão e à anormalidade<sup>48</sup>. Pêdra<sup>49</sup> me é ainda mais direta. "Seu desejo já é fracasso." Parece, de fato, que fracasso duas vezes sendo uma mulher lésbica, Pêdra.

E se me pergunto a quem serve esse nosso fracasso, Audre se antecipa em responder: "A rejeição institucionalizada da diferença é uma necessidade absoluta numa economia centrada no lucro que precisa de *outsiders* ocupando o papel de pessoas descartáveis."<sup>50</sup> Somos necessárias.

45 GOLDBERG, 2016, p. 162.

46 ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a una nova consciencia. Revista Estudos Feministas. Florianópolis: UFSC, 13(3): 704-719, setembro-dezembro, 2005. p. 710.

47 BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a. Volume I: Fatos e mitos. p. 12.

48 BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b. Volume II: A experiência vivida. p. 161-182.

49 Em 13 de abril de 2021 participei do projeto Anti-análise com a artista Pêdra Costa. Pêdra foi a primeira a me aproximar das noções de fracasso que volto a explorar com mais afinco mais à frente, no capítulo 3 desta tese.

50 LORDE, Audre. Irmã Outsider: Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019, p. 144.

[Me pergunto se continuo sendo necessária quando potência]

Racializada. Assim como Regina, sou pequena. Tenho 1,59m. Mas não sou frágil. “Não me designe por um físico, porque meu físico corresponde a meu povo e à minha origem.”<sup>51</sup> Trazer na pele os traços da mistura racial decorrente do processo de colonização no Brasil é bem diferente de ser lésbica. Longe da invisibilidade, sou como uma espécie de alvo. A primeira vez que estive na Alemanha, com 19 anos, achei que havia sentado em lugar proibido para mulheres devido aos olhares que me atravessavam. Estava mais acostumada ao machismo do que ao racismo. Mas percebi logo que esse não era o caso, estava rodeada de mulheres brancas.

“Qualquer artista que venha das Américas parece ser fraca e vulnerável, né? Nunca fomos submissas, estamos em luta desde o dia que nascemos.”<sup>52</sup> Não nos sobra muitas outras alternativas. Regina fala da Guatemala e aqui do Brasil ouço o eco.

No Brasil, as minhas experiências enquanto racializada são recorrentes. “Essa é sua tia neguinha!” Era de mim que se falava, ainda que isso me tenha sido dito entre sorrisos. De fato, Boaventura, “o colonialismo não terminou com o fim do colonialismo histórico baseado na ocupação territorial estrangeira. Apenas mudou de forma.”<sup>53</sup> Não podia estar mais claro.

[Não há espaço para sutilezas no racismo<sup>54</sup>]

[Não há sutileza nas pedras]

\*

Me parecia que a ideia de exílio estava atrelada a outras coisas. A uma espécie de guerra e bombardeios. Começo a desconfiar que nunca imaginei sorrisos nas guerras por pura ingenuidade. Talvez hoje amargure um exílio. Um desejo legítimo de resistir em conjunto, de não estar longe dos pés fincados que me ergueram. Me convencem que resisto à distância, ao pensar. Volto para resistir enquanto corpo nu, minha melhor fala. E de novo abandono, rumo a uma desconfortável e

51 Fala de Regina José Galindo, no Círculo de conversas – Nos deixem falar com Regina José Galindo, na plataforma virtual Zoom, em 25 janeiro de 2021. Tradução minha. (Vide Anexos).

52 Ibidem.

53 SANTOS, 2019, p. 164.

54 Escrevo e rasuro em seguida ao lembrar dos episódios de xenofobia que presenciei durante a estadia em Portugal para realização de parte desta pesquisa. Em um deles, estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa fizeram uma instalação com uma caixa identificada como “loja de *souvenirs*” em que se oferecia pedras grátis para se atirar a um “zuca”.

egoísta segurança. Em que momentos devemos abandonar resistência, conforto e distância?<sup>55</sup>

\*

Gostaria de me demorar apenas um pouco mais pensando sobre o que me constitui enquanto racializada, e mais, no que isso implica. Parece que a minha subjetividade, atravessada pelo contexto que me circunda, ferra minha maneira de ser no mundo. Mas essa subjetividade é calada toda e cada vez que não se vê refletida nos discursos teóricos, epistemológicos e políticos. Mais uma vez, invisibilizada. Fazendo uso de palavras que não são minhas. Corpos que não são o meu.

Como mulher, lésbica e racializada penso que, seguramente, falo da margem. Mas me recuso a não reconhecê-la enquanto potência. Sigo com Grada. “a margem não deve ser vista como mero espaço periférico, de perda e privação, mas espaço de resistência e possibilidade.”<sup>56</sup> E mais, “a margem é um lugar que alimenta a nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar novos mundos, e novos discursos alternativos”<sup>57</sup>. Obrigada, Grada. Me são muito caras essas noções de margem. E com elas sigo a partir daqui.

Quando penso desde a margem dentro da academia, me pergunto o que estou autorizada a falar, como falar, a partir de qual lugar falar. Ainda que atualize nossa discussão, me parece que coincido com Adrienne quando ela diz que “apenas certo tipo de pessoas pode formular o que quer que seja; que o feminismo branco de classe média pode ter conhecimento em nome de ‘todas as mulheres’; que a formulação somente deve ser tomada a sério quando formulada por uma mente branca.”<sup>58</sup>

Que fique claro: não me interessa a autopiedade! Mais uma vez, quero apostar na potência. “Tornar possível a passagem da vitimização à resistência é, afinal, a tarefa política mais importante da sociologia das ausências: desnaturalizar e deslegitimar mecanismos específicos de opressão.”<sup>59</sup> Aqui, Boaventura, quero pensar a academia como local de resistência e a escrita como mecanismo de opressão.

Mas sobre isso me debruçarei mais à frente.

---

55 Texto escrito em trânsito entre Brasil e Portugal, enquanto no Brasil se projetava a eleição de Jair Bolsonaro com seu discurso racista, homofóbico e autoritário.

56 KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidianos. Lisboa: Orfeu Negro, 2019, p. 67.

57 Idem, p. 68.

58 RICH, Adrienne. Notas para uma política da localização (1984). In: MACEDO, Ana Gabriela (org.). Gênero, Identidade e Desejo: Antologia crítica do Feminismo Contemporâneo. Lisboa: Ed. Cotovia, 2002. p.34.

59 SANTOS, 2019, p. 53.

## 1.4 Me pergunto quem controla a construção dos nossos corpos

\*

Acordei outro dia e o que me havia restado de ontem era, mais uma vez, meu corpo. A veces mi peso me parece demasiado. Normalmente essa sensação coincide com a menstruação que se aproxima. *La sangre pesa*. A casa, mais uma vez, acumula pó e cabelo em todos os cantos. A quantidade de cabelo pelo chão denuncia as três mulheres que aqui moram. O dia mal começou e já anuncia seu fim. As horas são consumidas pelas painéis e pelas aulas. *Algunas veces por las dos al mismo tiempo*. Minhas frases curtas respondem às inúmeras interrupções. A pequena Marina me chama para ver que escreveu “tambêm” com acento circunflexo. Paro, olho, sorrio. *E vuelvo a escribir*. Até o interfone avisar que as compras chegaram ou o telefone tocar com um número 011. Descobri que os sistemas de telemarketing se solidarizam quando você diz que está desempregada e não lhe roubam muito tempo. A última desejou que Deus me desse um novo emprego em breve. Não encontro tempo e tampouco sei o que faria com ele. *He quebrado algunos huevos*. Já estou confinada há mais de 100 dias e faço pão para materializar meu desejo de produzir algo. Minha esposa já me perguntou algumas vezes se esse podia ser o fim da humanidade, e eu penso que preciso produzir antes que o mundo acabe. Espero que meu útero expurgue, junto ao sangue, toda essa lógica capitalista que me consome<sup>60</sup>.

\*

Corpo. Meu corpo<sup>61</sup>. Tomo-o como objeto por ora.

“Começar, assim, não por um continente, por um país ou por uma casa, mas pela geografia mais próxima – o corpo.”<sup>62</sup> Daqui falo Adrienne, também por entender o meu corpo em trânsito, longe de sua raiz

60 DO VALE, Mariana. In: OVÍDIO, Lara (org.) *Hacia calor y Usábamos Máscaras/Fazia Calor e Usávamos Máscaras*. Rio de Janeiro/Cidade do México: Ediciones Lobos Marinos de um Solo Pelo, 2020. Disponível em: <https://archive.org/details/faziacalor-yusabamosmascaras> Acesso em: 12 set. 2021.

Texto escrito por mim, produzido durante a pandemia de Covid-19 no Brasil para participar de um *live* no Instagram com a artista Lara Ovídio, sob o título de “Com quantos diários se faz uma quarentena?” Posteriormente o texto foi publicado no e-book bilíngue *Fazia Calor e Usávamos Máscaras*, com organização de Lara Ovídio e textos de 17 autoras.

61 “Quando escrevo ‘o corpo’, não vejo nada em particular. Escrever ‘o meu corpo’ faz-me mergulhar numa experiência vivida, numa particularidade: vejo cicatrizes, desfigurações, descolorações, males, perdas, assim como coisas que me agradam. [...] Dizer ‘o meu corpo’ reduz a tentação de fazer declarações grandiosas.” (RICH, 2002. p.19)

62 Ibidem, p.17.

fincada<sup>63</sup>, como única possibilidade de apropriação do meu lugar de fala. E desse lugar dependo não para emitir palavras, mas para existir.

“[...] para muitas mulheres que eu conhecia, a necessidade de começar com o corpo da mulher – o nosso próprio corpo – foi vista, não como a aplicação de um princípio marxista à mulher, mas como localização do território do qual se possa falar com autoridade *como* mulher. Não transcendendo este corpo, mas sim reclamando-o. Restabelecer a ligação do nosso modo de pensar e falar com o corpo deste ser humano vivo e individual, a mulher.”<sup>64</sup> Para mim também, Adrienne. Parece-me que, de fato, a única forma de descobrir não só como falo, mas como reproduzo, é abordando esse corpo que carrego.

Encontrar um corpo possível, portanto, também para a escrita. Que é outro, que resulta de vários diálogos com outras estruturas. Não basta me entender corpo de mulher, é preciso ver de que está rodeado esse corpo. “Finalmente, enquanto o corpo feminino é visto como uma fonte direta da escrita feminina, um poderoso discurso alternativo aparece como possível: escrever o mundo a partir do corpo é recriar o mundo.”<sup>65</sup> Exatamente, Ann, para a partir desse lugar bagunçar o que está posto.

“O corpo feminino tem sido objeto de medo devido à sua capacidade de se articular.”<sup>66</sup> Não poderia ter dito de melhor forma, Susan. Enquanto escrevo este texto, acompanho com temor a retomada de poder do governo Talibã no Afeganistão. O medo é que às mulheres, novamente, lhes proibam a escola e lhes imponham o uso absoluto da burca. Não é à toa que não só nos calam, como nos cobrem da cabeça aos pés.

[Quão perigoso é um corpo de lésbica que se reproduz?]

O corpo feminino como discurso, como instrumento capaz de intermediar uma negociação entre nós enquanto sujeito e as estruturas sociais. Capaz de criar outro vocabulário para contestar seu lugar. É aquilo que levamos para todos os lugares e travestimos ou desnudamos para que ele fale tanto ou mais que nossas bocas e escritas. “Os nossos corpos, nós mesmas; os corpos são mapas de poder e identidade.”<sup>67</sup>

63 Refiro-me ao deslocamento Brasil-Portugal a que me submeti durante a realização desta pesquisa.

64 RICH, 2002, p.17-18.

65 JONES, Ann Rosalind. Escrever o corpo: Para uma compreensão de L'Écriture féminine. In: MACEDO, Ana Gabriela (org.). *Gênero, Identidade e Desejo: Antologia crítica do Feminismo Contemporâneo*. Lisboa: Ed. Cotovia, 2002. p.83.

66 GUBAR, 2002, p.100.

67 HARAWAY, Donna. O manifesto ciborgue: a ciência, a tecnologia e o feminismo socialista nos finais do século XX. In: MACEDO, Ana Gabriela (org.). *Gênero, Identidade e Desejo: Antologia crítica do Feminismo Contemporâneo*. Lisboa: Ed. Cotovia, 2002, p.248

Exato, Donna. Não à toa elejo o corpo e a escrita como ferramenta para falar dessa reprodução a que me submeto.

Mas que corpo é esse? O corpo enquanto construção parece em si carregar uma história individual – marcada por cicatrizes e pedaços perdidos – e coletiva, como o é o corpo de uma mulher<sup>68</sup>. “O próprio corpo se torna local de inscrição social e política, em vez de uma dada verdade biológica.”<sup>69</sup> De fato, Rosemary, as meninas estão menstruando mais cedo devido à alimentação: o corpo biológico é também construído.

[Me pergunto quem controla a construção dos nossos corpos]

“[...] *coloque o dedo na ferida aberta*. Lá, onde há sensibilidade, carne ou nervo exposto, há também possibilidade de um novo corpo.”<sup>70</sup> Percebo que gosto de pensar a reprodução enquanto ferida. Obrigada por isso, Elida.

## 1.5 A escrita como raiz e como instrumento que empodera

Se já falei de performance e corpo, resta-me falar da escrita. Mas não me distancio muito do que venho alinhavando até aqui: falo de uma escrita performativa.

Ainda que tenha ouvido com alegria da professora e curadora Ana Rito em uma de suas aulas que eu não devia explicar o meu vocabulário, apenas assumi-lo, começo por tentar conceitualizar essa escrita performativa que pratico. Caminho um pouco com Della<sup>71</sup>.

Quando penso em uma escrita que reflita exatamente o que discute, não perco de vista os argumentos que consideram a linguagem acadêmica universal. Mas, assim como Della<sup>72</sup>, penso que essa linguagem, ao se propor neutra, exclui os discursos subalternos.

---

68 Tendo em vista que já delimito que corpo é esse que aqui escreve e que no capítulo quatro me aprofundo um pouco mais nas possibilidades do corpo lésbico, aqui me permito falar do corpo da mulher de forma generalizada, se é que isso é possível.

69 BETTERTON, 1996, p.15. Tradução minha.

70 TESSLER, 2002, p.106. Grifo da autora.

71 POLLOCK, Della. *Performing Writing. The Ends of Performance*. Ed. Peggy Phelan and Jill Lane. New York: New York UP, p. 73-103, 1998.

72 “Reivindicações por tal escrita pressupõem uma teoria da correspondência da linguagem que apaga as questões de voz, estilo e diferença e “nivela” as relações entre a linguagem e o público, recusando não apenas as intermináveis mediações e negociações que compõem sua relação e os significados que dela decorrem, mas o reconhecimento de reivindicações subalternas sobre o uso da linguagem que uma democracia plural de leitura / escrita mais genuína acarretaria.” (POLLOCK, 1998, p. 77. Tradução minha).



[Me pergunto se essa escrita foi pensada também por mulheres]

E já que aqui me proponho a discussões sobre a reprodução a partir de um corpo de mulher, lésbico e racializado, estou segura de que falo muito mais próximo dos discursos marginais.

~~Uma vez ouvi, no espaço acadêmico, que meu texto era quase literário e que não podia ser só uma metáfora. Me pergunto se a metáfora sempre foi uma estratégia de escrita para nós subalternas.~~

Se me demoro em pensar que escrita é essa e como ela se dá, não me parece que esbarre na irreprodutibilidade. “A escrita performativa é, portanto, nem mais nem menos formalmente inteligível do que um sinal de trânsito ou um marco: seus estilos podem ser numerados, ensinados e reproduzidos, mas seus significados são contextuais.”<sup>73</sup> De fato, Della, é completamente possível reproduzir uma escrita que faz uso de frases curtas, frases tachadas e termos medico-científicos, mas me parece que ela só fará sentido em contextos específicos. O que procuro é uma escrita que performe a reprodução a que submeto meu corpo. Uma escrita que é construída de forma teórico-prática. Que nasce enquanto ideia, mas que só encontra forma no durante da pesquisa e da experimentação artística.

Busco uma escrita que ecoe, mas que também encontre saídas para a difícil tarefa de verbalizar o que vivencia um corpo. “A escrita performativa evoca mundos que são intangíveis do outro lado, não localizáveis: mundos de memória, prazer, sensações, imaginação, afeto e visão.”<sup>74</sup> Isso, Della. Também já ouvi que minha escrita fazia uso de palavras que para as mulheres tinham um significado muito pungente.

[Penso que a isso se propõe essa escrita: tocar o corpo com palavras]

[Penso que a isso se propõe meu corpo em performance: tocar as palavras com o corpo]

~~Quem sabe vocês sintam o quão inchada fiquei após 35 injeções de hormônios para estimulação ovariana.~~

Sigo com Della em encontros fortuitos que nomeiam o que eu experimento nesta escrita. “A escrita performática é citacional. Operando novamente no interstício da escrita e da performance, e talvez mais estritamente informada por discursos de textualidade do que outros modos de escrita performativa, a escrita citacional cita um mundo que é sempre já performativo - que é composto em e como repetição e

73 POLLOCK, 1998, p. 79. Tradução minha.

74 Idem, p. 80. Tradução minha.

reiteração. A escrita citacional encara a escrita como reescrita, como a repetição de determinadas formas discursivas que se excedem no “tempo duplo” da escrita performática e, assim, expõem a fragilidade da identidade, da história e da cultura constituídas em ritos de recorrência textual.”<sup>75</sup>

Não à toa, converso. O tempo todo utilizo vozes cirurgicamente selecionadas através das quais falo. Ainda que teça aqui considerações sobre um tema bastante ~~silencioso~~ silenciado, principalmente no âmbito artístico-acadêmico, faço uso de quem já falou para ir construindo o corpo que coloco em performance. Construo uma abordagem única, mas que se sedimenta em muitas outras falas. Faço isso o tempo todo.

Não só converso, como pergunto<sup>76</sup>. Principalmente porque me interessa pela potência da tríade que se forma a partir de outras falas, das minhas perguntas e do que você pensa ao me ler. “A retórica performativa é performativa na medida em que opera dentro dos circuitos da resposta do leitor. As realidades que projetam pressupõem negociação. Eles envolvem o leitor não como o sujeito / objeto de persuasão de uma dada reivindicação de realidade, mas como um co-escritor, co-constituente de uma prática normativa provisória, incerta.”<sup>77</sup> Não performo a escrita sozinha, Della.

\*

A pandemia sobrecarrega sobre nossos ombros e nossa produção artística resulta em frases curtas e pensamentos entrecortados pelo almoço, dever de casa e a limpeza. É preciso ter consciência que não só na vida, mas também na academia [ainda que me custe encontrar essa divisão didática] a escrita da mulher difere. A escrita de uma artista difere. A escrita de uma nordestina difere. Precisamos nos apropriar do nosso lugar de fala<sup>78</sup>.

O mesmo corpo que escreve é sujeito no mundo. Se meu corpo é invadido nas ruas, a minha escrita está também atravessada. Permitir que o nosso corpo de mulher pautado não só nossa conduta artística, mas também nossa escrita, me parece ser uma estratégia legítima de encontrar *sobre* e principalmente *como* podemos falar.

75 POLLOCK, 1998, p. 92. Tradução minha.

76 “Por fim, talvez queiramos um saber mais indisciplinado, mais perguntas e menos respostas.” (HALBERSTAM, Jack. A arte queer do fracasso. Recife: Cepe, 2020, p. 31)

77 POLLOCK, 1998, p. 95. Tradução minha.

78 Trechos do texto lido por mim durante a mesa redonda “Arte na pandemia: como o isolamento e a crise política/sanitária atravessam a produção artística”, da qual participei no dia 24 de julho de 2020, como parte da programação do “I COMU-NIC-Ação: pesquisa, ensino e democracia”, evento promovido pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia e pelo Departamento de Comunicação Social da UFRN (Natal/Brasil). Neste período vivíamos a pandemia da COVID-19.

A pandemia não criou uma nova realidade para as mulheres. Explicitou uma situação já existente, no máximo a exacerbou. Ainda assim, os efeitos são cruéis. As pesquisas sobre o assunto se amontoam, sinalizando que a produção científica das mulheres diminuiu drasticamente e que as mulheres só encontram espaço de criação e reflexão nas madrugadas, quando a casa limpa dorme. Ainda que Glória<sup>79</sup> tenha nos dito que escrevamos de qualquer lugar, do banheiro, da cozinha, mas que não esperemos ter um teto todo nosso<sup>80</sup>, não tem nos bastado decidir que iremos encontrar tempo para escrever. Parece, Glória, que esse tempo não existe.

\*

Volto a me perguntar sobre essa escrita que está dada e da qual deveríamos fazer uso. ~~Talvez o primeiro passo fosse decodificá-la para encontrar o sistema socio-simbólico que ela traveste.~~

“Uma crítica radical da literatura, feminista no seu impulso, tomaria a obra, antes de mais, como uma indicação da maneira como vivemos, de como temos vivido, de como nos têm vindo a orientar no modo como imaginamos, de como a nossa linguagem nos tem aprisionado assim como nos tem libertado, de como o próprio acto de nomear tem sido, até agora, uma prerrogativa masculina, e de como podemos começar a ver e a nomear – e, portanto, a viver – de novo.”<sup>81</sup> Também por isso, Adrienne, penso que além de nos apropriarmos e, quiçá, inventarmos nossa escrita, é preciso performá-la. Nessa tentativa de encontrar nosso próprio assunto, nosso próprio sistema, nossa própria teoria e nossa própria voz, que me fala Elaine<sup>82</sup>.

[Às vezes parece que o que preciso é reinventar minha língua-mãe]

Como disse, penso que a escrita performativa não se distancia do corpo. Pelo contrário, parece que se impregna dele para buscar suas particularidades. “A crítica feminista que tenta ser biológica, que tenta escrever a partir do corpo da pessoa que a produz, tem sido intimista, confessional e, muitas vezes, inovadora no estilo e na forma.”<sup>83</sup> Parece, Elaine, que é exatamente nesse lugar que se encontra minha escrita.

79 ANZALDÚA, Gloria. Falando em Línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em 22 jul. 2020.

80 Menção ao texto *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf.

81 RICH, Adrienne *apud* SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no deserto. In: MACEDO, Ana Gabriela (org.). *Gênero, Identidade e Desejo: Antologia crítica do Feminismo Contemporâneo*. Lisboa: Ed. Cotovia, 2002, p. 41.

82 SHOWALTER, 2002, p. 44.

83 *Ibidem*, p. 51.

A minha tentativa é de entender a partir da escrita um pouco mais sobre nós mesmas enquanto reproduzimos. Uma escrita que performa a reprodução. “Pulsão oral, pulsão anal, pulsão vocal – todas estas pulsões são as nossas forças, e entre elas está a pulsão gestativa – tal como o desejo de escrever: um desejo de viver o eu a partir do interior; um desejo da barriga grande, da linguagem, de sangue.”<sup>84</sup> Obrigada, Ann, por me ajudar a explicitar essa relação de forma irretocável.

Antes que pareça que falo de um ponto de vista pessoal, me antecipo em assumi-lo também político<sup>85</sup>. “A escrita reveste-se de um significado muito especial para todos os grupos colonizados.”<sup>86</sup> Interessa-me pensar uma escrita que amplie nossas possibilidades de alcance linguístico também em resposta ao nosso silenciamento histórico. Em resposta a tudo que nos foi negado enquanto ferramenta de expressão<sup>87</sup>.

Mais uma vez, não estou sozinha. “A escrita ciborgue é uma escrita acerca do poder de sobreviver; não pela força da inocência original, mas pela força de pegar nas ferramentas certas para marcar o mundo que as marcou como outras.”<sup>88</sup> Aqui, de fato, não somos inocentes, Donna.

A escrita me parece ser esse lugar de potência política, que, para além da poética, estabelece relações de poder. Não escolho palavras aleatoriamente. Busco sempre uma que serve mais. Uma que fala mais do que carrego. Nem sempre as encontro. Não sei se interessa à linguagem o que tenho a dizer. Talvez por isso pensar uma nova linguagem seja um dos caminhos possíveis. Uma linguagem que carregue em si outra verdade.

“[...] sou quem descreve a minha própria história, não sou descrita. A escrita emerge como acto político.”<sup>89</sup> Seguramente, Grada. Aqui coincidimos.

---

84 JONES, 2002, p. 81-82.

85 Fazendo uma clara referência ao manifesto “O pessoal é político”, da ativista feminista Carol Hanisch, escrito em 1969 e que questiona o argumento de que os temas do feminismo não seriam políticos. (HANISCH, Carol. *The Personal is Political*. 1969. Disponível em: <http://carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html> Acesso em: 14 set. 2021).

86 E segue: “A escrita é crucial para o mito ocidental da distinção entre culturas orais e escritas, mentalidades primitivas e civilizadas, e, mais recentemente, a erosão dessa distinção nas teorias “pós-modernas” que atacam o falocentrismo do Ocidente, com a sua adoração do trabalho singular, autoral, fálico e monoteísta, o nome único e perfeito. A competição sobre os significados da escrita é uma das principais formas de luta política contemporânea.” (HARAWAY, 2002, p.244).

87 “Há alguma evidência etnográfica de que, em algumas culturas, as mulheres desenvolveram uma forma privada de comunicação devido à necessidade de resistir ao silêncio que lhes era imposto na vida pública.” (SHOWALTER, 2002, p. 55, grifo meu).

E eu pergunto, *era*, Elaine? Audre nos diz e eu concordo. “[...] há muitos silêncios a serem quebrados” (LORDE, 2019, p. 54).

88 HARAWAY, 2002, p.244.

89 KILOMBA, 2019, p. 24.

Mas este lugar que elejo para escrever não é estéril. Quando escrevi *Pele adentro, pele afora: um corte íntimo*<sup>90</sup>, me utilizei da forma de um manifesto para fazer seu resumo. Alguns meses depois escutei que essa era uma estratégia contraproducente na academia. relatei o fato para um professor: “E não é exatamente isso que buscamos?” – ele me pergunta. Aqui eu respondo. Mais do que uma busca, me parece que há uma necessidade de reinvenção da escrita acadêmica. Para que nos caibam todas.

Sigo pensando em como caber academicamente sendo uma mulher colonizada. “Torna-se praticamente impossível falar, pois quando falamos, o nosso discurso é muitas vezes interpretado como interpretação duvidosa da realidade, e não suficientemente imperativo para ser dito ou escutado.”<sup>91</sup> Ouvir que meu discurso é contraproducente parece ilustrar bem isso, Grada.

[A escrita como raiz e como instrumento que empodera]

“Seja como for, fomos aprisionadas a uma ordem colonial violenta. Nesse sentido, a academia não é um espaço neutro nem mero espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e saber, é também espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a.”<sup>92</sup> Por isso, repito, escolho a academia como espaço para experimentar uma escrita que performa a resistência. E mais, para além de resistir à violência, o que me interessa é imaginar e criar novos cenários em que, talvez, caibamos todas.

~~Demoro talvez demais a perceber o meu lugar de colonizada na academia lusitana. Ainda que tenha sido convidada a calar quando expressei minha opinião ou quando disseram que a minha escrita se desqualificava por suas raízes metafóricas e poéticas. “Não basta!” Mesmo que estivesse — e esteja — propondo uma escrita que transita da margem para o centro (assim como minha teoria). Mesmo que minha escrita fosse nada mais do que uma experimentação prática de uma escrita decolonial<sup>93</sup>.~~

---

90 Dissertação aprovada pelo programa PPGAV/EBA da UFRJ em 2018 para obtenção do grau de mestra.

91 KILOMBA, 2019, p. 40.

Sobre isso também nos fala Boaventura: “Quando levado a cabo em instituições de investigação convencionais, esse trabalho é certamente encarado com desconfiança e considerado um tipo de investigação não rigoroso, com motivações políticas e, logo, não confiável.” (SANTOS, 2019, p. 184).

92 Idem, p. 51.

93 “Além disso, as estruturas de validação do conhecimento, que definem o que é saber “verdadeiro” e “válido”, são controladas por académicas/os brancas/os que determinam as suas perspectivas como exigências universais.” (SANTOS, 2019, p.53).

Gosto quando Paul me diz que é vulnerável diante da linguagem<sup>94</sup>. Para mim, não há, mais uma vez, inocência nisso. A vulnerabilidade aqui me parece escancarar o caráter político e não inclusivo da linguagem. Ao mesmo tempo que marca a sua potência subversiva na qual invisto performativamente. “Em 1954, o linguista John Austin afirmava que existe uma diferença entre os enunciados constataativos e os performativos. Os primeiros descrevem a realidade. Os segundos tentam transformá-la. Com os performativos, a linguagem converte-se em ação.”<sup>95</sup> Precisamente, Paul.

De todas as formas, me parece que performar a escrita na academia custa muito. Às vezes nossa sanidade, às vezes nosso reconhecimento, às vezes a legitimidade de nossas pesquisas, às vezes nosso dinheiro, às vezes nosso fôlego. Ainda que siga acreditando ser extremamente necessário.

“Tornar possível a passagem da vitimização à resistência é, afinal, a tarefa política mais importante da sociologia das ausências: desnaturalizar e deslegitimar mecanismos específicos de opressão.”<sup>96</sup> E aqui penso a academia como local de resistência e a escrita como mecanismo de opressão, Boaventura.

O desafio parece ser como fazer um uso subversivo das convenções de uma escrita que nos oprime e que até agora foi utilizada para nos definir para sair da margem.

[Parece que é preciso interromper para imaginar – e performar]

Sem mais, sigamos por pensar e performar essa reprodução de que falo, ora pelo corpo, ora pela escrita.

---

94 PRECIADO, Paul B. Um apartamento em Urano: Crônicas da Travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

95 Idem, p. 133.

96 SANTOS, 2019, p. 53.

2.

A mulher nasceu para servir

## 2.

### A mulher nasceu para servir

Seja à espécie, seja ao capitalismo, parece que a mulher nasceu para servir:

#### 2.1 Não há nada de biológico nisso!

Me pergunto para onde foram as certezas primitivas que libertavam a concepção da relação sexual quando larvas ancestrais nos engravidavam pelo pé<sup>97</sup>. Já veremos que a ciência nos surrupiou a liberdade. Ou foi o patriarcado? Ou ainda o capitalismo? Fato é que o que nos invade – talvez larva, talvez germe –, parece desde o princípio se assemelhar a qualquer coisa outra<sup>98</sup> que nos faz morada.

Mas não sem resistência. A fêmea<sup>99</sup>, passiva, como se supõe que deva ser, recebe. E é, antes disso, muitas vezes imobilizada, possuída, segurada, penetrada, violentada internamente. Se não pelos pés, pelos seus outros orifícios.

Dentro de si, uma verdadeira disputa. O útero vazio se deixa habitar quando perde para o corpo estranho que ali se implanta. Entre vômitos e dores de cabeça, a mulher abaixa a guarda. Está pronta para gestar enquanto corre os perigos de uma baixa imunidade. Serve à espécie.

“ [...] incessantemente, a mulher esboça o trabalho da gestação.”<sup>100</sup> Sim, Simone, ainda que não saiba se irá ganhar ou perder; o útero se prepara para viver gestação e aborto mensalmente. Não nos cabe cabia o controle desse corpo que talvez nem nosso era. À revelia, cresce dentro de nós um outro ser, que consome nossa individualidade e nos transforma fisicamente em alguma coisa cansada que carrega óvulo, mórula, blastocisto, embrião, feto.

---

97 “Pensou-se durante muito tempo, pensa-se ainda em certas sociedades primitivas de filiação uterina, que o pai não participa de modo algum da concepção do filho: as larvas ancestrais penetrariam sob a forma de germes no ventre materno.” (BEAUVOIR, 2019a, p. 35).

98 “Habitada por um outro que se nutre de sua substância fêmea é, durante todo o tempo da gestação, concomitantemente ela mesma e outra.” (Ibidem, p. 50).

99 “O termo fêmea é pejorativo não porque enraíza a mulher na natureza, mas porque a confina no seu sexo.” (Ibidem, p. 31).

100 Ibidem, p. 55.



[Seriam os vômitos tentativas de expurgar a espécie  
que recém se instala em nosso corpo?]

“O conflito espécie-indivíduo, que no parto assume um aspecto dramático, confere ao corpo feminino uma inquietante fragilidade. Diz-se constantemente que as mulheres ‘têm doenças no ventre’ e é verdade que encerram um elemento hostil: é a espécie que as corrói.”<sup>101</sup>

Dentro de nós reviram as entranhas, consomem a memória, estancam o sangue, dilatam. Nos fazem morada e nos inundam de estranhamento até que ele, o feto, ansioso por ver o mundo, abandona o corpo que o engendrou lacerado. Para trás fica uma mulher que talvez não esteja tão satisfeita quanto a espécie. Algumas vezes, não resta mulher alguma.

Enquanto sangra a mulher ~~deve~~ pode gerar. Esbanjando fertilidade e hormônios, muitas vezes, confunde isso com vitalidade. Quando se esgotam os óvulos, querem nos convencer que nosso tempo-vida parece estar em regressão. Me pergunto se não seria esse um momento legítimo de separação entre mulher e espécie. Poder ser qualquer coisa.

[Para onde vão os ovários de uma mulher menopausada?<sup>102</sup>]

Você acha que a menopausa é uma liberdade? “A menopausa é provavelmente uma liberação para as mulheres que tiveram o privilégio de fazer suas próprias escolhas, mas ainda não têm plena capacidade de viver essas escolhas e, certamente, para aquelas que não tiveram nenhuma escolha.”<sup>103</sup> Concorde, Marta.

Não podemos esquecer que a violência também tolhe nosso livre arbítrio. A potência de nossos corpos ainda pode ser, e é, silenciada. Se antes eu alertava para a não existência da palavra feminicídio no corretor ortográfico, hoje atualizo um aumento de 22% dos casos de feminicídio durante a pandemia do novo coronavírus no Brasil<sup>104</sup>. Nunca estivemos seguras. Nem mesmo em casa.

---

101 BEAUVOIR, 2019a, p.58.

102 Os ovários de uma mulher menopausada podem diminuir em atrofia a ponto de não aparecerem em um exame de imagem.

103 Diálogo entre mim e artista sérvia Marta Jovanovic via correio eletrônico. Vide *print* em Anexos. Tradução minha.

104 Número de casos de feminicídio no Brasil cresce 22% durante a pandemia. Universa. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/01/numero-de-casos-de-femicidio-nobrasil-cresce-22-durante-a-pandemia.htm>. Acesso em: 01 jun. 2021.

“Se o respeito ou o medo que inspiram a mulher impedem o emprego de violência contra ela, a superioridade muscular do homem não é fonte de poder.”<sup>105</sup> Parece, Simone, que nada impede que os poderosos nos matem.

Já nos dizia Silvia, em 1975, que as invasões ao nosso corpo sempre foram uma questão outorgada: “Somos estupradas, tanto em nossa cama quanto na rua, precisamente porque fomos configuradas para ser as provedoras da satisfação sexual, as válvulas de escape para tudo o que dá errado na vida dos homens, e os homens têm sido sempre autorizados a voltar seu ódio contra nós se não estivermos à altura do papel, particularmente quando nos recusamos a executá-lo”<sup>106</sup>.

Quando falamos das que entre nós são mães, desgraçadamente sou obrigada a perceber que a fêmea humana foi posta em outra rota<sup>107</sup>. Não conquistamos nenhuma autonomia na maternidade. O nome disso, como diria Silvia, é trabalho não remunerado. Sigamos por aí.

Se começarmos por pensar a reprodução como trabalho, antes mesmo de expandir a reprodução para tudo o que implica engravidar, parir e cuidar, pensemos sobre o ato sexual. Silvia nos adianta: “Sexo é trabalho para nós, é um dever.”<sup>108</sup> Simone nos diz que mais do que tempo e forças, a mulher ali empenha valores essenciais<sup>109</sup>.

Atualizando nossas discussões, embora já não tenhamos que mostrar nossos lençóis sujos de sangue após a noite de núpcias, e, de alguma forma tenhamos as medidas anticoncepcionais e o divórcio ao alcance, me pergunto que liberdade é essa que estaríamos experimentando se nossos corpos seguem sendo ferrados com um sobrenome ao casar e nos cobram filhos como que para nos legitimar mulheres.

---

105 BEAUVOIR, 2019a, p. 64.

106 FEDERICI, 2019, p. 57.

107 “[...] a fêmea reconquista na maternidade outro tipo de autonomia.” (BEAUVOIR, 2019a, p. 63).

108 FEDERICI, 2019, p. 56.

109 “É impossível assimilar muito simplesmente a gestação a um trabalho ou a um serviço, como o serviço militar. Viola-se mais profundamente a vida de uma mulher exigindo-se dela filhos do que regulamentando as ocupações dos cidadãos: nenhum Estado ousou jamais instituir o coito obrigatório. No ato sexual, na maternidade, a mulher não empenha somente tempo e forças, mas ainda valores essenciais.” (BEAUVOIR, 2019a, p. 89).

Infelizmente, Simone, o aborto ainda parece ser uma questão impossível de ser atualizada, e que, além disso, regride<sup>110</sup>. Para o homem, a mulher segue sendo uma reprodutora, independente dos meios para que isso aconteça.

---

110 “Não seria possível obrigar diretamente uma mulher a parir: todo o que se pode fazer é encerrá-la dentro de situações em que a maternidade é a única saída; a lei ou os costumes impõem-lhe o casamento, proibem as medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio.” (BEAUVOIR, 2019a, p. 89).

No Brasil, em 2021, tramita no Senado Federal o Projeto de Lei 5.435/2020, que prevê um auxílio financeiro para crianças nascidas frutos de estupro até completarem 18 anos. Este projeto, apelidado de bolsa-estupro, é visto como uma dificuldade para o acesso ao aborto em casos de estupro, modalidade já prevista e autorizada em lei.



*Imagem 01 - Fotoperformance em que sustento panelas com o meu corpo sobre dois cavaletes.*

*Bateria*

*Fotoperformance, Fotografia, 60cmx40cm, 2020*

\*

Retrato feminino de uma pandemia.

A pandemia da COVID-19 não criou uma nova realidade para as mulheres. Explicitou uma situação já existente, no máximo a exacerbou. Ainda assim os efeitos são cruéis. Aqui busco evidenciar o peso que recai sobre as mulheres durante o isolamento social, soterradas pelas tarefas domésticas e impossibilitadas de desenvolver seus trabalhos científicos, profissionais e artísticos. Segundo os dados estatísticos, o mesmo não acontece com a maioria dos homens.

O título da obra, porém, não aposta na imobilidade da mulher. Ao mesmo tempo que “bateria” remonta ao termo dado no passado para conjunto de panelas, também faz menção ao conjunto de armamento utilizado em guerras.

\*

“A diferença em relação ao trabalho doméstico reside no fato de que ele não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina. O trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado. O capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade natural, inevitável e que nos traz plenitude, para que aceitássemos trabalhar sem uma remuneração.”<sup>111</sup> Mais à frente seguiremos juntas pelas questões da remuneração do trabalho doméstico, Sílvia. Mas por ora, cá me demoro, para tentar entender como fomos inseminadas.

Suspeito que aqui encontro alguns caminhos que justificam esse desconforto<sup>112</sup> em não caber nesse corpo que precisa e deve cuidar. Não poderia ser melhor dito: essa servidão nada mais é do que uma estratégia patriarcal e capitalista. Não há nada de biológico nisso!

~~[Às vezes parece que não conheço o corpo que carrego. Obrigada, Sílvia!]~~

Se penso especificamente no corpo racializado que ocupo, os resquícios dos períodos coloniais apurados e produzidos pelo capitalismo escancaram minha imagem de reprodutora e objeto sexual segregada das

<sup>111</sup> FEDERICI, 2019, p. 42-43.

<sup>112</sup> “Em suma, nós estamos ocupadas demais performando, ocupadas demais agradando e temerosas demais de *falhar* para gostar de fazer amor.” (Ibidem, p. 60, grifo meu.) Retomaremos o fracasso em algum momento adiante.

mulheres brancas, desempenhando, inclusive, funções de subalternidade. Parece que não é a reprodução de todas nós que interessa.

“[...] na sociedade capitalista, o trabalho reprodutivo não significa a livre reprodução de nós mesmos ou de outros seguindo os desejos deles e os nossos. [...] ele está sujeito a todas as restrições que derivam do fato de que seu produto deve satisfazer os requisitos do mercado de trabalho.”<sup>113</sup> Ao desmembrar o que nos pede o mercado de trabalho, começo a perceber na reprodução uma possibilidade de resistência.

[Me pergunto se as lésbicas também reproduzem “pessoas causadoras de problemas”<sup>114</sup>]

### 3.2. Como lutar contra um trabalho que parece não ter nome nem rosto, apenas corpo?

“Eles dizem que é amor.  
Nós dizemos que é trabalho não remunerado.  
Eles chamam de rigidez.  
Nós chamamos de absenteísmo.  
Todo aborto é um acidente de trabalho.”<sup>115</sup>

Quando pergunto a Marta sobre seu *Motherhood*<sup>116</sup>, ela me responde de forma assertiva. “Eu precisava falar da minha frustração das mulheres ainda serem consideradas como uma ferramenta para a procriação.” Mas Marta transforma seus ovos em ouro, porque para ela criar artisticamente é tão importante quanto matinar, ou até mais. Essa fala não deveria ser necessária. Durante nosso diálogo, Marta reconhece incessantemente seu privilégio: pode escolher.

A nossa emancipação sempre foi uma ameaça. E não porque negaríamos qualquer coisa de nossa natureza ao recusarmos ficar em casa, mas porque o modelo de família que serve ao capitalismo nos coloca como únicas responsáveis pelo trabalho doméstico. O preço que pagamos por trabalhar fora é a dupla jornada.

<sup>113</sup> FEDERICI, 2019, p. 208-209.

<sup>114</sup> “Em alguns países somos forçadas a uma produção intensa de crianças; em outros, nos dizem para não reproduzirmos, especialmente se somos negras ou contamos com auxílios do governo, ou que temos a tendência de reproduzir ‘pessoas causadoras de problemas.’” (Ibidem, p. 69).

<sup>115</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>116</sup> Aqui me refiro novamente ao diálogo estabelecido via correio eletrônico com a artista sérvia Marta Jovanovic. *Motherhood* é o nome de duas de suas obras. A primeira, uma performance em que ela quebra a quantidade de ovos referentes a todos os seus meses férteis até o momento. A segunda, uma instalação com uma série de quase 300 esculturas, na qual os ovos quebrados em performance recebem um banho de ouro 24k, “em que transformo cada oportunidade (meses férteis) que tive em minha vida (é uma obra em processo) literalmente em ouro”, em suas palavras. Tradução minha.

Lembro da vez em que fui à cidade de São Paulo a passeio. Desembarquei do avião e subi em um ônibus em direção à cidade. O trajeto durava cerca de uma hora. À minha frente um homem telefonou para sua esposa. Percebo pelo sotaque que era um conterrâneo nordestino. Ele avisava que havia chegado bem e que já ia procurar um emprego para trazê-las, assim que possível. Como não pôde migrar, cabia a ela cuidar da filha. Mais uma que nasceu para servir:

Às mulheres, resta-nos o trabalho doméstico porque parece ser o único conciliável com os encargos da maternidade. Ainda que muitas de nós não sejamos mães, este é o trabalho que nos cabe. E o que vemos ao longo dos séculos na luta por autossuficiência é que a invisibilidade desse trabalho serve ao mercado. Até podemos empreender em outras atividades, contanto que a casa esteja organizada, a comida servida, a roupa limpa e que haja gozo – não necessariamente nosso.<sup>117</sup>

[Quantos filhos uma mulher pode gerar sem ter um orgasmo?]

Por que o trabalho doméstico interessa tanto ao capitalismo? Aqui, me encontro mais uma vez com Silvia: “O trabalho doméstico é muito mais do que limpar a casa. É servir aos assalariados física, emocional e sexualmente, preparando-os para o trabalho dia após dia.”<sup>118</sup> “Sexo é trabalho para nós, é um dever.”<sup>119</sup> Cabe a mulher, em suas relações heteronormativas, fornecer ao mercado homens saciados para que otimizem o desempenho de suas funções e reclamem menos da opressão do sistema.

[Em que pé de igualdade desejamos estar? <sup>120</sup>]

Mas como lutar contra um trabalho que parece não ter nome nem rosto, apenas corpo? Tudo parece residir na invisibilidade do trabalho doméstico e em sua suposta natureza feminina. Silvia nos apresenta a uma possível solução: precificá-lo. Já que o dinheiro é a única palavra que interessa ao capitalismo, primeiro colocamos um preço em nosso trabalho, para explicitá-lo, e em seguida lutamos pelo seu fim. Fazer com

---

117 “É precisamente essa combinação particular de serviços físicos, emocionais e sexuais que está envolvida no papel que as mulheres devem desempenhar para que o capital possa criar a personagem específica da criada que é dona de casa, tornando seu trabalho tão pesado e, ao mesmo tempo, tão invisível.” (FEDERICI, 2019, p. 45) E se precisamos de uma definição mais precisa, Silvia nos dá: “Nós somos donas de casa, prostitutas, enfermeiras, psiquiatras [...]” (Ibidem, p. 49)

118 Ibidem. p. 68.

119 Ibidem. p. 56.

120 “Também devemos decidir em que sentido queremos ser iguais aos homens, a menos que presumamos que os homens já estejam liberados.” (Ibidem, p. 127, grifo da autora).

que o Estado pague pelo nosso trabalho seria uma estratégia para reafirmar que não, não nascemos para servir!<sup>121</sup>

---

121 E aqui não me distancio de uma discussão também dentro do âmbito artístico. Para isso lembro da icônica obra *The Dinner Party*, de Judy Chicago, e sigo com Susan: “*The Dinner Party* de Judy Chicago celebra as mulheres criativas que, rejeitando as definições tradicionais da mulher, estão numa posição privilegiada para questionar as definições de arte que a nossa cultura aceita. Mas os pratos em *The Dinner Party* também implicam que mulheres que têm servido, têm sido servidas e consumidas. Portanto, fazem-nos lembrar a natureza sacrificial do corpo “vestido” como arte.” (GUBAR, 2002, p. 110).





*Imagem 02 - Videoperformance em que experimento ocupar o lugar de uma mesa.*

*A mulher nasceu para servir  
Videoperformance, Cor, Stereo, 16x4, 1'09"*

*Para assistir ao vídeo, clique na imagem.*

\*

Uma espécie de mesa posta. Em que todos tocam, todos se servem. Calada. O silêncio que se instala só é rompido pelo incômodo do movimento e pela retomada do ar que muitas vezes falta. Reviro-me em apneia para suportar.

[Sem voz, como muitas de nós, que formas tenho  
de demonstrar minha recusa?]

\*

O salário como forma de reconhecimento, e não só de remuneração. Até porque já está posto que o trabalho assalariado não é o caminho para libertação de ninguém.

Embora nosso cenário esteja caminhando um pouco mais para a pluralidade, é inegável que certos tipos de trabalho são socialmente destinados às mulheres. “As funções impostas para as mulheres não são vistas pela perspectiva da genialidade, embora quem critique, na maioria das vezes não conheça a sabedoria da limpeza.”<sup>122</sup> Por certo, Djamila, poucas de nós são autorizadas a saber:

“A feminilidade é uma espécie de ‘infância contínua’ que afasta a mulher do ‘tipo ideal de raça’. Essa infantilidade biológica traduz-se por uma fraqueza intelectual; o papel desse ser puramente afetivo é o de esposa e dona de casa; ela não poderia entrar em concorrência com o homem: ‘Nem a direção, nem a educação lhe convêm!’”<sup>123</sup>

Nossas emoções serviram [servem?] como moeda de troca quando nada mais nos era permitido. Na falta, transformamos afeto em valor para barganhar bens materiais. Restou-nos uma espécie de trabalho afetivo<sup>124</sup>. Ainda assim, um trabalho como outro qualquer dentro do sistema capitalista: vigiado, medido e quantificado.

---

<sup>122</sup> Ribeiro, Djamila. Minha mae não foi trouxa por acreditar que cuidar da casa era digno. Folha Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2021/06/minha-mae-nao-foi-trouxa-por-acreditar-que-cuidar-da-casa-era-digno.shtml> Acesso em: 06 jun. 2021

<sup>123</sup> Noção de mulher apresentada por Auguste Comte, segundo Simone de Beauvoir: (BEAUVOIR, 2019a, p. 161). Peço que, por favor, faça uso da ironia. Sem ela, essa citação aqui de nada serviria.

<sup>124</sup> “Trabalho afetivo é, assim, o trabalho que produz ou manipula afetos, trazendo um sentimento de alívio, bem-estar, satisfação, excitação ou paixão.” (Ibidem, p. 341).

Outra vez, o lugar de mulher racializada, mas integrante da classe média brasileira, me exige um reconhecimento de meus privilégios. Percebo que durante o cenário pandêmico da COVID-19 e seu decorrente isolamento social necessário e obrigatório, o peso que recaiu sobre os meus ombros é o trabalho doméstico da minha casa, enquanto um número sem fim de mulheres abandona seus lares em um cenário de crise sanitária para buscar o sustento do dia. Essas limpam outras casas, cozinham para outras filhas, lavam outras roupas que não as suas. As suas ficam reservadas à dupla jornada.

Me pergunto se isso é emancipação. É preciso que o recorte de classe esteja muito nítido em nossa luta. Nos países ditos em desenvolvimento, não podemos pular os abismos entre os trabalhos que encontramos fora de casa. Enquanto algumas precisam lutar *apenas* contra a dupla jornada de trabalho, outras, antes de retomarem a seus trabalhos domésticos invisíveis, experimentam regimes similares à escravidão: sem segurança, sem remuneração justa, com movimentação restrita e submetida a revistas corporais – afinal, parece que em nossos corpos todos podem passar a mão.

Mas não nos distanciemos tanto do trabalho especificamente reprodutivo da mulher:

### 2.3 Reprodução é intimidade?

Parece que, para muitas de nós, a reprodução deve se dar no espaço privado. Mas se queremos entendê-la como estratégia política e de resistência, talvez aí mesmo precisemos começar: entendendo o que é privado.

Em uma busca rápida, o dicionário nos devolve que “privado” significa:

“que pertence a um indivíduo particular.”

[A quem pertence nossa reprodução?]

“que é pessoal e não expresso em público. restrito, reservado a quem de direito; confidencial.”

[Devemos reproduzir em silêncio?]

“sem presenças alheias; só, solitário, isolado.”<sup>125</sup>

---

<sup>125</sup> Significado da palavra “privado” apresentado pela ferramenta de busca Google.br. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=dicionario&aff=test123#dobs=privado> Acesso em: 06 jun. 2021.

[Como pensar formas coletivas de reprodução?<sup>126</sup>]

“Enquanto o trabalho reprodutivo for desvalorizado, enquanto ele for considerado um assunto privado e uma responsabilidade exclusiva das mulheres, estas sempre enfrentarão o capital e o Estado com menos poder do que os homens e em condições de extrema vulnerabilidade social e econômica”.<sup>127</sup> Grata pela precisão, Silvia. É preciso retirar nosso trabalho reprodutivo da esfera privada. Se até mesmo a intimidade migrou do privado para o público<sup>128</sup>, por que não nosso trabalho reprodutivo?

Uma outra alternativa, que talvez nos interesse mais aqui, seria repensar o privado, transformando-o em “uma esfera de relações de produção e como um terreno de luta anticapitalista.”<sup>129</sup> Já que é no privado que se dá nosso trabalho reprodutivo não remunerado, e, portanto, invisível, transformemos o privado em arena. Aqui muitas de nós produzimos, nutrimos e satisfazemos o trabalhador assalariado.

[Mais uma vez me pergunto: todos os formatos de família, sexualidade e procriação interessam à produção capitalista?]

Talvez não pela via do privado a reprodução se aproxime da intimidade. Aqui se faz necessário entendermos a intimidade como atitude política no momento em que se sedimenta em um acordo. “Alguns tem declarado que a intimidade pode ser opressiva, e isso pode realmente ocorrer se ela for encarada como uma exigência de relação emocional constante. No entanto, se considerada como uma negociação transacional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais, ela surge sob uma luz completamente diferente. A intimidade implica uma total democratização do domínio interpessoal, de uma maneira plenamente compatível com a democracia na esfera pública.”<sup>130</sup>

---

126 “O poder de transformação dos movimentos de contestação resulta da capacidade que eles possuem de se apropriar de espaços controlados pelo Estado e pelo mercado para transformá-los de novo em terras comuns.” (FEDERICI, 2019, p. 34). Se concordamos que o trabalho reprodutivo interessa ao Estado e é controlado por ele a partir de sua invisibilidade, resta-nos pensar como torná-lo uma atividade coletiva.

127 Ibidem, p. 230.

128 “A esfera da intimidade continua sendo muito valiosa para cada um – sobretudo, parece ser cada vez mais importante na hora de definir quem se é e quanto se vale -, mas agora ela transborda os limites do espaço privado e se exacerba sob a luz de uma visibilidade quase total. É preciso que os outros tenham acesso a esse universo antes preservado por sólidas paredes e rígidos pudores, pois o olhar alheio deve legitimar a existência disso que se mostra, quantificando seu valor com as diversas manifestações interativas.” SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. 2ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016, p. 62.

129 FEDERICI, 2019, p. 204-205.

130 GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993, p. 11.

[A reprodução é intimidade?]

Não me parece que nosso trabalho reprodutivo esteja se dando em um ambiente democrático. Talvez estejamos chamando de intimidade o que de fato é opressão. E é muito importante chamar as coisas pelo nome.

Me parece necessário novamente trazer a máxima de Carol Hanisch em seu manifesto “O pessoal é político”, para entendermos a reprodução, a intimidade e o privado como armas de resistência.

Talvez pensar a reprodução assistida para mulheres lésbicas seja também uma forma de relacionar esses três conceitos enquanto estratégias subversivas. É nisso que aposto.

## 2.4 Revista Vexatória

Aqui me permito – e convido – a um desvio da reprodução, rumo à intimidade, à maternidade e à violência na esfera pública, na tentativa de ampliar nossas discussões acerca da violência institucional a que está submetido esse corpo de mulher que carrego.

O relato que se segue descreve a ação *Revista Vexatória* que realizei, em 17 de novembro de 2019, junto à artista Roberta Barros, no Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, Brasil. Esta ação integra a obra *Pactos de Intimidade*, que investiga os caminhos de construção da intimidade entre mulheres tocando em questões como maternidade, violência, memória e pele. Para esta ação volto<sup>131</sup> a disponibilizar meu corpo para Roberta, desta vez, com público presente. Nada do que se passou durante a performance me foi informado previamente.

--

Roberta entrega-me uma saia e uma blusa, ambas de um branco amarelado, a saia com um delicado babado em sua barra. Em seguida, entrega-me uma calcinha vermelha e pede que me vista. Troco-me e ela faz o mesmo, vestindo-se com peças iguais às minhas em tamanho maior. Roberta é mais alta que eu.

---

131 A primeira vez em que *Pactos de Intimidade* encontrou lugar aconteceu no dia 22 de julho de 2017 no Rio de Janeiro, Brasil. Para esta ação foram convidadas 6 artistas para interagir com meu corpo sob a provocação de construir pactos de intimidade. Dentre elas estava Roberta Barros, com quem realizei a cena *Adentro*.

Não houve acordo prévio e nem imposição de regras para as ações propostas pelas artistas para o meu corpo, porque entendo que o estado de vulnerabilidade do corpo é imprescindível para encontrar as perguntas que movem esta performance.

A edição de 2017 do *Pactos de Intimidade* não foi aberta ao público e resultou em ações íntimas.

Em seguida pede para que não a olhe por alguns instantes. Volta a chamar-me avisando que já posso circular pela sala e verifica cuidadosamente minha saia.

Aguardamos o público e a autorização para iniciar nossas ações.

Roberta me conduz até o centro da sala. Frente a frente, nos olhamos e respiramos juntas algumas poucas vezes. Roberta aproxima sua boca do meu ouvido e pede para que eu cruze as mãos à minha frente na altura da cintura. Como se me abraçasse. Em seguida, sobe a barra da minha saia até a altura do pescoço e puxa uma fita de cetim que franze o babado, aperta-me gentilmente o pescoço e termina em um laço. Imagino minha calcinha vermelha à mostra. Roberta solta seu cabelo e com o elástico que o prendia amarra meu cabelo no centro de minha cabeça. Aí ela se demora arrumando o franzido e ajustando as pontas soltas do laço que agora trago à frente do pescoço. Ela se coloca novamente frente a mim e se ajoelha. Nos olhamos. Roberta abaixa minha calcinha. Em seguida, levanta-se um pouco do chão e coloca a mão dentro de sua calcinha, por debaixo da saia. Após algum esforço retira dali 7 pentes finos e os joga no chão. Um deles branco. Com este começa a pentear gentilmente meus pelos pubianos. Olha uma e outra vez o pente em busca de pelos. As investidas tornam-se mais agressivas a cada vez que o pente retorna vazio. Roberta repete a ação incontáveis vezes até conseguir arrancar 5 pelos. Dispõe cada um deles em um dedo da mão esquerda e abandona o pente no chão. Com a mão direita sobe minha calcinha, desfaz o laço do meu pescoço e abaixa minha saia. Coloca-se mais uma vez frente a mim e oferece-me um a um os pelos para que realizemos cinco pedidos. Assim fazemos. Ao final, Roberta me toma pela mão e me conduz até o lado de fora da sala.

--



*Imagem 03 - Ação que aconteceu em novembro de 2018 com a colaboração da artista Roberta Barros durante o evento Flexões Performáticas, no CCBB SP, com presença de público. Roberta retirou pentes finos de sua calcinha e com um deles penteou e arrancou cinco dos meus pelos pubianos.*

*Pactos de Intimidade - cena Revista Vexatória  
Performance, Aproximadamente 18 minutos, CCBB/SP, 2018*

*Para acessar o registro da performance, clique na imagem (A partir do minuto 10'54")*

*Senha: flexoes*

[Revista vexatória<sup>132</sup>]

“Aquilo que as mulheres realmente têm em comum é uma opressão a todos os níveis, apesar de nos afectar a todas de modos diferentes”<sup>133</sup>

Ann Rosalind Jones

Meu olhar turvo e inseguro é incapaz de mensurar números para as pessoas que nos rodeavam. Mas posso assegurar que eram muitos olhares. Senti-os todos.

[A pele talvez seja esse lugar para onde foge a mirada]

Mas ainda que repleta de pessoas, o que preenchia aquela sala era o silêncio<sup>134</sup>. Pergunto se o silêncio nos torna mais vulneráveis porque nos tira as defesas, os disfarces e devaneios das palavras. Em mim o silêncio potencializa a ação. Não encontro atalhos. Para o público, penso, o silêncio talvez seja um dos caminhos que legitimam a violência. Não lhes foi dito para não interferirem, mas havia um pacto artístico qualquer que impossibilitava a [re]ação do público. Ali, agrediam-me todos por nada dizerem.

---

132 No Brasil, a revista vexatória é uma inspeção a que familiares – em sua maioria mulheres – de detentos são submetidos em algumas penitenciárias em dia de visita. Também conhecida como “estupro institucionalizado”, a revista vexatória atravessa evidentemente questões da intimidade e ainda mais quando busca disfarce no termo “revista íntima”.

“A revista vexatória, cuja realidade de violência sexual institucionalizada tem sido ocultada pelo termo revista íntima (art. 2º, inciso III, da Lei nº 15.552, de agosto de 2014), viola à dignidade humana (arts. 1º, inciso III, da Constituição Federal, I I.1, da Convenção Americana de Direitos Humanos, dentre outros instrumentos normativos), à intimidade (art. 5º, inciso X, da Constituição Federal), à integridade física, psíquica e moral (art. 5º da Convenção Americana de Direitos Humanos) e à convivência familiar entre visitantes e presos (arts. 37, das Regras Mínimas para o Tratamento dos Reclusos, e 41, inciso X, da LEP), ou seja, este tratamento cruel para com as pessoas vinculadas afetivamente com os presos não encontra amparo no ordenamento jurídico nacional e internacional.

Justamente porque tal procedimento, a despeito da possibilidade de se utilizar meios mais humanos, é realizado de maneira manual, invasiva, com desnudamento total ou parcial das vestes, agachamentos repetitivos, exames nas cavidades corporais, com a suposta finalidade oficial de verificar a existência de algum objeto ilícito, porém tal prática, como já se manifestou a Corte Interamericana de Direito Humanos (Caso Penal Miguel Castro Castro Vs. Perú), é concretamente uma violência sexual institucionalizada em face de pessoas, principalmente mulheres submetidas às violações aos olhos de suas filhas e de seus filhos.” (FURQUIM, Gabriel Martins. Revista Vexatória: uma violência sexual institucionalizada. Canal Ciências Criminais. 19 ago. 2017. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.com.br/revista-vexatoria-violencia-sexual/> Acesso em: 10 jan. 2019.)

Ainda que estejamos falando de 2018, não há como não encontrar em torno da prática da revista vexatória os ecos das preocupações sufragistas no que diz respeito à “Esse deslocamento do corpo feminino do privado para o domínio público através da ação do Estado.” Nesse nosso vexame, mais uma vez, “o espaço interno do corpo feminino foi violado e convertido em público e político.” (BETTERTON, 1996, p. 58, tradução minha).

133 JONES, 2002, p. 95.

134 Aqui penso o silêncio como o fez Tunga “aquilo que se chamaria silêncio – e que em arte seria espaço – existe como coisa” (MATESCO, Viviane. Em torno do Corpo. Niterói: PPGCA-UFF, 2016, p. 135).



[O nada dizer também entedia: alguns bocejaram]

Do silêncio chego à imobilidade enquanto violência. De toda a ação, asseguro que a paralisia foi o que mais me agrediu. Ao ver-me ali, abraçada a mim e atada por minha própria veste, desconheci qualquer outro artifício que possuía para reação. Pareceu-me que meus braços eram minha única alternativa de negação. Esqueço da voz, porque o silêncio também emudece. Esqueço das pernas livres, porque parte de mim está interdita.

[Talvez porque a liberdade tenha algo de inteiro]

Ao meu corpo disponível jamais havia se avizinado a possibilidade de não-reação. Ainda que tenha me aproximado dessa sensação quando estive atada à Laura<sup>135</sup>. Mas ali estivemos as duas inertes. E a inércia do outro disfarça a iminência da violência. Em nenhum dos pactos reagi. Mas foi preciso que uma das minhas rotas de fuga estivesse vetada para que percebesse que nelas reside minha zona de conforto. Já não podia impedir que me invadissem. Pelo menos não com as mãos. E o resto do meu corpo desapareceu na passividade.

\*

Preciso confessar que parte do meu desejo está no desvanecer. Um corpo que por instantes esteja transparente e permita o encontro dos olhares que o perfuram. Um pensamento que abandono rapidamente. Tenho muito apego à minha pele.

\*

Pergunto como o vexame se acercou ao íntimo. Vergonhas e partes íntimas se encontram nas falas da minha avó enquanto sinônimos. Por isso penso que esse diálogo não é novo. Mas aqui o caminho das palavras se inverte. Se as vergonhas de alguma forma antes serviam para encurralar nossas partes íntimas no privado e disfarçar a menção ao íntimo, nesta revista é a intimidade que triunfa, ao tentar despir a ação do seu caráter humilhante. Antes íntima que vexatória.

---

135 Refiro-me aqui ao *Pacto* proposto pela artista Laura Freitas em que ela realiza uma espécie de coreografia na qual trocamos de roupa para em seguida atar-nos uma à outra com uma fita isolante preta até a imobilidade. Dali saímos através da ação violenta dela em arrancar-nos a fita do corpo – e muitos cabelos meus – e devolver-nos às nossas roupas.

Se antes já me perguntei de que está grávido um corpo senão de intimidade<sup>136</sup>, resta-nos então o desejo que não a alcancem. É preciso abandonar o olhar ingênuo que acredita em um propósito outro<sup>137</sup> para nossa intimidade invadida. Ali trata-se apenas de manter-nos afastadas e não há estratégia mais potente de manipulação do que tocar-nos o íntimo. Corremos todas para bem longe dali<sup>138</sup>. Por vezes, é o afeto que não permite.

E se cheguei ao afeto, por aqui continuo. Quero me demorar investigando essa linha tênue que margeia ao mesmo tempo o afeto e a violência. Peço que abandone o lugar óbvio em que provavelmente se encontra agora e me acompanhe em direção à maternidade. Um laço bem dado, um babado bem franzido, um cabelo bem penteado. Todos os orifícios limpos<sup>139</sup>. A mão do afeto viola de forma lenta e contínua. Arranca-nos os pelos, o controle e os desejos. Mas nos orna com uma beleza docemente maternal.

[A beleza disfarça a dor e a agressão]

Isso me faz lembrar da obra *The Beauty of Thight Binding*,<sup>140</sup> da artista Marta Jovanovic. Um homem ata a artista com uma corda e a suspende. A violência evidente está mais uma vez trasvestida de beleza. A luz é cênica. O som é de música instrumental. Quando suspensa e imobilizada, o homem a balança, como se imitasse um movimento de ninar. Penso que a dor aumenta quando um corpo suspenso por cordas é balançado. Mas isso não podemos ver. Aqui também podemos falar de maternidade.

---

136 Refiro-me ao texto "Pele afora, pele adentro: um corte íntimo", apresentado na forma de dissertação para obtenção do grau de mestra pelo PPGAV/EBA na UFRJ em julho de 2018.

137 "Um estudo feito recentemente pela Rede Justiça Criminal, uma entidade formada por movimentos sociais e ONGs que atuam com direitos humanos no sistema prisional, revelou um dado interessante acerca do tema: em 2012, somente nos presídios do Estado de São Paulo, foram realizadas aproximadamente 3,5 milhões de revistas vexatórias. De todos os casos, em apenas 0,02% deles houve a apreensão de drogas ou celulares com os visitantes." [LONGO, Ivan. Só quem abre as pernas ali sabe como é. Aquilo é um estupro. Revista Forum. Abril de 2014. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/digital/141/quem-abre-pernas-sabe-como-e-aquilo-e-um-estupro/>. Acesso em: 15 de jan de 2019].

138 "Eu não vou mais visitá-lo porque não aguento esse tipo de humilhação. Na revista a gente tira a roupa, abaixa três vezes de frente, três vezes de costas. E ainda ouvimos: 'Abre, abre que não estou vendo nada'. Perguntei para a agente penitenciária: 'Mas você quer ver o quê? Meu útero, meu coração?' Até que pediram para eu abrir minha vagina com as mãos. (F., 42 anos)" (Revista Vexatória: o estupro institucionalizado. Instituto Brasileiro de Ciências Criminais. Boletim 267. Fevereiro de 2015). Disponível em: [https://www.ibccrim.org.br/boletim\\_artigo/5279-Revista-vexatria-o-estupro-institucionalizado](https://www.ibccrim.org.br/boletim_artigo/5279-Revista-vexatria-o-estupro-institucionalizado) Acesso em: 16 jan. 2019.

139 Essa maternidade da qual nos fala Ellen Key que "deve ser cultivada pela aquisição dos princípios da hereditariedade, da higiene racial, da higiene infantil, da psicologia infantil." KEY, Ellen. In: BETTERTON, Rosemary. Intimate Distance: Women, artists and the body. Editora Routledge. Londres, 1996, p. 36. Tradução minha.

140 The beauty of Tight Binding (2016) pode ser visto em <https://vimeo.com/218745011>

Ainda que disfarçada de beleza, sobram sempre vestígios de nós. Restos de nós dispersos no cotidiano e que nos contam um pouco do que fomos/somos. “Os objetos trazem um corpo agarrado.”<sup>141</sup> Pergunto, Luís, que corpo é esse que anda grudado aos objetos? E mais: que objetos levam o meu corpo por aí? Arrisco que os objetos que falam do meu corpo – ou pelo menos os que me interessam – falam antes pela ausência dele do que por qualquer materialidade mais evidente. São aqueles óculos que ora estiveram em meu rosto, os brincos que já não me habitam as orelhas ou o pente que guarda os cabelos que perdi na última disputa. Os objetos que me povoam a mente revelam traços do que entendo por intimidade e são capazes de transcender sua inanimidade para atizar qualquer sensação concreta. É inegável a dor decorrente das repetidas tentativas de desatar os nós do cabelo [ou de arrancá-los].

---

141 As reflexões que aproximam corpo e objeto resultam da palestra intitulada “Teoria dos objetos fugidios”, ministrada por Luís Umbelino no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra no dia 12 de outubro de 2018, na disciplina Seminário de Arte Contemporânea I. (Informação oral).



*Imagem 04*

*Vestígios<sup>142</sup>*

*Objeto, Vidro e cabelos, 10cmx15cm, 2018*

---

<sup>142</sup> Para a obra *Vestígios* coletei cabelos das escovas minha, da minha esposa e da pequena Marina e os apresento entre duas placas de vidro que se assemelham esteticamente às evidências científicas. Aqui investigo violência, corpo, ausência e maternidade, já me aproximando da reprodução assistida.

Sigo. Tomo de empréstimo seus dedos-desejos<sup>143</sup>, Conceição, ainda que arbitrariamente os ressignifique aqui. Penso nesses desejos que voltam pela mesma via que se foram, mas que ainda assim parecem meus. Sinto-me obrigada a compartilhá-los. Já não nos interessamos pelo fim da ação. Desejamos que, assim como nós, menos mulheres fossem agredidas. Percebo que abandonamos a superfície dos pedidos que se limitavam à interrupção do nosso tédio quando fizemos juntas a ação *Adentro*<sup>144</sup>. Arrisco que a quantidade finita de dedos-desejos e o público-testemunha nos exigiram que abandonássemos o particular em direção ao coletivo.

Ao final da ação, Roberta confessa-me que havia desejado que eu não tivesse feito depilação completa. Parece que de alguma forma aquela invasão precisaria de resultado.

[Não seria o próprio pensar já em si uma invasão? ]

~~Penso que sim, mas estou segura que no pensamento nos encontramos quase todas. Invasoras natas. A prática é que só se dá para alguns. Antes fossem poucos.~~

Falemos de nudez. Assim como a liberdade, pergunto se a nudez também tem algo de inteiro. Ali com identidade e genitália despidas, ainda assim, meu corpo não foi entendido nu, pelo que pude perceber. Como se para a nudez precisássemos estar só pele. E ali eu levava mãos atadas e laço no pescoço. Onde provavelmente se refugiavam os olhos que repudiavam encarar-me ou se cansavam de testemunhar uma invasão.

~~[De fato não estava nua. Talvez na nudez não haja desvios para o olhar]~~

---

143 EVARISTO, Conceição. Olhas d'Água. I. Ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2019. p. 51.

144 A ação *Adentro* foi realizada na primeira experiência do *Pactos de Intimidade* (em 2017), também com Roberta. Nessa ação, por aproximadamente 40 minutos eu e Roberta reviramos as narinas uma da outra na tentativa de arrancar pelos para em seguida fazer pedidos. Como relatei na dissertação *Pele afóra, pele adentro: um corte íntimo* (PPPGAV, EBA/UFRJ, 2018), depois descobrimos que nossos pedidos coincidiam em desejar que aquela ação terminasse o quanto antes.



*Imagem 05 - Videoperformance em que experimento uma quase nudez.*

Seminua

*Videoperformance, Cor, Stereo, 16x4, 54", 2020*

*Para assistir ao vídeo, clique na imagem.*

Sigamos, com esse corpo seminu em um ambiente estéril que em muito se assemelha com o corpo que submeto à reprodução assistida. Falemos um pouco mais dela.

3.

Eles não querem que nosso  
sangue escorra pelas pernas



### 3.

## Eles não querem que nosso sangue escorra pelas pernas

### 3.1 Parece que sempre foi sobre nos experimentar

Nossos corpos controlados pelo Estado já são pauta da luta feminista desde seu princípio. Mas aqui o que me interessa é olhar especificamente para os intentos de controle de nossas atividades reprodutivas.

[Me pergunto se em algum momento tivemos nós mesmas esse controle]

Começo por pensar no primeiro artifício hormonal de controle do nosso sistema reprodutivo: a pílula anticoncepcional. Ali parecia que ~~retomávamos~~ assumíamos as rédeas de nosso prazer, no momento em que se fazia possível arrancar do ato heterossexual seu caráter concepcivo. Ainda que suspeite que não tenha sido de fato o nosso prazer que motivou o advento desta inovação bioquímica<sup>145</sup>, a pílula nos permitiu de alguma forma experimentar uma economia de trabalho<sup>146</sup>. Não que isso baste, até porque não precisamos de muito esforço para perceber como o capitalismo abocanhou essa lacuna. Mas parece que já aí nos são apresentadas “políticas de controle e produção da vida<sup>147</sup>” pelo Estado – o que Paul chama de biopolítica – e que engendram cada vez mais o manejo de nossa capacidade reprodutiva. Não, não estamos no controle. (Ainda).

Avançemos para a reprodução assistida.

---

145 E Paul nos confirma: “A invenção da pílula anticoncepcional, primeira técnica bioquímica capaz de separar a prática heterossexual da reprodução, foi resultado direto do crescimento da experimentação endocrinológica e provocou o desenvolvimento do que poderia ser chamado, brincando com o termo de Eisenhower de “complexo industrial sexo-gênero”. Em 1957, a Searle & Co. passou a comercializar a Enovid, primeira pílula anticoncepcional (“a pílula”) produzida a partir da combinação de mestranol e noretinodrel. Inicialmente indicada para o tratamento de disfunções menstruais, “a pílula” foi aprovada para uso contraceptivo quatro anos mais tarde. Seus componentes químicos logo se tornariam as moléculas farmacêuticas mais usadas na história da humanidade.” (PRECIADO, 2018, p. 30, grifo meu).

146 “De fato, o único dispositivo verdadeiro de economia de trabalho que as mulheres usaram nos anos 1970 foram os contraceptivos, como se percebe pelo colapso da taxa de nascimento, que em 1979 despencou para 1,75 criança a cada mil mulheres entre quinze e 44 nos.” (FEDERICI, 2019, p. 100).

147 PRECIADO, 2018, p. 48.

“Em 1941, as primeiras moléculas naturais de progesterona e estrogênio foram obtidas a partir da urina de éguas grávidas (Premarin), e logo depois hormônios sintéticos (noretindrona) passaram a ser comercializados.”<sup>148</sup> Para mim, Paul, progesterona e estrogênio têm cheiro.

Assim como se referem a um rato e a um macaco, os estudos que apontam o início da multiplicação de células através da Fertilização *in vitro* se referem à mulher. Mais uma vez a mulher como bode expiatório. “Utilizando o material cirúrgico disponível no Hospital Gratuito para Mulheres, fizemos, durante os últimos seis anos, inúmeras tentativas de conseguir a fertilização e clivagem de óvulos humanos obtidos de tecido ovariano retirado um pouco antes do tempo esperado de ovulação.”<sup>149</sup>

[A que mulher pertence esses óvulos?]

\*

Sou capaz de imaginá-la deitada sobre uma maca dura, invadida por um cateter que entra por um espéculo metálico que abre o caminho e avança até os ovários de onde são sugados os folículos que portam ou não os óvulos. Ela está sedada, como ficam os vulneráveis. Dizem ser por causa da dor. Eu também estava. Ao acordar, anda com dificuldade, carrega um abdômen inchado e sangra um pouco.

\*

As mulheres são identificadas por suas idades, dia do ciclo menstrual e iniciais: D. D., R. P. e J. D.<sup>150</sup>. Neste momento o que interessa é apenas o que se arranca delas. Nada as diferencia de ratos de laboratório.

O que me faz lembrar de quando nos experimentavam em busca da cura da histeria<sup>151</sup> e, acreditando que o útero se deslocava em nosso corpo, para que ele voltasse ao lugar, faziam as mulheres tidas como histéricas aspirar maus odores como chifre queimado, substâncias pútridas, amoníaco, urina e fezes humanas e colocavam-lhes na zona vaginal odores agradáveis como âmbar, tomilho, láudano ou noz-moscada fervidos em vinho.

---

<sup>148</sup> PRECIADO, 2018, p. 28-29.

<sup>149</sup> Rock J. and Menkin MF. In vitro fertilization and cleavage of human ovarian eggs. Disponível em: [https://embryology.med.unsw.edu.au/embryology/index.php/Paper\\_-\\_In\\_vitro\\_fertilization\\_and\\_cleavage\\_of\\_human\\_ovarian\\_eggs](https://embryology.med.unsw.edu.au/embryology/index.php/Paper_-_In_vitro_fertilization_and_cleavage_of_human_ovarian_eggs) Acesso: em 09 jul. 2021. Tradução minha.

<sup>150</sup> Ibidem.

Ainda que já esteja um pouco mais ambientada ao método científico e à forma como os pacientes devem ser mantidos em seu anonimato, me parece uma estratégia particularmente potente, a partir daí, trazer luz para a invisibilidade da mulher.

<sup>151</sup> Voltarei à histeria mais a frente neste capítulo, quando me aproximo da loucura.

Ao vasculhar essas possibilidades de início, esbarrei inúmeras vezes com a história de uma mulher: Louise Brown, primeira bebê nascida por meio da fertilização *in vitro*, em 1978. Mas só até aí chega o nosso protagonismo. O nome mais importante para a Reprodução Assistida no mundo é o de um homem: Robert Edwards.

Robert nasceu em 1925 e em 1954 casou-se com sua principal colaboradora científica, Ruth Fowler. No texto lido em sua homenagem na entrega do Prêmio Nobel de Medicina em 2010<sup>152</sup>, Ruth aparece com destaque na função de mãe de suas cinco filhas. Ainda que o texto especule uma possível intimidação de Robert pela família de Ruth, como esperado, isso se deve aos logros de homens: pai e avô. Nada de novo. Sigamos.

Os estudos começam novamente por ratos. E o que se busca é uma superovulação, até então nunca experimentada.

\*

Depois de injeções diárias de hormônios por dez dias, e inúmeros exames invasivos, com um transdutor entre as pernas, mediram o tamanho dos meus 22 folículos. O maior deles tinha 25mm de diâmetro.

\*

“Nas espécies rudimentares, o organismo como que se deixa reduzir ao aparelho reprodutor; nesse caso, há primazia do óvulo, e portanto da fêmea, posto que o óvulo está principalmente votado à pura repetição da vida; mas ela não passa de um abdome e sua existência é por inteira devorada pelo trabalho de uma monstruosa ovulação. Atinge, em relação ao macho, dimensões gigantescas; muitas vezes seus membros são cotos, seu corpo um saco informe, todos os órgãos degeneram em proveito dos ovos.”<sup>153</sup>

---

<sup>152</sup> JOHNSON, Martin H. Robert Edwards: Nobe Laureate I Physiology or Medicine. Disponível em: [https://www.nobelprize.org/uploads/2018/06/edwards\\_lecture.pdf](https://www.nobelprize.org/uploads/2018/06/edwards_lecture.pdf) Acesso em: 08 jun. 2021.

<sup>153</sup> BEAUVOIR, 2019a, p. 44.

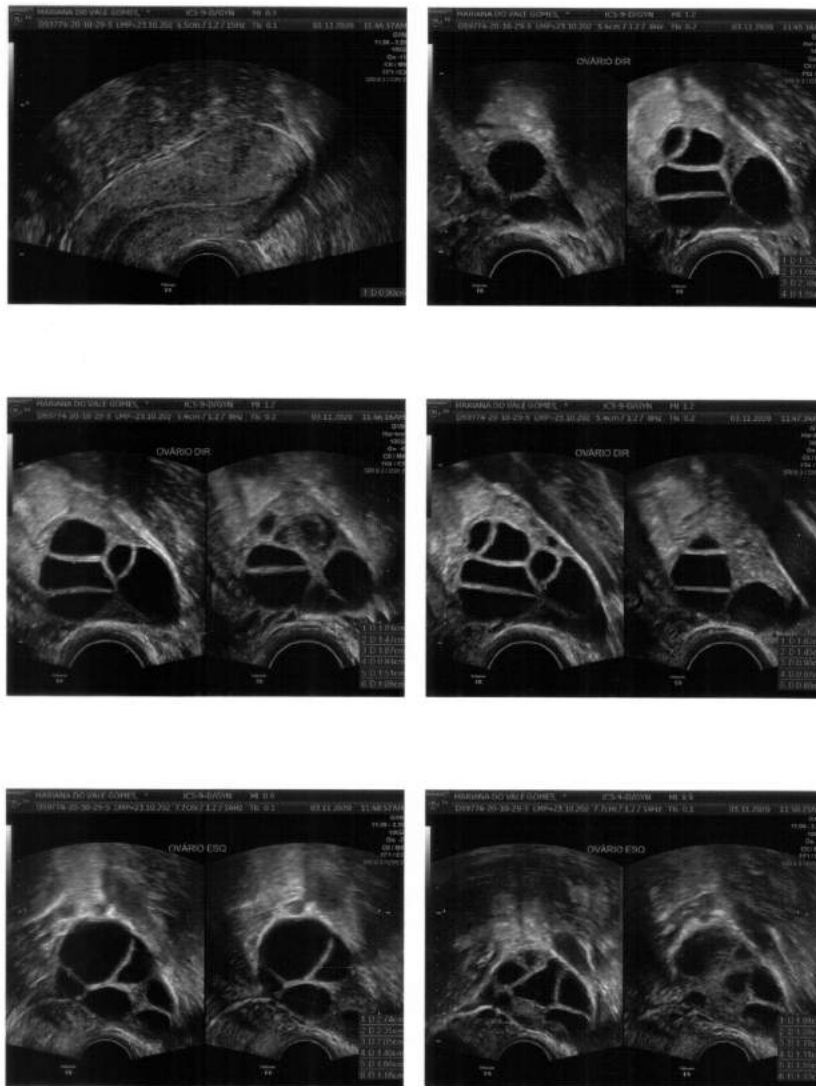


Imagem 06 - Ultrassonografia de ovários estimulados por hormônios sintéticos durante 10 dias

Superovulação

Fotografia, Pigmentos minerais sobre papel fotográfico, 20cmx27cm, 2021

Depois de ensaiar uma aproximação às questões éticas, Robert se convence de que “os homens tinham seus próprios futuros nas mãos”<sup>154</sup> e segue buscando trazer para o *in vitro* uma imitação plena do processo *in vivo* em humanos.

[Pergunto se o futuro que eles têm em mãos são os nossos]

O problema agora parecia ser encontrar um suprimento confiável de óvulos humanos. Mas, como a infertilidade não era tida como doença, nada justificava os estudos de fertilização *in vitro* com embriões humanos<sup>155</sup>.

[Parece que sempre foi sobre nos experimentar]

“A superpopulação e o planejamento familiar eram vistos como fatores dominantes e os inférteis eram ignorados como, na melhor das hipóteses, uma minoria irrelevante e, na pior, como uma contribuição positiva para o controle da população.”<sup>156</sup> Parece que o Estado ainda não tinha percebido o potencial desses estudos no controle de nossas atividades reprodutoras.

O primeiro grupo de óvulos para fertilização foi fornecido por uma mulher, Molly Rose, que, embora tenha sido convidada para ser coautora nas publicações, recusou o convite por razões desconhecidas, segundo o próprio Robert<sup>157</sup>. Me pergunto se Molly pôde entender a dimensão científica e política de sua recusa.

Robert antecipou, ainda em 1965, alguns possíveis desdobramentos de seus estudos, dentre eles: “Efeito da idade materna em relação às origens da trissomia 21; uso de hormônios para aumentar o número de óvulos por mulher disponível para estudo/uso; estudo de embriões de Fertilização *in vitro* precoce para evidências de (ab) normalidade – especialmente aneuploidias que surgem antes ou no momento da fertilização; controle de algumas doenças genéticas no homem; controle de distúrbios ligados ao sexo pela detecção do sexo no estágio de blastocisto e transferência apenas de embriões femininos; transferência para-cervical de embriões de Fertilização *in vitro* para o útero; uso de embriões de Fertilização *in vitro* para contornar

---

154 JOHNSON, 2010, p. 243.

155 “Para seus colegas médico-científicos, no entanto, o fato de a infertilidade não ser vista como um problema clínico significava que qualquer pesquisa destinada a aliviá-la não era vista como um tratamento experimental, mas como o uso de humanos para experimentos. Dada a sensibilidade aos “experimentos médicos” nazistas e a reação e inquietação do público em torno da recente publicação de “The Human Guinea-pig”, essa distinção foi crítica.” (Ibidem, p. 250. Tradução minha).

156 Ibidem, p. 249. Tradução minha.

157 Ibidem, p. 248. Tradução minha.

trompas bloqueadas; evitar uma gravidez múltipla por transferência de um único embrião de Fertilização *in vitro*.”<sup>158</sup>

Aqui já temos algumas pistas para os encaminhamentos de otimização da reprodução humana (muitas vezes às custas do corpo da mulher), ainda que sempre heterossexual. Se argumentarmos que em 1965 as discussões sobre uniões homoafetivas ainda eram embrionárias, não podemos dizer o mesmo dos entornos do ano de 2010. Durante todo o discurso sobre as contribuições da pesquisa de Robert Edwards na cerimônia de entrega do Prêmio Nobel, não há menção sobre o advento da reprodução para casais homoafetivos.

Os 45 anos que se passaram entre a publicação dos estudos que viabilizaram a fertilização *in Vitro* e o recebimento do Prêmio Nobel parecem se referir apenas a uma demora ética, religiosa e legal em reconhecer o potencial dessa descoberta para um suposto aprimoramento biológico. O alvo nunca foi a diversidade, mencionada sequer como consequência.

Recentemente, em um consultório, um médico especializado em medicina fetal me contou que o Brasil é referência nas pesquisas de intervenções fetais intrauterinas. Ele afirmou que isso se dava porque aqui não podemos abortar e, portanto, há um esforço maior em corrigir as anomalias de alguns bebês. Em outros países, esses bebês seriam descartados. Independente da rota, parece que a busca segue sendo melhorar a espécie.

E quanto à mulher? A minha sensação é a de que ela esteve, ~~nesse primeiro momento~~, junto às ratas, servindo à espécie dentro de clínicas e laboratórios. E mais, que a reprodução assistida vem travestida de independência no momento em que possibilita às mulheres uma gravidez tardia – com o congelamento de óvulos e embriões –, mas esconde um profundo desejo de controlar e prolongar o tempo fértil da mulher. Nosso terceiro turno só parece aumentar.

“O novo tipo de produção sexual implica um controle detalhado e estrito das forças de reprodução das espécies. Não há pornografia sem vigilância e controle paralelos dos fluidos e afetos do corpo. Agindo sobre este corpo farmacopornô estão as forças da indústria da reprodução, ocasionando o controle da produção de óvulos, técnicas de relações programadas, coletas de esperma, fertilização *in vitro*, inseminação artificial, monitoramento da gravidez, planejamento técnico do parto etc.”<sup>159</sup> Não poderia estar mais claro, Paul. No Brasil, recentemente, o Conselho Federal de Medicina alterou a resolução que regulamenta

---

<sup>158</sup> JOHNSON, 2010, p. 247. Tradução minha. Grifo meu.

<sup>159</sup> PRECIADO, 2010, p. 53-54.

a utilização das técnicas de reprodução assistida no país, modificando, entre outras coisas, o limite de embriões gerados em laboratórios de ilimitado para oito<sup>160</sup>.

[A nossa reprodução parece estar cercada por câmeras de vigilância]

Essas tecnologias parecem inseminar nas mulheres a ideia de que a reprodução é essencial para elas, já que nem a infertilidade é capaz de salvá-las desse destino. “Se as tecnologias reprodutivas têm o potencial de valorizar a capacidade única da mulher de dar à luz, quais as consequências disso para a nossa compreensão cultural do nascimento e sua relação com a subjetividade materna?”<sup>161</sup> Rosemary se pergunta o que muda e eu, ainda que sem resposta, lembro da história que uma amiga me contou. Na fazenda de seu avô, as vacas só recebem nome quando estão para parir. Talvez porque só assim, prenhas, são sujeito. Porque servem à espécie.

Embora não acredite que só disso se trata, coincido mais uma vez com Rosemary: “Ao perturbar os limites entre natureza e tecnologia, sexo heterossexual e maternidade, concepção e nascimento, as tecnologias de reprodução assistida desestabilizam os fundamentos de identidade e origem, a natureza do sujeito e como essa subjetividade se forma”<sup>162</sup>. Seria possível naturalizar essas novas formas de concepção e essa origem biotecnológica? E mais, quando a tecnologia assume determinadas funções do nosso corpo de mulher – como o de fecundar –, o que podemos fazer com essas lacunas?

[O que posso fazer enquanto não fecundo um óvulo?]

“Pela inseminação artificial, termina-se a evolução que permitirá à humanidade controlar a função reprodutora. Essas modificações têm, para a mulher em particular, imensa importância; podem diminuir o número de períodos de gravidez e integrá-la racionalmente em sua vida, em vez de permanecer escrava desta. Por sua vez, a mulher durante o século XIX liberta-se da natureza: torna-se senhora de seu corpo. Livre em grande parte das servidões da reprodução, pode desempenhar o papel econômico que se lhe propõe e lhe assegurará a conquista total de sua pessoa.”<sup>163</sup>

Perdoe-me, Simone, mas não me parece que a humanidade controle sua função reprodutora, talvez apenas aos homens caiba essa função. Ainda não somos “senhoras de nossos corpos”. Está claro que as

160 RESOLUÇÃO CFM Nº 2.294, de 27 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cfm-n-2.294-de-27-de-maio-de-2021-325671317> Acesso em: 10 jul. 2021.

161 BETTERTON, 1996, p. 108. Tradução minha.

162 Ibidem, p. 119. Tradução minha.

163 BEAUVOIR, 2019, p. 175.

tecnologias de reprodução podem servir de estratégias de empoderamento para mulheres que querem e decidem pela maternidade, porém me parece necessário perguntar até que ponto essas tecnologias não confinam um grande número de mulheres que poderiam estar resguardadas pela infertilidade e como nos desvencilhar disso.

“A representação das tecnologias reprodutivas pode ser vista como um “local de disputa”, um espaço no qual as identidades das mulheres como sujeitos maternos e não maternos estão sendo redefinidas.”<sup>164</sup> Penso, Rosemary, que esse espaço de redefinição pode ser transformado em “espaço político de resistência”, como nos sugere Ellen<sup>165</sup>.

Atentar para as inclinações ideológicas e capitalistas dentro da ciência parece ser um caminho viscoso, principalmente nos tempos atuais no contexto político-pandêmico brasileiro<sup>166</sup>. Mas não me ocorre outro rumo agora senão especular os possíveis interesses das técnicas reprodutivas para propor uma apropriação deles.

[Me pergunto o que a medicina quer consertar com a reprodução assistida, já que não me parece que  
estávamos quebradas]

“[...] aquilo que surge para nós na forma mística da ciência pura e do conhecimento objetivo sobre a natureza, revela-se disfarçadamente como uma ideologia política, econômica e social<sup>167</sup>” Me pergunto, Richard, se não está exatamente no desvendar desse disfarce a deixa para que possamos nos apoderar da reprodução assistida. Entendendo-a como um mercado reprodutivo, lucrativo e capitalista, e mais, nas palavras de Marta, uma indústria “orquestrada pelo ambiente social, religioso e cultural<sup>168</sup>”. Mas disso faremos parte apenas se quisermos e sob as nossas condições.

Vejamos o que nos diz um corpo de mulher submetido à reprodução assistida.

---

164 BETTERTON, 1996, p. 109. Tradução minha.

165 “Willis será a primeira a denominar ‘feminismo pró-sexo’ o movimento sexopolítico que categoriza o prazer feminino e o corpo das mulheres como espaços políticos de resistência ao controle e à normatização da sexualidade.” (PRECIADO, 2010, p. 357-358).

166 Atualmente, o Brasil enfrenta uma crise político-sanitária em decorrência da pandemia da Covid-19 e de um governo com inclinações fascistas. Nesse confuso cenário, uma corrente negacionista eleva o tom e aponta soluções que rejeitam evidências científicas. Nesse contexto, gostaria de fazer uma ressalva para minha atenção extrema às condutas científicas. O que busco não é negar os avanços das tecnologias da reprodução assistida, mas sim reunir argumentos que possam nos ajudar a desvendar os interesses que moveram as pesquisas e principalmente encontrar caminhos para fazer dessas tecnologias, como já disse, estratégias políticas de resistência.

167 LEWONTIN, 2000, p.64.

168 Diálogo com a artista sérvia Marta Jovanovic via correio eletrônico. Tradução minha.





Imagem 07 - Videoperformance em que apresento o material que utilizei nas tentativas de engravidar nas três inseminações artificiais e uma fertilização *in vitro* com uma transferência de embriões congelados.

Semiótica da gravidez<sup>169</sup>

Videoperformance, Cor, stereo, 16x9, 4'24", 2020

Para assistir ao vídeo, clique na imagem.

<sup>169</sup> Em *Semiótica da Gravidez* apresento medicamentos e instrumentos que usei durante alguns tratamentos. O título da obra faz referência à obra de Martha Rosler de 1975 *Semiotics of the Kitchen*. Nessa videoperformance, Martha apresenta de forma irônica e agressiva alguns instrumentos culinários, dispostos sobre uma mesa de forma caótica. A artista coloca em pauta o lugar da mulher enquanto dona de casa, questões que reverberam nas discussões do capítulo *A mulher nasceu para servir*. O que busco com *Semiótica da Gravidez* é uma estética estéril. Busco uma atitude neutra que se assemelha a de uma representante de medicamentos e apresento os itens tentando manter a organização inicial em que estão apresentados sobre a mesa. Trata-se de manipulação, quantidade e esterilidade. Aqui, explícito os disfarces utilizados pelas técnicas de reprodução assistida para controlar nossa reprodução.

### 3.2 Um corpo medicado e sedado

“Os hormônios são próteses químicas. Drogas Políticas”<sup>170</sup>

[Resta-nos saber a quem servem e mais, como usá-los a nosso favor]

\*

Durante os tratamentos, coletei. Guardei os resquícios de tudo o que atravessava meu corpo. Talvez como uma tentativa de vislumbrar um limite. Talvez parasse de tentar quando já não tivesse mais onde guardar tanto lixo hospitalar. O tratamento foi me trazendo um conhecimento novo sobre meu corpo e sobre hormônios. Quando troquei de clínica, já conseguia indicar quais hormônios eram mais eficazes para minha estimulação e quanto tempo precisaria para responder conforme esperado. Um novo léxico se formava. Sabia que as injeções de Orgalutran doíam mais que as de Puregon. Ainda que com o passar dos dias todas as agulhas encontrassem meu abdômen endurecido como resistência. Conforme o inchaço iniciava, eu experimentava uma irritação extrema. Diziam ser hormonal, eu acreditava ser uma recusa do corpo.

\*

“Não tenho uma relação próxima com a ciência. Sempre foi tudo muito empírico.”<sup>171</sup> Eu também não, Regina, ainda que me pergunte o que seria uma relação próxima com a ciência. Submeter meu corpo a técnicas de reprodução assistida foi uma tentativa de materializar a noção de corpo enquanto arena política. “Sim, me parece vital o entendimento da arte para além da metáfora, ou seja, o corpo além da poética e da metáfora. Me referir a ele a partir de sua materialidade tem sido parte da minha investigação.”<sup>172</sup> Da minha também.

Em *Himenoplastia*, performance realizada na Guatemala em 2004 e registrada através de fotos, Regina se submeteu a um procedimento cirúrgico ilegal e clandestino para reconstrução do hímen. Regina me conta que a cirurgia foi realizada por um dentista e se tratou, na verdade, da sutura dos pequenos lábios vaginais. E que, após a intervenção, teve um sangramento e precisou reverter o procedimento em um hospital.

<sup>170</sup> PRECIADO, 2010, p. 413.

<sup>171</sup> Fala de Regina José Galindo, no Círculo de conversas – Nos deixem falar com Regina José Galindo, na plataforma virtual Zoom, em 25 de janeiro de 2021. Tradução minha.

<sup>172</sup> Ibidem.

“Eu era uma mulher privilegiada por ter um ginecologista e por ter podido entrar em um hospital naquela situação sem proibição por se parecer a um aborto.”<sup>173</sup> Penso que também o sou, dentre outras coisas, por ter plano de saúde e dinheiro para me sujeitar ao tratamento e não precisar recorrer a inseminações caseiras, por exemplo. “Quem são as que abortam? Todas as mulheres. Quem são as que morrem?”<sup>174</sup> Nós, mulheres latino-americanas, sabemos a resposta. *Himenoplastia* escancara questões como a da fiscalização do corpo feminino, da precariedade da assistência ginecológica, do aborto e da violência contra a mulher no contexto latino-americano. “Essa discussão não aconteceu no campo da arte.”<sup>175</sup> Me pergunto porque a arte não se interessa por discutir essas questões desde um ponto de vista político, social e/ou legal. E me lembro de Spivak. *Pode o subalterno falar*<sup>176</sup>?

Avancemos um pouco mais sobre as relações de arte, ciência e vida. Durante nossa conversa abordamos as obras *Rabia*, de 2011, em que Regina recebe uma dose da vacina contra raiva e *Crisis blood*, de 2009, em que Regina vende seu sangue em tubos de ensaio numa galeria em Praga. Apesar de sua vasta trajetória, o que me interessava era falar de algumas obras em que ela era atravessada por medicamentos/procedimentos médicos, assim como eu fui.

Ao falar de *Crisis blood*, Regina traz luz para uma questão pertinente à minha prática artística. Me conta que as pessoas ficaram alvoroçadas em comprar cada vez mais sangue e que uma das pessoas pediu para que ela firmasse o frasco. “Isso não é uma obra de arte. Você acabou de comprar o sangue de uma mulher guatemalteca.”<sup>177</sup> Como uma artista dentro de uma galeria deixa de ser artista e volta a ser uma mulher guatemalteca? “Essa é a perversidade da obra.”<sup>178</sup> Me pergunto como seguir sendo uma mulher lésbica e racializada através, por exemplo, de um vídeo que circula no meio artístico.

“Os projetos que fiz e que cruzam a linha da arte me interessam muito.”<sup>179</sup> A mim também, Regina. Entender o corpo a partir da perspectiva da arte e da ciência parece ampliar sua potência. E mais, me interesse pela troca. Quando falei para uma médica sobre meu corpo enquanto suporte artístico e do

---

173 Fala de Regina José Galindo, no Círculo de conversas – Nos deixem falar com Regina José Galindo, na plataforma virtual Zoom, em 25 de janeiro de 2021. Tradução minha.

174 Ibidem.

175 Ibidem.

176 Referência ao título do livro *Pode o subalterno falar?*, da filósofa Gayatri Spivak.

177 Fala de Regina José Galindo, no Círculo de conversas – Nos deixem falar com Regina José Galindo, na plataforma virtual Zoom, em 25 de janeiro de 2021. Tradução minha.

178 Ibidem.

179 Ibidem.

meu interesse em me apropriar do conhecimento científico, ela me entregou o cateter e a placa de petri utilizados nos procedimentos.

“Os processos médicos serviram para sustentar uma hipótese teórica que geralmente é social ou política.”<sup>180</sup> Sim, Regina, mas ao me submeter a um processo que pode trazer uma consequência definitiva, penso que a ciência para mim atravessa (~~ou viabiliza?~~) questões não só políticas, sociais e artísticas, como também íntimas e pessoais.

[Me pergunto como se dá a aproximação da ciência com a intimidade]

E aqui eu gostaria de me demorar um pouco nesse corpo que performa. “Nunca me interessei pela investigação sobre a resistência corporal, sobre a resistência médica e sobre a dor. O fato do discurso social perder a importância, ao limitá-lo em dizer que eu estou testando meus próprios limites, de minha dor e de meu prazer é algo que tive que defender com muito afinco.”<sup>181</sup> Acho, Regina, que em algum momento da minha trajetória artística me interessei por experimentar os limites de meu corpo. Mas isso já não volta a acontecer durante a pesquisa sobre reprodução. Embora a dor esteja presente em algumas etapas do tratamento e o corpo seja forçado, por exemplo, a experimentar o limite de crescer o maior número de folículos ovarianos possível, para mim, isso são efeitos colaterais de um corpo que performa a reprodução. E, portanto, assim como você, me empenho para que não esvaziem o discurso que venho tecendo até aqui.

Conheci a artista Macarena Peñaloza<sup>182</sup> a partir de seu fotolivro *In Vitro*. A obra reúne imagens do seu processo de fertilização *in vitro*, da gestação, do parto e do puerpério. “Capturas que nos mostram a experiência do gestar e do parir hospitalar, do desejado instante de procriar de um casal, que se combina com temores, angústias financeiras, altos e baixos emocionais e a frieza destes serviços que veem o nascimento, na maioria das vezes, apenas como um processo medicalizado”<sup>183</sup>, diz Jocelyne no texto de apresentação da obra. Compartilho dessa frieza, Jocelyne. Durante todo o tratamento fico impregnada pela palavra estéril.

---

<sup>180</sup> Fala de Regina José Galindo, no Círculo de conversas – Nos deixem falar com Regina José Galindo, na plataforma virtual Zoom, em 25 de janeiro de 2021. Tradução minha.

<sup>181</sup> Ibidem.

<sup>182</sup> Macarena Peñaloza é uma fotógrafa chilena e integrante do coletivo Las Niñas.

<sup>183</sup> DROGUETT, Jocelyne Rodrigues. In: PEÑALOZA, Macarena. *In-Vitro*. Santiago do Chile: Maar Ediciones Fotográficas, 2019, p. 5.

Quando pergunto sobre a frieza do tratamento, Macarena me diz<sup>184</sup> que os exames a cansavam e que era constantemente invadida, pelas pernas ou pelos exames de sangue. Eu também me senti assim, inúmeras vezes violentada e vulnerável.

\*

Em um dado momento, logo no início do tratamento, me foi solicitado fazer uma histerossalpingografia. Um raio-x que avalia as trompas uterinas por meio de contraste. Em uma pesquisa rápida sobre o exame, encontrei inúmeros relatos de mulheres que sentiram dor. Entrei na sala e duas mulheres me pediram para deitar sobre uma mesa metálica gelada. O médico chegou, posicionou o espécuro e injetou o contraste. A dor era pungente. Grossa e intensa. Como um beliscão. O médico me pediu para virar o quadril primeiro para um lado e depois para o outro. A dor passou momentos depois que o exame acabou. Levantei e não consegui caminhar. Minha pressão caiu e o médico foi chamado. Me chamou de fraca e disse que era frescura. Verificou minha pressão. 9x4. Pediu para que eu esperasse um pouco antes de me levantar e saiu da sala.

\*

---

<sup>184</sup> Entrei em contato com Macarena para adquirir uma cópia impressa de seu fotolivro para esta pesquisa e ela propôs que nos encontrássemos virtualmente para identificar os encontros de nossas investigações e possibilidades de colaborações artísticas. Seguimos conversando virtualmente até o momento atual. Os diálogos que aparecem aconteceram nesses ambientes virtuais.

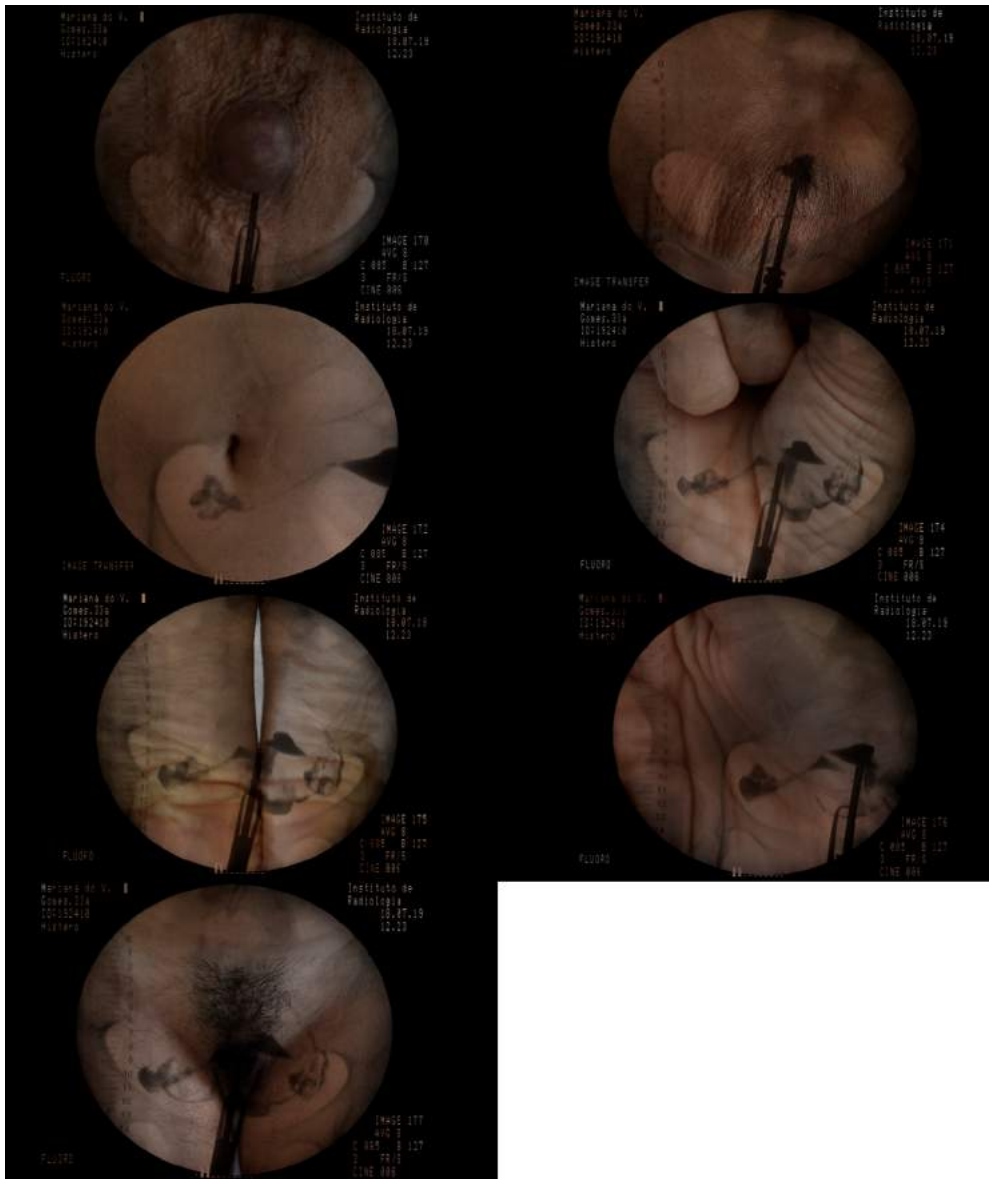


Imagem 08

Onde fica o útero?

Fotomontagem digital de fotografia sobre raio-x, 20x24cm, 2020

[Volto a pensar na punção ovariana. Talvez nos sedem não para que não sintamos, mas para que não reclamemos da dor]

“Dói! Dói muito!”<sup>185</sup> Dói mesmo, Ulla, e assim como você, não sei se é pior a dor ou a forma violenta como nos arrancam a possibilidade de expressão e nos calam<sup>186</sup>.

\*

Onde fica o útero? Essa pergunta me surgiu em diferentes momentos durante esta pesquisa. Seja quando me vasculhavam vagina adentro, seja quando achavam que ele passeava no nosso corpo histórico, seja quando soube que ele tinha o tamanho de meu punho fechado ou quando me disseram que ele contraía conforme o bebê sugava nossas mamas.

\*

Durante os tratamentos, imersa em hormônios, busquei entender cada alteração física. Para que estivesse eu no controle dessas mudanças, para que não estivesse a serviço delas. No percurso, encontrei mulheres que se especializavam nas aplicações dos medicamentos, e outras que pareciam estar à deriva, não entendiam os números e nem as etapas do tratamento. Sempre que chegava à sala de espera das consultas me perguntava quais mulheres ali perdiam a liberdade de sua infertilidade.

\*

Durante duas semanas, espero. Reviro meu corpo em busca de sintomas e os escrevo. Uma e outra vez. Na terceira vez, meu diário tem um cheiro insuportável de sangue que também se vai com a espera. Nesta folha em branco, o que se inscreve é o sangue.

\*

---

185 SARAIVA, Ulla. *O quarto amarelo sol*. [Toronto, ON, Canadá]: edição da autora, 2020 p. 45.

186 Conheci Ulla primeiro nos corredores da universidade e depois como aluna de um curso de fotografia que ministrei. Ulla foi paciente de reprodução assistida embora nunca tenhamos conversado pessoalmente sobre isso. Durante a minha pesquisa, ela lançou o livro *O quarto amarelo sol* sobre sua experiência. Só assim descobri as coincidências de nossas trajetórias. Muitos trechos do livro poderiam ter sido escrito por mim. No livro, Ulla escreve sobre o casal Clara e Eric mas, já no prefácio, diz que esses personagens são em essência ela e seu marido, Aquiles. Nesta pesquisa, busco conversar diretamente com Ulla, evocando a intimidade que já tínhamos.



*Imagem 09 - Em Diário de Sintomas uso o tempo de espera entre a terceira inseminação artificial e o resultado do exame de gravidez para misturar algodão, sangue e água.*

Diário de Sintomas

*Objeto [3], Algodão, sangue e água sobre placa de vidro, 15cmx10cm, 2019*



### 3.3 <2,39 mUI/mL ou Aproximações ao fracasso e à loucura

Foram seis os exames de Beta HCG negativos que recebi. O laboratório em que eu fazia os exames, apesar de sempre estampar em negrito as palavras Não Reativo, não apresentava o índice hormonal em 0,0 mUI/mL. Vinha sempre escrito <2,39 mUI/mL. Da primeira vez, claro, imaginei que podia estar grávida. Ao perguntar à médica, ela também não sabia porque eles utilizavam esse número como referência.

~~O fracasso me aparece como questão por duas vias. Fracasso por não ser uma mulher heterossexual e fracasso por não servir à espécie. A cada negativo, parece que fracasso simultaneamente duas vezes. São muitos fracassos.~~

“A inevitável lacuna entre a intenção e a realização de uma obra de arte torna o fracasso impossível de ser evitado.”<sup>187</sup> Assim como as demais questões que tenho pontuado, me aproximar ao fracasso é também me aproximar da arte.

Encontrar o fracasso durante o tratamento parece imbricar a reprodução à arte. A reprodução enquanto performance. Lisa me diz que “se esforçar para falhar é ir contra o impulso socialmente normalizado em direção a um sucesso cada vez maior”<sup>188</sup>. E eu penso que, embora eu nunca tenha precisado me esforçar para alcançar o fracasso, “ir contra o impulso socialmente normalizado” me parece um lugar muito familiar.

Uma vez que encaro o fracasso, meu interesse é transformá-lo em potência. Mudo a rota para o desconhecido. Início o tratamento na certeza de que, por não apresentar questões de infertilidade, minhas chances seriam mais altas e a resposta seria mais rápida. Prevejo o sucesso, e ainda por cima, rápido. Quando se fracassa muito, tendemos a nos acostumar. Nos últimos testes de gravidez eu já esperava pelo <2,39 mUI/mL.

[Oculto meus fracassos, para só depois fazer alguma coisa com eles]

---

<sup>187</sup> FEUVRE, Lisa Le (ed.). Failure. Documents of Contemporary Art. London:Whitechapel Gallery. Cambridge: The MIT Press, 2010. p.12. Tradução minha.

<sup>188</sup> Ibidem.



*Imagem 10 - Desperdício de leite sobre ovo não chocado.*

*Estéril*

*Vídeo, Cor, Stereo, 16x4, 1'01", 2020*

*Para assistir ao vídeo, clique na imagem.*

“O constrangimento é uma resposta natural ao fracasso: você quer desaparecer quando isso acontece, quando o mundo olha para você e te julga por seu fracasso.”<sup>189</sup> Falei da primeira tentativa para algumas pessoas, nas seguintes mantive um silêncio absoluto<sup>190</sup>.

[Com o que se parece o fracasso?]

Não me proponho aqui a adentrar as discussões sobre a ruptura com a beleza no que diz respeito à arte contemporânea, mas me parece necessário questionar qual seria uma estética capaz de tornar a violência, a dor, a loucura e o fracasso atraentes. “No entanto, embora ninguém jamais tenha contestado a noção de que os prazeres da arte assumem muitas formas (incluindo as cognitivas), nem é preciso dizer que a maioria das pessoas prefere ter seus prazeres em trabalhos que ainda podem ser descritos em termos de beleza.”<sup>191</sup>

[Uma estética estéril?]

Tem algo de estéril no fracasso. E, claro, na reprodução. Para *Estéril* recorro a tudo que me impregna. O fracasso, o branco do hospital, o minimalismo dos consultórios, o leite materno que não vem – mas que também é o espermatozoide que se compra – e o ovo que me arrancam. Nessa trajetória perdi 26 óvulos.

[É possível pensar o branco enquanto fracasso?]

Mas como disse, não vi o fracasso de imediato. Parecia que o preço e a complexidade do tratamento eram uma espécie de garantia de sucesso.

[Haveria algo de dissimulado em fracassar?]

“A tecnologia não tem intuição, reflexividade ou capacidade de saber se algo “parece certo”, mas o objetivo das máquinas é aumentar a eficiência além da capacidade da mão humana”<sup>192</sup>. Ou do corpo inteiro, Lisa.

---

189 FEUVRE, Lisa Le (ed.). *Failure. Documents of Contemporary Art*. London: Whitechapel Gallery. Cambridge: The MIT Press, 2010. p.17. Tradução minha.

190 Muitas mulheres durante o tratamento criam perfis em redes sociais, mas não se identificam. Nas palavras de Ulla: “A infertilidade impactava a existência de algumas delas de maneira extremamente cruel. Por isso, as contas eram anônimas, porque elas sentiam uma profunda vergonha daquele assunto.” (SARAIVA, 2020, p. 78).

191 FEUVRE, 2010, p. 31. Tradução minha.

192 Ibidem, p. 18. Tradução minha.

A reprodução assistida tenta controlar, através da tecnologia e de hormônios sintéticos, a reprodução humana por completo, mas ainda falha – e muito!

Você acredita que *Motherhood* se relaciona com o fracasso? “Absolutamente não! Eu e o curador usamos a palavra ‘fracasso’ sarcasticamente em relação a este trabalho. Estou muito feliz com as escolhas que fiz.”<sup>193</sup> O fracasso não parece lhe interessar. Ouro aqui seguramente fala de sucesso.

Talvez, para mim, o sucesso seja uma zona de conforto. Percebo que não me indago muitas coisas após uma vitória. Dado o meu interesse por perguntas, o fracasso me parece um terreno fértil. Mais uma vez o fracasso enquanto potência criativa<sup>194</sup>. E enquanto potência política<sup>195</sup>. E é a partir dele que sigo minha experimentação. Primeiro, quebro ovos. Em um muro descascado e nas minhas mãos. Depois me proponho uma disputa fadada ao fracasso. Luto por eles contra o mar até perdê-los.

Essas ações começam como catarse para rapidamente estabelecer diálogo com o meu corpo político de mulher. O meu desejo de servir à espécie em breve se entenderá subversivo.

\*196

“Quando eu era antiga fui depositária do ovo e caminhei de leve para não entornar o silêncio do ovo. Quando morri, tiraram de mim o ovo com cuidado. Ainda estava vivo.”<sup>197</sup> Parece, Clarice, que em mim quem morreu foi o ovo.

Os ovos.

Fui eu quem os matei?

Eu não era antiga. Eu os carregava nesse mesmo corpo que carrego agora. De certa forma, há de ter sido uma rebeldia para recusar que existo apenas para isso.

---

193 Diálogo com a artista Marta Jovanovic via correio eletrônico. Tradução minha.

194 “Como o fracasso resiste a nós, nós o questionamos; nós o observamos de todos os ângulos.” PÉPIN, Charles. *As virtudes do fracasso*. São Paulo: Estação Liberdade, 2018. p.10.

195 “Também podemos reconhecer o fracasso como maneira de se recusar a aquiescer a lógicas dominantes de poder e disciplina e como forma de crítica. Como prática, o fracasso reconhece que alternativas já estão embutidas no dominante e que o poder nunca é total ou consciente; de fato, o fracasso pode explorar a imprevisibilidade da ideologia e suas qualidades indeterminadas.” (HALBERSTAM, 2020, p. 133).

196 Diálogo que estabeleço com o conto “O ovo e a galinha”, de Clarice Lispector.

197 LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 303.

Você me diz que o sofrimento intenso poderia prejudicar o ovo. E eu te digo que o sofrimento intenso mata. Mata os ovos também.

Talvez o meu erro tenha sido prestar muita atenção ao que querem do meu corpo fértil. Observar cada fisgada da ovulação, desculpar-me pelos acessos de raiva, chorar pelo sangue que insisto em derramar...

Parece que o ovo precisa de silêncio.

A mulher já nasce com todos os seus óvulos dentro de si. Ninguém os pôs aqui. Eu vim assim. Ao longo da vida, todos os meses, perdemos. A verdade é que querem nos convencer que perdemos, mas às vezes quero pensar que estamos cada vez mais próximas da liberdade de não servir mais para gestar ovos.

De tão diminutos, uma mulher menopausada pode perder dentro de si os ovários. E se já não os encontram, talvez esteja ela livre da servidão de fêmea. O que mais pode ser uma mulher?

E duas mulheres? Podem juntas ter um filho? Talvez hoje em dia isso seja uma espécie de subversão ao que se propõe a reprodução assistida. Me pergunto se eles nos pensaram plurais quando decidiram controlar nossos ovos, tornar-nos todas férteis e prolongar o tempo em que servimos à espécie.

O meu desejo era poder carregar ovos grandes. Cuidá-los, lavá-los. Mas os meus ovos eu não vejo. Não sei o que carrego. Ainda que, quando muitos, me inchem a barriga. São apenas sintomas. Não sei têm cheiro. Não sei são duros. Não sei que cor têm. Seriam brancos?

Talvez seja melhor não saber. Você me diz que os ovos brancos são perfeitos.

“Chamar de branco aquilo que é branco pode destruir a humanidade.”<sup>198</sup>

Penso, Clarice, que entender o branco como perfeito é que pode destruir a humanidade.

---

<sup>198</sup> LISPECTOR, Clarice. Todos os contos. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 305

“Ovo que se quebra dentro da galinha é como sangue.”<sup>199</sup> Somos feitas de ovos quebrados, Clarice! Talvez por isso esse cheiro impregnado.

\*

---

<sup>199</sup> LISPECTOR, Clarice. Todos os contos. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 307.



*Imagem 11 - Videoperformance em que lavo uma roupa branca suja de sangue no mar.*

Mancha

*Videoperformance, Cor, Stereo, 16x4, 6'17", 2021*

*Para assistir ao vídeo, clique na imagem.*

Charles me diz que a falha é necessária. “Foi nos debruçando sobre o corpo humano quando ele não funcionava bem que compreendemos melhor ‘como ele funciona.’”<sup>200</sup> Um corpo que falha e fala. E mais, me diz que “a experiência do fracasso é a experiência da própria vida.”<sup>201</sup>

[O fracasso sempre permanece]

O fracasso parece não recriar uma realidade. Pelo contrário, a atesta. Me pergunto qual realidade os meus repetidos fracassos desvelam. ~~A de ser mulher?~~ Talvez o único caminho seja repensar a realidade. ~~Porque de nada nos serve protestar contra o real.~~

Falho. Mas me pergunto o que há por trás dessas falhas. Charles me sugere que seria “a eficácia de uma estratégia consciente.”<sup>202</sup> Começo a pensar que o sucesso do tratamento aponta para uma ressignificação do ser mulher, mas foi preciso primeiro me ver enquanto fiasco<sup>203</sup>.

“O fracasso não é o de nossa pessoa, mas o de um encontro entre um de nossos projetos e um ambiente.”<sup>204</sup> Não sei, é difícil não me identificar com o que sou enquanto fracasso, principalmente quando passo a me interessar em encontrar potência nesse fracasso. “O fracasso nos faz mal porque ele vem romper nossa carapaça indentidária, nossa imagem social, a ideia que fazíamos de nós mesmos. Já não nos reconhecemos.”<sup>205</sup> Também já não sei se o fracasso me faz mal.

“Do ponto de vista do feminismo, apostar no fracasso tem sido melhor que apostar no sucesso. No contexto em que o sucesso da mulher é sempre medido a partir de padrões masculinos, e o fracasso do gênero com frequência significa estar livre da pressão de se igualar aos ideais patriarcais, não ser bem-sucedida na mulheridade pode oferecer prazeres inesperados<sup>206</sup>” Seguramente, Jack. Passo a apostar na mulher enquanto fracassada. Ainda que defenda o legítimo desejo de algumas mulheres de servir à espécie, interesse-me pelo livre arbítrio feminino e feminista. E esse sim não me parece caber dentro dos “padrões

---

200 PÉPIN, 2018, p. 23.

201 Ibidem, p. 15.

202 Ibidem, p. 57.

203 “Às vezes só a experiência do fracasso permite medir o quanto a identidade social nos reduz, nos separa de nossa personalidade profunda, de nossa complexidade. Para superar nossos fracassos, é preciso, pois, redefinir o “eu”: não mais um núcleo fixo e imutável, mas uma subjetividade plural, sempre em movimento.” (Ibidem, p. 65).

204 Ibidem, p. 64-65.

205 Ibidem, p. 65.

206 HALBERSTAM, 2020, p. 23.



masculinos”. Se adiciono à equação mulheres não heterossexuais, talvez já me distancie do fracasso e veja a possibilidade de sair da margem para ocupar o centro. Mas ainda não chegamos nesse momento da discussão.

Quando Ulla me diz que, após um negativo, não conseguiu evitar sentir que de alguma forma aquilo era sua culpa, ela escancara o seu fracasso enquanto mulher. Ainda que as probabilidades de sucesso do tratamento a que nós duas nos submetemos estejam em torno de 50%, não é a tecnologia desenvolvida por homens para controlar nossa reprodução que ela culpa. E ela não está só. Eu sentia que meu corpo falhava cada vez que meu útero vazio sangrava.

“Senti como se eu fosse menos mulher; ou uma mulher incompetente, já que a coisa mais básica da existência humana, o que era nosso ‘direcionamento biológico’ era impossível para mim. Pensando racionalmente, eu sabia que não era menos mulher porque não conseguia ter filhos de maneira natural. Óbvio que meu valor não podia ser medido pela minha habilidade em me reproduzir, mas parece que a maternidade é cercada dessa aura de culpa antes da concepção.”<sup>207</sup> Exato, Ulla. Mesmo que você esteja racionalmente bastante alinhada com as questões que coloco, o que você sente – assim como eu – ainda denuncia que estamos encharcadas de um fracasso pouco empoderado.<sup>208</sup>

E se ainda nos faz falta algum argumento, Rosemary é assertiva: “Nos discursos proliferantes sobre tecnologias reprodutivas na medicina, no direito e na mídia, as mulheres estão presentes apenas como vítimas individuais de sua própria biologia. A tecnologia entra em cena quando os corpos das mulheres ‘não funcionam’.”<sup>209</sup>

[Eles não querem que nosso sangue escorra pelas pernas]

Em *Mancha*, o sangue que suja a roupa e ali se impregna para nunca mais sair fala de fracasso, de perda e de violência. ~~Mas poderia também falar do alívio que sentem as mulheres que não querem engravidar.~~ A câmera inquieta que me acompanha nessa missão fracassada apresenta minha pele e o sangue enquanto mancha e pouco a pouco os vai fundindo. O que você não sente é o cheiro. Um cheiro ferroso de entranha, que não abandona a roupa nem mesmo depois que ela está charqueada pelo mar.

207 SARAIVA, 2020, p. 46-47.

208 “Ter filhos e não ter filhos estão intimamente ligados a um senso de identidade e valor próprio para as mulheres.” (BET-  
TERTON, 1996, p. 108. Tradução minha).

209 Ibidem, p. 108-109. Tradução minha.

“A mancha é essa coisa que se infiltra, ela não tem forma em si. Ela acontece na superfície e a gente não tem controle sobre ela. Ela vai se infiltrando. Ela não tem uma forma prévia. Ela é. Ela acontece ali e tem zonas de penetrabilidade. [...] Ela permite que a gente entre nela, diferente de uma forma fechada, contornada, a mancha dá abertura e ao mesmo tempo ela se furta de novo, ela se furta de ser fechada.”<sup>210</sup> Não poderia ter dito melhor, Clara. Parece que a mancha fala sempre de ferida, passado, resquício e ruína. Onde o de dentro sai. E é exatamente aí, mais uma vez, que me aparece enquanto potência.

[O que podemos construir a partir da ruína?]

Lembro-me que Marta também mancha seu vestido branco. Em *Ljubav/Love*<sup>211</sup>, a artista Marta Jovanovic surge portando um longo vestido branco que aproxima sua imagem a uma imagem de santa ou entidade. Ao seu redor, muitos baldes metálicos repletos de corações frescos e ensanguentados. Os espectadores atiram-lhe à distância os corações. Seu corpo balança a cada impacto. Sua roupa branca, pouco a pouco, vai sendo tingida com sangue diluído.

E já que estamos falando de sangue... Por vezes não sabia se aquilo poderia receber o nome de aborto. Ulla também divide comigo as incertezas sobre o sentir. “Eu sequer sabia se eu estava me sentindo só triste, ou se aquilo que eu estava sentindo era um luto. Não sabia se eu deveria considerar que perdi um filho ou se era melhor fingir que nem tinha engravidado.”<sup>212</sup> De todas as formas, fracassava. Na dúvida, surge *Sem título*.

---

210 Fala da artista Clara Machado, no Encontros Dissonantes: a imagem como sintoma, o fazer como imagem, na plataforma virtual Youtube, em 10 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lrb5v1IA-7s>, Acesso em: 13 jul 2021.

A obra da artista Clara Machado me interessa pela escrita e pela forma como ela faz uso do sangue, mas se desvencilha do já visto, explorando questões que aproximam o corpo das noções de resto, rastro e memória.

211 *Ljubav* (2016) pode ser visto em <https://vimeo.com/387184295>

212 SARAIVA, 2020, p. 35.



*Imagem 12*

*Sem título*

*Objeto, Resina, sangue, embriões e madeira, 20x18x3cm, 2021*

Resta-nos pensar sobre esse corpo que não quer engravidar. Pensá-lo não como fracasso, mas como uma tentativa de triunfo. Como já disse, desde o ponto de vista biológico, a gravidez é o maior evento imunológico do corpo, e, por tratar-se de um corpo estranho, baixamos nossas defesas para que o embrião possa se implantar. A mulher se permite adoecer para não expelir o embrião. Mas expulsá-lo não deixa de ser uma vitória. Nesse caso, do indivíduo, e não da espécie.

[O aborto enquanto sucesso do corpo]

Perguntam-me se já tive abortos e eu não sei o que responder.

Coletei o sangue de uma transferência frustrada. Misturei a ele resina e água e derramei a mistura preenchendo a fenda de um corte de madeira. A resina quase não conteve o sangue. Outra vez, o cheiro toma todo o espaço. O sangue e a resina reagem, geram bolhas em sua disputa até que petrificam. ~~Penso que os embriões voltam, de certa forma, ao seu congelamento inicial.~~ O cheiro cessa.

O fracasso me leva a outro caminho inevitável, à loucura. E é sobre ela que me debruçarei um pouco.

\*

O prefixo *hister* sempre esteve comigo. Primeiro porque o carregou em mim. Útero. Depois quando arrancaram-lhe da minha mãe. Histerectomia. Anos mais tarde precisaram revirar-me as trompas, injetando-lhe contraste. Histerossalpingografia. Quando precisaram usurpar-lhe um pedaço, por duas vezes, me sedaram. Histeroscopia. Portanto, penso que devo manter alguma intimidade com a histeria, ainda que a loucura assumo outros nomes.

\*

Eu quis entender mais sobre a histeria. Sabendo que esse era um diagnóstico em desuso, encarei-o enquanto mito<sup>213</sup>, como nos aconselha Paul.

---

213 “É imperativo entender nossas identidades sexuais como efeitos traumáticos de um violento sistema biopolítico de sexo, gênero, sexualidade e raça e elaborar novos mitos que nos permitam interpretar o dano psicopolítico, nos dando coragem necessária para a transformação coletiva.” (PRECIADO, 2018, p. 396).

Conta-se<sup>214</sup> que a histeria era uma doença exclusivamente feminina, e, por isso, recebe esse nome. Estando diretamente ligada ao útero, às vezes era causada por um fluxo irregular de sangue, às vezes porque sua esterilidade o obrigava a passear pelo corpo, obstruindo todas as passagens de ar e causando dores agudas, sem causa orgânica aparente. Para esses casos, ter um filho parecia ser a solução. Por vezes, dizia-se que a histeria estava ligada a uma intervenção demoníaca ou que era provocada por odores fétidos que se desprendiam do útero em função do sangue menstrual que se decompunha. Vez por outra o útero foi chamado de matriz. ~~Depois de um tempo cansaram de pensar sobre ele e o abandonaram.~~

Ainda que carreguemos um órgão que recebeu o nome de matriz, parece que sempre houve um desejo explícito de nos dizer sujas, podres, endemoniadas e loucas. Talvez por isso a repulsa pelos trabalhos em que usei o meu sangue de matriz. As pessoas para quem mostrei as lâminas de *Diário de Sintomas* – já secas e inodoras – deram um passo atrás e se recusaram a tocá-las.

Assim como Ulla, ouvi diversas vezes que quando menos esperasse conseguiria engravidar: “A opinião de que eu precisava relaxar me deixava especialmente enlouquecida.”<sup>215</sup> Era preciso não esperar, não desejar o sucesso. Mas com um calendário controlado por hormônios sintéticos parece que os dias encontravam aí sua função. Sinto-me mais próxima dessa possível loucura sempre que percebo que perco o controle sobre o que penso.

[A loucura parece estar intimamente ligada ao descontrole]

“O tratamento de fertilização in vitro parece um pouco com ficção científica.”<sup>216</sup> Seguramente, Ulla, talvez por isso criemos uma realidade paralela, pautada pelos nossos corpos e seus sintomas. Mas essa realidade é particular, inventada por e para nós. Isoladas. E há algo de solitário na loucura. Lembrei-me agora de quando ouvi de uma artista que era óbvio que as pessoas não gostavam de loucura. O que me convence de que precisamos seguir falando sobre ela.

---

214 Buscando sobre a história da histeria, encontrei um mesmo texto em diferentes fontes e com autoria desconhecida. A partir dele e experimentando o tom de narrativa mitológica busco uma estratégia de deslegitimação. A fonte que escolhi usar – não aleatoriamente – é um texto do curso de Psicologia Clínica – módulo História da Histeria da Faculdade de Teologia e Ciências. Disponível em: <http://www.fatecc.com.br/ead-moodle/pospsicanaliseclinica/modulohisteria.pdf> Acesso em: 21 jun. 2021.

Ressalto ainda que a associação que faço aqui da histeria à loucura é conscientemente desviada, uma vez que Freud a aproximava muito mais à sexualidade do que à loucura. Porém, não é interesse dessa pesquisa o aprofundamento psicanalítico desta questão.

215 SARAIVA, 2020, p. 39.

216 Ibidem, p. 91

Nas duas vezes em que submeti meu corpo a uma fertilização *in vitro*, injetando uma quantidade muito elevada de hormônios durante dez dias e interrompendo bruscamente seu uso após a punção de óvulos, experimentei episódios de crise em que talvez tenha me aproximado da loucura.

[Não estou certa de que a loucura exista]

“Na crise, dois elementos se separam, criando uma abertura através da qual se pode ver.”<sup>217</sup> Me pergunto, Charles, o que se separa em mim. Será que eu me divido entre sã e insana? Ainda assim me interessa por isso que você fala que as crises desvendam. “Quer tenham lugar no corpo ou no psiquismo, no palco da história ou na vida íntima, as crises causam uma ruptura na realidade: de repente se oferece ao nosso olhar o que estava escondido.”<sup>218</sup>

---

217 PÉPIN, 2018, p. 23.

218 Ibidem, p. 25.



*Imagem 13 - Videoperformance em que encho balões para que se torne visível o ar que trago dentro, a loucura que gesto e os ovos que perdi.*

Tentativa de engravidar<sup>219</sup>  
Videoperformance, Cor, Stereo, 16x4, 7'59", 2020

*Para assistir ao vídeo, clique na imagem.*

---

219 Videoperformance em que crio um invólucro para meu corpo com balões transparentes cheios do meu ar. Aqui investigo reprodução, fracasso, loucura e feminismo.

\*

Já faz 11 anos que vi um grande amigo pela última vez. Levei comigo por algum tempo um pequeno difusor inflável que ele tinha enchido com seu fôlego. Foi a primeira vez que me deram ar de presente.

Parir ovos de látex. Para estar sem estar. Ovos gigantes que, apesar de carregar o invisível, cansam, sufocam e encobrem os seios desnudos de uma fêmea.

Durante as duas semanas em que espero o resultado do exame, observo diariamente e minuciosamente meus seios. Da última vez, essa busca incessante por sintomas, junto aos hormônios que engulo e enfio todos os dias me levaram a mais um surto. Era dia de ano novo, a festa que eu mais gosto, e me tranquei por horas no banheiro, consumida por um choro que resultou em olhos tão inchados que me impediram de ver os fogos e o sangue que escorria pelas minhas pernas.

Acho que dor mesmo eu senti só depois da biópsia do útero e da punção dos óvulos. Tirei 17. Tive um começo de síndrome de hiperestimulação ovariana. Na noite de natal coloquei um vestido bem folgado, porque minha barriga estava muito inchada e não conseguia andar muito bem. Fora isso, as injeções queimam um pouco, mas nada muito incômodo.

Antes de ir parar no hospital por causa das crises depressivas, mas já depois da noite de ano novo, fizemos uma transferência de embriões. No dia do descongelamento cheguei na clínica já pronta, com a bexiga tão cheia que, mais uma vez, era difícil andar. Esperamos até a embriologista vir nos mostrar uma folha A4 com umas imagens e dizer que era uma pena. Fiquei olhando para ela até ela explicar que tínhamos perdido os dois embriões no descongelamento. Só aí entendi que podia ir fazer xixi. Sabia que podia não ovular, tirar poucos óvulos, não conseguir levar os embriões até o 5º dia, mas não pensei sobre perder embrião no descongelamento. A embriologista me lembrou que estava no documento que eu tinha assinado. Descongelaram mais dois e só um resistiu. Fizemos a transferência e depois de duas semanas o resultado deu negativo.

[Perder o que nunca se teve não deve ser doloroso]



No total foram 5 exames negativos, mas acho que de alguma forma sempre achei que aguentava mais um pouquinho, até achar que tinha enlouquecido. Eu sempre fui a que mais sabia dessas coisas. Lembro de ajudar uma amiga à distância, falando sobre meus episódios de pânico com 14 anos de idade. Ela dizia que tinha medo de enlouquecer. E eu dizia que sabia o que ela estava sentindo. Eu sempre tive medo de enlouquecer, talvez porque sou mulher e sempre ouvi falar de mulheres loucas.

[Mulheres loucas quebram ovos?]

As pessoas parecem não gostar de loucura. Todas as vezes que me aproximei da loucura, também me aproximei da solidão. Ficavam apenas os que a temiam, como eu. Talvez duas ou três pessoas. Não há muita gente louca perto de mim. Devo ter tido sorte.

Talvez precise encontrar o limite do meu fôlego, como quando mandavam eu respirar dentro de um saco para não desmaiar, para sempre permanecer. Ainda que sinta como se algumas partes minhas pesassem mais e outras tivessem desaparecido por completo.

\*

Macarena também me fala de loucura e limites. Diz que alguns julgavam que o tratamento era uma loucura e que ela também o via assim. E que hoje, depois de 5 anos, não voltaria a fazê-lo. Porque já não tem vontade e muito menos energia para isso. Mas acrescenta algo sobre o destino. Me diz que se não conseguiu de forma natural é por alguma razão, e mais, que isso é algo que só faria uma vez na vida<sup>220</sup>. E aqui volto a pensar sobre o biológico. Parece que estamos mesmo presas a ele. O que me faz continuar querendo encontrar estratégias para nos livrarmos.

Sem perder de vista o que já disse, me coloco agora enquanto mulher lésbica que se reproduz e é sobre isso que quero falar:

---

220 Diálogo informal que estabeleci virtualmente com a artista Macarena Peñaloza, através de mensagens de texto, como já mencionado.

4.

Como lésbicas engravidam

## 4.

### Como lésbicas engravidam

Começemos por conversar junto a Monique sobre esse corpo lésbico que carrego.

\*

“Você está sangrada.”<sup>221</sup> E não estamos todas, Monique?

Simone me diz que minha carne é passiva<sup>222</sup>, e eu me pergunto se é o ato sexual heterossexual que me coloca nesta suposta posição. Se assim for, prefiro pensar que a homossexualidade me resgata dessa inércia.

Demoro a perceber que o que carrego é um corpo de mulher. Só carrego um corpo lésbico nas relações de desejo com outra e politicamente. Meu corpo de mulher não traz traços biológicos de sua lesbiandade. Mais uma vez posso quase sempre ser invisível. Apenas não me interessa por isso.

Há algo de corpo lésbico na linguagem. Não à toa, Monique retira as vogais das palavras e me ajuda a pensar a angústia dos grunhidos que saem por nossas gargantas. Como quem ilustra nossa impossibilidade de falar, de estar no mundo.

E também a invisibilidade de nossas relações.

“E/u não vou dizer o seu nome. Ele não vai sair apoiado no ar, ele não fará seu caminho para fora de m/im. E/u estou muda.”<sup>223</sup> Estamos.

---

221 WITTIG, Monique. O Corpo Lésbico. Rio de Janeiro: A Bolha Editora. 2019, p. 11.

222 “A homossexualidade da mulher é uma tentativa, entre outras, de conciliar sua autonomia com a passividade de sua carne. E se se invoca a natureza, pode-se dizer que toda mulher é homossexual. A lésbica caracteriza-se, com efeito, pela recusa do macho e seu gosto pela carne feminina; mas toda adolescente recebe a penetração, o domínio masculino, experimenta em relação ao homem certa repulsa; em compensação, o corpo feminino é para ela, como para o homem, um objeto de desejo.” (BEAUVOIR, 2019b, p. 164).

223 Ibidem, p.61.

“... e/u não grito seu nome m/inha mais proibida...”<sup>224</sup>, “Uma rouquidão m/e atinge impedindo a voz de sair da minha garganta.”<sup>225</sup> Às vezes parece que a cortaram, Monique.

“E/u sou aquela que guarda o segredo do seu nome. E/u guardo suas sílabas atrás da m/inha boca fechada quando e/u queria mesmo era gritá-las por cima do mar para que elas caíssem nele fossem por ele devoradas naufragassem.”<sup>226</sup> Falar, nem que seja para que minhas palavras sucumbam. Falar. Talvez porque falar é aquilo que pode definir um sujeito.

Quando penso que o corpo lésbico de Monique não se aproxima da reprodução, ela me fala dessa reprodução *utópica* – ainda impossível em 1973 – que só gera mulheres: “...a reprodução [xx + xx = xx] ...”<sup>227</sup>. Ainda assim, o corpo lésbico parece não engravidar. Nenhuma das relações de corpos femininos de Monique resultam em gravidez – embora muitas delas resultem em prazer, desejo e/ou violência.

\*

#### 4.1 Por que o útero lésbico pode ser tão perigoso?

Se o corpo da mulher e seu trabalho reprodutivo serviam ao capitalismo industrial, agora são “seus fluidos, células, hormônios, moléculas e genes” que servem ao capitalismo cognitivo<sup>228</sup>. Apenas um olhar mais nanoscópico do nosso corpo. Mas não de todos os corpos. Em nenhum momento parece ter sido o

---

224 BEAUVOIR, 2019b, p. 94.

225 Ibidem, p. 136.

226 Ibidem, p. 143.

227 Ibidem, p. 140.

228 “Se o capitalismo industrial, apoiado numa anatomia dos órgãos e das funções, fez do corpo e de seus órgãos a base material da força de trabalho e da força de reprodução, o capitalismo cognitivo funciona como uma nova epistemologia do corpo na qual os fluidos, as células, os hormônios, as moléculas e os genes são objeto de um novo processo de extração, tráfico e exploração global.” (PRECIADO, 2019, p. 80).

objetivo das técnicas de reprodução assistida auxiliar na reprodução de todas as pessoas<sup>229</sup>. As lésbicas nunca foram mencionadas. Subvertamos, então.

[Parece que as lésbicas engravidam por apropriação]

“Continuar usando mulheres para reprodução ou reproduzir em laboratório também será uma questão acadêmica: o que acontecerá quando todas as mulheres acima de 12 anos estiverem tomando a pílula diariamente e não houverem mais acidentes? Quando as mulheres se permitirão, por livre e espontânea vontade, ficar grávidas? Não, Virgínia, apesar do que a massa de mulheres robotizadas e que sofreram lavagem cerebral diz, as mulheres não adoram ser meras éguas de reprodução. Deveríamos separar um certo percentual de mulheres para, por meio da força, atuarem como éguas de reprodução para a espécie? Obviamente, isso não será suficiente. A resposta é a reprodução de bebês em laboratório.”<sup>230</sup> Aqui atravesso seu diálogo com Virgínia, Valerie. Ainda que concorde que essa pode e deve ser uma questão acadêmica, me parece radical – como o tom que cadencia todo o seu manifesto – não legitimar o desejo de engravidar de algumas mulheres. Mas preciso concordar que as técnicas de reprodução assistida podem libertar as mulheres de suas funções de “égua de reprodução”, como já vinha eu mesma dizendo. E mais, podem permitir que emprenhemos corpos aos quais foi negado o direito à reprodução.

“Mas, e se quisermos ter filhos, mas não pudermos nos dar o luxo de criá-los, a não ser à custa de não termos tempo para nós mesmas e estarmos continuamente atormentadas por preocupações financeiras?”<sup>231</sup> Te respondo, Sílvia, com outra pergunta. Poderiam os casais lésbicos que engravidam conciliar desejo, tempo e dinheiro?

Ainda que inúmeras vezes tenha me confrontado com questões como a de Valerie ao pensar quais mulheres ainda desejam engravidar, pensar a gravidez de lésbicas me parece uma estratégia particularmente

---

229 “Esta resposta pode ser comparada a apelos semelhantes no final dos anos 1980 para restringir o tratamento de AID (inseminação artificial por doador) a casais heterossexuais após partos bem divulgados de mulheres solteiras e lésbicas que foram assistidas pelo British Pregnancy Advisory Service. Essas repercussões parecem sugerir que as tecnologias reprodutivas podem por si mesmas engendrar uma reação repressiva contra padrões alternativos de maternidade. E as representações da mídia claramente contribuem para um discurso disciplinar mais amplo que busca maior regulamentação dos direitos reprodutivos das mulheres - para quem o tratamento de infertilidade deve estar disponível e em que circunstâncias.” (BETTERTON, 1996, p. 110. Tradução minha).

“O que é revelador nas histórias da mídia sobre tecnologia reprodutiva é a maneira como as mulheres ‘erradas’ continuam entrando em cena: mães lésbicas, mães solteiras, casais mestiços e mães mais velhas aparecem constantemente nas notícias. É significativo que isso *não* esteja de acordo com o modelo dominante de maternidade heterossexual, que é promovido tanto nas representações médicas quanto nas representações estaduais da tecnologia reprodutiva” (Idem, p. 112. Tradução minha).

Aqui, Rosemary escancara que, desde sua disponibilização, as técnicas reprodutivas não alvejaram todos os tipos de maternidade.

230 SOLANAS, Valerie. SCUM Manifesto. Londres: The Olympia Press Limited, 1971, p. 38. Tradução minha.

231 FEDERICI, 2019, p. 121.

potente para nos apropriarmos de nossa reprodução. Saímos da margem, na qual nos atiraram, em direção ao centro, ocupado majoritariamente por famílias heterossexuais.

“Já que a opressão da mulher tem sua causa na vontade de perpetuar a família e manter intato o patrimônio, ela se liberta também dessa dependência absoluta na medida em que escapa da família.”<sup>232</sup> Me pergunto, Simone, se todos os formatos de família nos violentam. Talvez, além da recusa à família, esse movimento margem-centro que experimenta uma família com duas mães seja também uma saída para a opressão.

Penso que as técnicas de reprodução assistida carregam em si um paradoxo. Ao mesmo tempo que experimentei inúmeros fracassos, ao lado estava sempre o risco de uma gravidez múltipla. Uma vez escutei que eu estava mexendo em um vespeiro. ~~Útero-vespeiro~~.

[Por que o útero lésbico pode ser tão perigoso?]

Quando nos propõe uma greve de úteros, Paul me diz que “Não há dúvidas de que, de todos os órgãos do corpo, o útero tem sido historicamente aquele que foi objeto de maior expropriação política e econômica. Cavidade potencialmente gestacional, o útero não é um órgão privado, mas um espaço biopolítico de exceção, ao qual não se aplicam as normas que regulam o resto das cavidades anatômicas.”<sup>233</sup> E se ao invés de fazer uma greve (e seguir com nossa invisibilidade genética e reprodutiva) eu insemino ele e lá implanto um bebê de duas mulheres, Paul? Ainda que reconheça sua proposta como possibilidade, o meu útero não está em greve, mas trabalha para a revolução.

Talvez a artista sul-africana Candice Breitz nos ajude a pensar esses caminhos de subversão da reprodução feminina. Em *Labour*, Candice expõe vídeos de nascimentos de bebês de trás para frente. “Abrindo com um bebê aninhado nos braços de uma mulher, os vídeos terminam com gritos, sangue e um recém-nascido empurrado para dentro.”<sup>234</sup> Candice, com seu “Decreto Matricial”, assim como Valerie, parece estar pensando em uma sociedade matriarcal futurista – elas coincidem inclusive em suas siglas SCUM. Ainda que, para isso, parta do simples argumento de reinvidicar para as mulheres o controle sobre sua reprodução. Ela pensa em disparir como uma saída. Particularmente disparir “líderes autoritários que, sabidamente,

232 BEAUVOIR, 2019a, p. 125.

233 Ibidem, p. 100.

234 LEVINSON, Eliza. The desire to “Undo” Giving Birth. Hyperallergic, 2019. Disponível em: <https://hyperallergic.com/519932/candice-breitz-labour-neuer-berliner-kunstverein/> Acesso em: 07 ago 2021

exerceram sua autoridade para retroceder a justiça reprodutiva ou para prejudicar a autonomia corporal de mulheres e outras pessoas.”<sup>235</sup>

Coincido mais uma vez com Silvia: “[...] reprodução tanto como garantia de sobrevivência quanto como possibilidade de resistência.”<sup>236</sup> Nós lésbicas resistimos e nos reproduzimos. “Tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade são condições de trabalho... Mas a homossexualidade é o controle da produção pelos trabalhadores, não o fim do trabalho.”<sup>237</sup> O fim do trabalho seria não reproduzir, Silvia? Ou podemos pensar que a concretização do desejo de reprodução de corpos que não estão autorizados também é uma forma coletiva de reação? Ainda assim, é preciso frisar, lésbicas ou não, seguimos com nossos trabalhos domésticos não-remunerados. O que a reprodução assistida elimina é o trabalho reprodutivo da labuta. E isso não me parece pouco.

Quando Silvia me diz que “o contato sexual com mulheres é proibido porque, na moral burguesa, tudo o que não é reprodutivo é obsceno, antinatural, pervertido”<sup>238</sup>, sou levada imediatamente a enxergar um potencial subversivo em casais de mulheres que engravidam. Primeiro porque nos tornamos reprodutivas – ainda que não através do ato sexual –; e segundo porque me parece que o empenho do patriarcado em proibir nossas famílias denuncia a potência política que ele mesmo enxerga em nós. Nesses modelos de família já não se serve aos homens gratuitamente.

[Seria a reprodução assistida para um casal de lésbicas um ato anticapitalista?<sup>239</sup>]

Penso que por isso nossa reprodução seja constantemente tolhida. Ora por questões financeiras, ora por questões legais, ora por questões morais, ora por todas elas juntas.

---

235 N.B.K. Candice Breitz. Labour. Disponível em: <https://www.nbk.org/en/ausstellungen/candicebreitzlabor.html> Acesso em: 07 ago. 2021.

236 FEDERICI, 2019, p. 15.

237 Ibidem, p. 40.

238 Ibidem, p. 57.

239 “Nesse contexto é que as políticas que proíbem o aborto podem ser decodificadas como dispositivos para a regulação da oferta de mão de obra, e o colapso da taxa de natalidade e o aumento do número de divórcios podem ser lidos como instâncias de resistência à disciplina capitalista do trabalho. O pessoal tornou-se político, e houve o reconhecimento de que o capital e o Estado haviam subordinado nossa vida e a reprodução ao quarto.” (Ibidem, p. 205).

A nossa reprodução é política e não acontece no quarto, acontece em um laboratório.

Nem todas temos acesso às técnicas de reprodução assistida pela saúde pública. A fila de espera é de cerca de dois anos e apenas 13 clínicas no Brasil - país de dimensão continental – oferecem o programa de reprodução humana assistida pelo Sistema Único de Saúde.

\*

Enquanto escrevo, faço uma chamada telefônica para o centro de reprodução assistida da minha cidade. A atendente parece desconcertada quando pergunto se casais de mulheres podem ter acesso ao tratamento e me responde que “A médica é quem sabe o que pode fazer. Mas você pode se inscrever.” Pergunto se muitas de nós procuram o centro e ela me diz que “Muitas não, mas acontece”. Lembro que essa é uma das 13 clínicas disponíveis em um país com mais de 200 milhões de habitantes. Penso que é impossível que sejamos tão poucas assim.

Macarena me disse que na Argentina é preciso que a mulher esteja casada com um homem para estar apta a receber o tratamento na rede pública de saúde.

\*

Muito menor é o número das que conseguem financeiramente bancar o tratamento na rede privada de saúde. ~~Para sete tentativas, gastamos cerca de R\$ 80 mil reais.~~ Até 2013 apenas o nome de uma das mães podia constar na certidão de nascimento do bebê. O outro nome, com sorte, apareceria após ação judicial. Hoje, o nome das duas mães consta na certidão, mas não junto ao Cadastro de Pessoa Física da Receita Federal. Se um bebê é amamentado por suas duas mães, isso pode receber o nome de amamentação cruzada e é uma conduta não recomendada. “O que está em questão é *quais* mulheres têm o direito de escolher quando e como maternas”<sup>240</sup> Concorde, Rosemary, porque as tentativas de boicote e invisibilidade vêm de todos os lados.

Às vezes penso que ainda é preciso colocar em uma perspectiva histórica para perceber que o absurdo segue nos cercando<sup>241</sup>.

---

240 BETTERTON, 1996, p. 112. Tradução minha.

241 “Em termos biológicos, afirmar que são necessários um homem e uma mulher para levar a cabo um processo de reprodução sexual é tão ridículo quanto eram, em outros tempos, as afirmações de que a reprodução só aconteceria entre dois corpos que partilhassem a mesma religião, o mesmo “sangue”, a mesma cor de pele ou o mesmo status social!” (PRECIADO, 2019, p. 74-75).



A pediatra Renata diz a Marcela<sup>242</sup> que “uma família como a delas” – de duas mulheres – “ainda não faz parte do senso comum” e que “Isso é bom!”<sup>243</sup>. E eu penso sobre os custos pessoais de ser uma família militante e subversiva – já que o Estado parece estar contra nós. Hoje mesmo precisei novamente explicar como lésbicas engravidam.

Somos duas mulheres, ainda assim, os processos a que submetemos nossos corpos são distintos. Algumas vezes uma de nós cede os óvulos e a outra cede o útero. Outras vezes, a mesma cede óvulos e útero. Os corpos são vasculhados. O corpo que cospe óvulos é exigido de uma forma intensa e pontual. É preciso apenas um ciclo. O corpo que gesta lentamente vai se dividindo em dois até que pare. Às vezes do mesmo corpo se exige ambas funções. Talvez a grande diferença seja que podemos, enquanto mulheres que somos, mensurar as invasões e dores do corpo da outra. Temos os mesmos órgãos e estamos familiarizadas com as violentas experimentações dos nossos corpos, mesmo que as dores continuem sendo particulares.

[A vigilância fica explícita com tantas câmeras dentro de nós<sup>244</sup>]

Diferentemente dos casais heterossexuais, chegamos na primeira consulta de reprodução assistida sem diagnósticos prévios de infertilidade. Nosso corpo não apresenta disfunções. Carregamos o mesmo corpo. E ali, por sermos iguais, somos perguntadas sobre qual corpo assumirá cada uma das responsabilidades. Às vezes as idades balizam as decisões; outras vezes, o desejo.

Penso que há pouco a temer sobre um futuro em que cada vez mais nasçam crianças desejadas. Mas para isso é preciso que se permita que as mulheres – todas elas – estejam no controle de suas próprias reproduções.

~~Me pergunto se a potência da reprodução de um casal de mulheres já não começa aí: na possibilidade de nos desvencilharmos das relações de poder e biológicas que pautam os casais heterossexuais e que catapultam a mulher em seu lugar de provedora genética e barriga de aluguel.~~

---

242 Conheci Marcela Tiboni através do Instagram e depois coincidimos inúmeras vezes durante esta pesquisa. Marcela junto a sua esposa amamentou o casal de filhos gêmeos e tem um perfil aberto que milita diariamente em prol dos direitos LGBTQIA+, da dupla maternidade e da dupla amamentação. Além disso, é autora do livro *MAMA: um relato de maternidade homoafetiva*, que traz todo o processo de reprodução, gestação e indução a amamentação, além de pequenos depoimentos das profissionais envolvidas nesses processos.

243 LAMANO, Renata Garcia. In: TIBONI, Marcela. *MAMA: um relato de maternidade homoafetiva*. São Paulo: Dita Livros, 2019, p. 281.

244 “[...] estenderam a regulação do corpo feminino desde a gravidez até o período da pré-concepção, e reforçaram a identificação das mulheres como seres primordialmente reprodutivos. As técnicas *In vitro*, em particular, representam uma extensão da intervenção médica no processo da própria concepção e, por meio da tecnologia da imagem, da sobrevivência do corpo feminino e de sua fertilidade.” (BETTERTON, 1996, p.127-128).

E por falar em desejo, o nosso corpo reprodutor precisa parecer sempre não valer nada, enquanto, em contrapartida, somos forçadas a pensar que nossa realização pessoal está na maternidade – heterossexual, por suposto.

Encontro mais uma vez com Paul: me parece que precisamos chafurdar os formatos para propor novas possibilidades de reprodução e reapropriação de nossos corpos<sup>245</sup>. É isso que proponho: aqui somos duas mães.

“Alega-se que a homossexualidade é um problema biológico porque os homossexuais não deixam descendentes, e portanto, os genes para homossexualidade já deviam ter desaparecido há muito tempo.”<sup>246</sup>  
No entanto, Richard, insistimos em nascer. E reproduzir.

Algumas vezes esbarrei no argumento de que a nossa reprodução não era “natural” para justificar os entraves que enfrentamos quando nos propomos a reproduzir.

\*

#### Significado de Natural<sup>247</sup>

adjetivo

Que se refere ou pertence à natureza.

Produzido pela natureza ou de acordo com suas leis.

Sem intervenção humana: cachoeira natural.

Que tem sua origem num local determinado: natural do Brasil.

Sem agrotóxicos nem ingredientes artificiais; orgânico.

Que é espontâneo; sem afetação; espontâneo, simples, desafetado.

Que faz parte do indivíduo desde o seu nascimento; congênito, inato.

Qualidade particular de alguém; peculiar: a música lhe é natural.

substantivo masculino e feminino

Habitante ou originário de um lugar; indígena.

245 “Entre a soberania da penetração heteropatriarcal e a regulação neoliberal do banco de esperma, entre a cama como lugar de produção de verdade e a mercantilização dos materiais genéticos, parece necessário inventar novas práticas de reprodução que excedam o quadrilátero tecnoedipiano mamãe-papai-clínica-neném.” (PRECIADO, 2019, p. 82).

246 LEWONTIN, 2000, p.111.

247 Definição de natural. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/natural/> Acesso em: 05 ago. 2021.

substantivo masculino

Inclinações de uma pessoa; caráter, índole: o natural do homem.

locução adverbial

Ao natural. Conforme à natureza, à realidade, ao original: pintar alguém ao natural.

Ao natural. Sem tempero, sem preparo, servido sozinho: peixe ao natural.

\*

“Dizer que a reprodução heterossexual é mais ‘natural’ que a homossexual é confundir a ‘reprodução sexual’ com as coreografias sociais que acompanham a heterossexualidade.”<sup>248</sup> Talvez, Paul, precisemos ressignificar o termo natural. Me parece essencial lembrar que há agentes político-sociais que operam no ato sexual heterossexual, já que os óvulos e espermatozoides não se encontram espontaneamente. Nesse sentido, em nada difere da reprodução assistida para casais de mulheres. Ou talvez sim. Na nossa reprodução eliminamos o estupro<sup>249</sup>.

[Pergunto se há reprodução natural]

Se nos afastarmos do ato sexual – para mais adiante retornar a ele – e pensarmos a reprodução enquanto fenômeno biológico, peço ajuda a Paul para seguir: “Não há nada que torne o cromossomo de um heterossexual mais apto para a reprodução do que o de um homossexual, não importa se a inseminação ocorra através de um pênis ou de uma seringa, numa vagina ou numa placa e Petri. A reprodução sexual não necessita da união política ou sexual de um homem e uma mulher, ela não é hétero ou homo. A

248 PRECIADO, 2019, p. 75.

249 Reconheço que essa afirmação pode ser contestada diante dos recorrentes escândalos ao redor do mundo de médicos especialistas em reprodução assistida que usavam seu próprio material genético, ao invés de usar as amostras do doador anônimo escolhido pela paciente, como é o caso do holandês Jan Karbaat e do canadense Norman Barwin. No Brasil, o nome que mais ecoa nesse sentido é o do ex-médico Roger Abdelmassih, condenado por estuprar 52 mulheres que se recuperavam da sedação após o procedimento de punção dos óvulos. Há ainda suspeitas de que ele também tenha usado sêmen de desconhecidos para engravidar algumas mulheres.

Fontes: BIRNFELD, Marco Antonio. Médico usava seu próprio esperma para inseminar mulheres. Espaço Vital, 2017. Disponível em: <https://www.espacovital.com.br/publicacao-35015-medico-usava-seu-proprio-esperma-para-inseminar-mulheres>, Acesso em: 08 ago. 2021.

Especialista em fertilização é acusado de usar o próprio sêmen para engravidar paciente. BBC News-Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-37911213> Acesso em: 08 ago. 2021.

BORGES, Laryssa; CASTRO, Gabriel. Roger Abdelmassih, condenado por 52 estupros, é preso no Paraguai. Veja, 2014. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/roger-abdelmassih-condenado-por-52-estupros-e-presno-no-paraguai/> Acesso em: 08 ago.2021.

Fica claro que seguiremos enfrentando invasões no caminho para nos apropriarmos da nossa reprodução.

reprodução sexual é simples e maravilhosamente uma recombinação cromossômica.”<sup>250</sup> Pensando assim, não seria a reprodução de lésbicas tão “natural” quanto qualquer outra?

De novo, talvez por trás de tanto boicote esteja uma tentativa de nos invisibilizar não só socialmente enquanto famílias, mas também geneticamente<sup>251</sup>. Volto a pensar na potência da reprodução assistida para casais de mulheres enquanto estratégia política: há muito em jogo.

Chego a *In Vitro*<sup>252</sup>, curta-metragem da artista Larissa Sansour. Trata-se de uma ficção científica em que, após um desastre ecológico, um grupo de cientistas tenta replantar o solo devastado com sementes coletadas nos dias que antecederam o apocalipse. Gosto de pensar que o processo de reprodução assistida para lésbicas pode de alguma forma ser esse germinar de sementes coletadas. Mas para isso precisaríamos pensar sobre o fim do apocalipse. Deixo isso para um outro momento.

Fazendo um pequeno desvio, diante das negativas, penso que talvez essa seja uma das poucas vezes que o sucesso seja uma saída legítima: quando parece cômodo seguir fracassando. Talvez, nessa encruzilhada, o único sucesso possível para mim seja a gravidez. ~~Ainda que esteja bem atenta que a gravidez muitas vezes não é sinônimo de sucesso.~~ “Em determinadas circunstâncias, fracassar, perder, esquecer, desconstruir, desfazer ‘inadequar-se’, não saber podem, na verdade, oferecer formas mais criativas, mais cooperativas, mais surpreendentes de ser no mundo.”<sup>253</sup> E não é exatamente disso que se trata a reprodução lésbica, Jack?

Penso que, embora endosse a visão de um mundo possível em que nossas existências sejam legítimas, ainda que antirreprodutivas, a reprodução lésbica, por seu caráter improvável, parece se consagrar como essa estratégia política de resistência que venho defendendo: somos lésbicas e podemos – ou não – reproduzir. Estamos no controle e desconhecemos o impossível<sup>254</sup>.

---

250 PRECIADO, 2019, p. 75-76.

251 “A noção original de herança econômica e social foi transformada em herança biológica.” (LEWONTIN, 2000, p.28) Talvez, também por isso, não interesse ao sistema a reprodução de lésbicas.

252 Para assistir ao trailer do curta, acesse: <https://larissasansour.com/In-Vitro-2019>

253 HALBERSTAM, 2020, p. 21.

254 “Hocquenghem repudia o modelo psicanalítico e, no lugar dele, enxerga o capitalismo como a estrutura que marca o homossexual como alguém de alguma forma fracassado, como sujeito que não consegue personificar as conexões entre produção e reprodução. A lógica capitalista descreve o homossexual como inautêntico e irreal, como inapto para um amor apropriado e incapaz de fazer as conexões adequadas entre socialidade, relacionamento, família, sexo, desejo e consumo. Portanto, para que a representação queer consiga oferecer uma visão da cultura queer ela deve primeiro repudiar essa carga de inautenticidade e inadequação.” (Ibidem, p. 141).

## 4.2 Sem voz e sem corpo: o doador existe?

“... uma mulher que quer gozar de sua feminilidade em braços femininos conhece também o orgulho de não obedecer a nenhum senhor.”<sup>255</sup>

Engravidada sem ele, Simone.

“Uma das questões frequentemente levantadas em relação às tecnologias reprodutivas é a de como contar a uma criança nascida dessas técnicas sobre sua identidade e origem.”<sup>256</sup> De fato, Rosemary, e aqui quero me demorar um pouco mais para entender que reprodução é essa que elimina o sujeito masculino e que desconhece metade de sua carga genética.

São muitas as formas para que duas mulheres constituam uma família. “É possível que uma das duas mulheres deseje um filho; ou ela se resigna com tristeza à esterilidade, ou ambas adotam uma criança, ou a que deseja a maternidade pede os serviços de um homem; a criança é por vezes um traço de união, mas também por vezes uma causa de atrito.”<sup>257</sup> Mas me parece, Simone, que ao usurparmos essas técnicas não só atualizamos essas possibilidades de concepção, como também encontramos um novo caminho para legitimá-las sem pedir favor. ~~Pagamos por ela.~~

Marc Bradley Johnson enche um frigobar com 68 amostras de seu sêmen e as oferece gratuitamente ao público. A obra *Take this Sperm and Be Free of Me* aconteceu em 2013 na School of Visual Art em Nova York. Mas seu sêmen nunca chegou a ninguém. A escola considerou o material como risco de saúde pública, proibiu que fosse distribuído e exigiu que Marc matasse os espermatozoides esquentando as amostras no micro-ondas. Duas vezes. “Sou um dispenser ambulante de risco biológico. Você é um dispenser ambulante de risco biológico. Aparentemente, todos nós somos bioterroristas de acordo com a Segurança Interna (da SVA).”<sup>258</sup> Sim, parece que assusta o que trazemos dentro de nós. Mas me pergunto, Marc, se o problema de fato foi o risco de biológico das amostras ou sua gratuidade e, de certa forma, banalidade.

255 BEAUVOIR, 2019b, p. 177.

256 BETTERTON, 1996, p. 119. Tradução minha.

257 BEAUVOIR, 2019b, p. 179-180.

258 COCHRANE, Kristen. Is a Fridge Full of Free Semen “Art?”. Vice, 2013. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/exk5jn/is-a-fridge-full-of-free-semen-art> Acesso em: 08 ago. 2021.



## Doador para ICSI

9 de outubro de 2020 10:51

Para: [REDACTED]

Cc: [REDACTED]

Bom dia [REDACTED]

Já falei com com a [REDACTED] da clínica [REDACTED] e informei que este doador tem amostras para ICSI e que estas amostras que temos atualmente tem menos espermatozoides que as amostras que costumamos enviar para eles. Mesmo tendo poucos espermatozoides, é adequado para ICSI.

Antes de reservar este doador, quero sua confirmação de que está ciente e que aceita o sêmen deste doador.

Depois te passarei todas informações restantes.

*Imagem 14*

*Doador para ICSI*

*Tintas pigmentadas sobre papel, 30cmx20cm, 2021*

[O que aconteceria se doasse meus ovos numa feira?]

Lembro que no Brasil o primeiro banco nacional de esperma tem 33 anos, enquanto o banco de óvulos nacional surgiu há apenas 2 anos.

Em *Doador para ICSI* trago um dos e-mails trocados com o banco de sêmen durante o processo de compra de amostra para meu tratamento. Aqui o número de espermatozoides é critério de escolha. Mais uma vez independe o sujeito que os ejacula.

Lendo Valerie, me aproveito de sua ironia. “Na verdade, a função feminina é se relacionar, se divertir, amar e ser ela mesma, insubstituível por qualquer outra pessoa; a função masculina é produzir esperma. Agora temos bancos de esperma.”<sup>259</sup> Mas, sim, temos bancos de esperma.

“Enquanto os óvulos e o útero foram objeto de privatização social e de cercamento econômico, o esperma, entendido como fluxo soberano, é um líquido cuja circulação pública tem sido promovida politicamente como índice de poder, saúde e riqueza.”<sup>260</sup> Talvez, exatamente por isso, Paul, tenha escutado um homem contestar horrorizado essa possível supressão do sujeito masculino da reprodução de um casal de mulheres. Parece que onde está o esperma, está um homem, e ainda por cima, um homem poderoso!

Assim como com o homem horrorizado, penso que preciso me demorar um pouco pensando sobre esse doador desprovido de sujeito.

Me pergunto como eu reproduzo o doador na minha memória. Como eu deformo esse doador se ele nunca foi sequer percebido por mim enquanto indivíduo ou enquanto corpo<sup>261</sup>?

---

259 SOLANAS, 1971, p. 16.

260 PRECIADO, 2019, p. 80.

261 “A separação entre subjetivo e objetivo não existe desde o início, uma distinção entre ambos se dá pela diferença existente entre o objeto percebido e a reprodução dele na memória, cuja representação não é inteiramente fiel. Fica retido no psiquismo o registro de traços do objeto, nunca sua totalidade; o objeto é deformado pela subjetivação. A totalidade é barrada ao sujeito e ao objeto.” AMOR, Ana; CHATELARD, Daniela. Considerações sobre tempo e constituição do sujeito em Freud e Lacan. *Tempo psicanalítico*, v. 48, n. 1, p. 70, 2016.

Não consigo fazer dele sujeito. ~~Enem quero.~~

O sujeito é “aquele que diz, e diz de si”<sup>262</sup>. Mas o doador não tem voz. Tem, no máximo, cheiro – que eu não sinto. Porque não lhe toco ou vejo enquanto está disfarçado pelos cateteres ou fecundado dentro do meu óvulo – ainda que esteja dentro de mim.

Sigo pensando sujeito. “A forma total do corpo só lhe é dada numa exterioridade.”<sup>263</sup> Através de um espelho ou pelo olhar do outro (~~meu?~~). Mas eu não vejo o doador, nunca o vi. Penso que esse doador não vira sujeito, também, exatamente porque não ganha corpo, porque é fração. E parece que falar de corpo-sujeito é falar também de inteiro.

Ou, pelo menos, que se torne sujeito por uma fração atrelada à linguagem. ~~E não a espermatozoides.~~ “A linguagem confere ao sujeito um lugar para a origem e uma veiculação para o ser: O ser atrelado à estrutura ganha corpo, o simbólico toma corpo.”<sup>264</sup>

[Sem voz e sem corpo: o doador existe?]

Ana e Daniela ainda me dizem que além de efeito da linguagem, o sujeito pode nascer como falha do dizer. E aqui, numa volta às reflexões sobre o fracasso, parece interessante pensar que estando todas nós grávidas de falhas, o doador também falha enquanto sujeito. Mas, por nunca ouvir sua voz ao ~~falar~~ falar, não o concebo enquanto tal.

Ou talvez, no meu caso, o sujeito-doador não se constitua porque desconhece o outro<sup>265</sup>. No caso, a outra. A mim. A nós duas.

Por muitas vias chego ao mesmo pensamento: na nossa reprodução suprimimos o sujeito masculino. Ainda que ele exista, não existe para nós.

---

262 AMOR; CHATELARD, 2016, p. 76.

263 Ibidem, p. 77.

264 Ibidem, p. 81.

265 “O sujeito, aquele que deseja, se constitui em torno de um centro que é o outro, o primeiro acesso que ele tem ao objeto é enquanto objeto do outro.” (Ibidem, p. 80).





E uma vez que não se faz sujeito, nada mais é do que objeto. Pergunto se perdura. Talvez como material genético vagina adentro. “Para que o objeto tenha alguma duração, tenha certa permanência, é preciso uma palavra que o nomeie, alguma articulação simbólica.”<sup>266</sup> Que nome seria esse? Doador? ~~Eu só tenho um número.~~

Minha esposa me diz que já procurou o rosto fictício do doador entre as pessoas, enquanto caminhava. Mas logo se cansou. Ainda que saibamos tipo sanguíneo, origem étnica, religião, cor da pele, cor e textura dos cabelos, cor dos olhos, altura, peso, ocupação, *hobby* e signo, não nos é possível corporificá-lo.

*Doadores liberados* é uma tentativa de apagar e ao mesmo tempo dar corpo aos doadores, a partir das características fornecidas pelo banco de sêmen. Sobreponho as tabelas de informações e me aproprio do nome que o próprio banco dá a elas<sup>267</sup>.

Penso sobre a lista de doadores proibidos e sobre quais critérios os proibem. Me pergunto se em algum momento as amostras serão limitadas. Ainda que esteja lembrada do signo de poder do esperma. Mas talvez aqui chegue ao extremo oposto da reprodução heterossexual.

“A medicina evoluiu tanto nos últimos anos que muitos procedimentos da atualidade tornam a maternidade possível de muitos jeitos diferentes. Cientistas da Austrália, no começo dos anos 2000, descobriram como fazer um casal de mulheres fecundarem um óvulo sem a necessidade do sêmen. Explicando de forma simples: os cientistas descobriram uma maneira de retirar uma célula do corpo feminino e excluir um conjunto de cromossomos, de modo a transformá-la em uma célula capaz de fecundar um óvulo. E, como o corpo feminino só tem cromossomos X, e não Y, a célula do corpo de uma mulher fecundando o óvulo de uma mulher só pode gerar uma menina.”<sup>268</sup> Como seria um mundo povoado apenas por mulheres, Marcela?

Antes, no Brasil, os embriões submetidos a estudo genético traziam consigo a informação do sexo. Este ano, a nova regulamentação<sup>269</sup> se apressou em proibir totalmente essa informação para os pacientes. A

---

266 AMOR; CHATELARD, 2016, p. 78.

267 Os trabalhos a partir do relacionamento com o banco de esperma para compra de amostra – e-mails e tabelas – ainda não me parecem finalizados. Penso que preciso avançar para uma pesquisa de arquivo ou de cartografia que possa acomodar melhor essa catalogação. Por ora, segue em processo.

268 TIBONI, Marcela. MAMA: um relato de maternidade homoafetiva. São Paulo: Dita Livros, 2019, p. 93.

269 Mencionada no capítulo anterior.

quem interessa o controle do sexo dos embriões? A nós? Lembro novamente de Candice com seus vídeos de desnascimentos. Para dentro só voltavam homens tiranos.

E já que estamos falando de extremos, se nos faltam formas para essas técnicas, o projeto Reprodutopia<sup>270</sup> da Next Nature torna palpável alguns possíveis futuros da reprodução. Como balões vermelho-sangue suspensos: úteros artificiais. Homens grávidos. Manipulações genéticas. E um mapa organizado sobre dois eixos para que escolhamos entre “nascido” e “feito” e entre “controle” e “autonomia”. Nos pergunta: onde você moraria? Seguramente no espaço menos violento para ser mulher. ~~Mas isso não parece estar em pauta, ainda que me pareça ser uma questão sempre urgente da reprodução.~~

Sigamos.

Paul me diz que “[...] a biologia evolutiva do desenvolvimento, a engenharia genética e a bioinformática estão modificando radicalmente o que entendíamos até agora por natureza, por sexo e por transmissão hereditária do patrimônio biológico.”<sup>271</sup> Por vezes penso que já modificou, mas lembro das vezes em que tive que argumentar que nosso futuro bebê não apresentaria anormalidades psicobiológicas por ter sido fecundado fora de nossos corpos. Ou que pouco importa a carga genética desconhecida que carrega.

Olhemos algumas questões da genética mais de perto.

“O desenvolvimento depende não apenas dos materiais que foram herdados dos pais – ou seja, os genes e os demais materiais dentro do esperma e do óvulo – mas também da temperatura, umidade, nutrição, olfato, visão e sons (incluindo o que chamamos de educação) que impingem o desenvolvimento do organismo. Mesmo se soubesse a completa especificação molecular de cada gene de um organismo, eu não poderia antecipar o que esse organismo seria.”<sup>272</sup> Concordo, Richard. Mesmo que acredite ser necessário atualizar a noção de “pais” que tece toda a sua tese, me parece que esse é um bom caminho para começarmos a pensar sobre quão independemos do nosso código genético direcionando nosso olhar para o que faz o ambiente conosco.

E mais. Quando Marcela escreve que “Não encontro semelhanças físicas, mas encontro aproximações humanas<sup>273</sup>” com seus filhos, não é exatamente disso que ela fala? Me pergunto se há um grau de

270 Disponível em: <https://nextnature.net/projects/reprodutopia> Acesso em: 09 ago. 2021.

271 PRECIADO, 2019, p. 75.

272 LEWONTIN, 2000, p. 33.

273 TIBONI, Marcela. Notas do meu maternar. São Paulo, 15jun 2021. Instagram, @marcelatiboni. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CQJyLeRHkyf/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CQJyLeRHkyf/?utm_medium=copy_link) Acesso em: 09 ago 2021.

importância entre coincidências comportamentais e cor do olho, por exemplo. “Diferentemente dos animais experimentais, as pessoas que estão mais intimamente relacionadas entre si não apenas compartilham mais genes em comum, mas também compartilham um ambiente comum por causa da família e da estrutura de classes das sociedades humanas. A observação de que as crianças apresentam características semelhantes com as de seus pais não distingue a similaridade genética da similaridade que surge da semelhança ambiental.”<sup>274</sup> E não somos ratos de laboratório, Richard.

[Quem determina mais sobre nós, o capitalismo ou a genética?]

Acreditar que características como introversão e extroversão, atividades psicomotoras e esportivas, erotização, depressão, conservadorismo e liberalismo são herdáveis, sem encontrar para isso evidências científicas, parece nos mostrar que é mais fácil depositar tudo na genética do que assumir alguma responsabilidade. Ainda que peque – porque gostaria de seguir falando no feminino –, gosto da bagunça sobre a qual Richard fala. “A observação da similaridade entre pais e filhos não é evidência de similaridade biológica. Existe uma confusão entre observação e causas possíveis. O fato é que nenhum estudo sobre as características de personalidade nas populações humanas consegue desembaraçar com sucesso a similaridade causada pela experiência familiar da similaridade causada pelos genes. Portanto, nada sabemos sobre a hereditariedade do temperamento e da intelectualidade humana que supostamente são considerados a base da organização social.”<sup>275</sup>

Ainda que antes já estivesse segura que a reprodução de um casal de mulheres gera filhos legítimos, agora encontro também no aspecto biológico amparo para isso. “Infelizmente, é preciso mais do que um DNA para se produzir um organismo vivo.”<sup>276</sup> Eu diria felizmente, Richard.

Quando explicamos para a pequena Marina sobre sua concepção e em seguida perguntamos o que ela havia entendido, ela nos responde que é filha de duas mães e como duas mulheres não podem gerar um embrião, elas pegaram o espermatozoide emprestado. Me parece que essa é uma ótima resposta, não é, Rosemary?

### 4.3 O que muda é o agente e os instrumentos que nos alvejam

274 LEWONTIN, 2000, p. 38.

275 Ibidem, p. 105.

276 Ibidem, p. 69.

Da nossa reprodução não faz parte o ato sexual. Pelo menos não enquanto imprescindível para concepção. Nós fazemos sexo por outras razões.

“Mas isso não quer dizer que não sejamos férteis ou que não tenhamos direito a transmitir nossa informação genética.”<sup>277</sup> Isso, Paul. Ainda que não consigamos criar um embrião através do sexo, seguimos férteis e não à toa é esse o nome desta investigação.

Pensem um pouco mais sobre isso.

Simone nos diz que “o homem empenha no coito unicamente um órgão exterior: a mulher é atingida até no interior de si mesma”<sup>278</sup>. Na reprodução assistida esse golpe não se perde. Talvez a transferência de embriões ou a inseminação sejam uma grande encenação que torna explícita a violência do ato sexual heterossexual para uma mulher:

\*

Na primeira punção de óvulos, visto uma bata grande e verde, uma calcinha cirúrgica, touca e proteção para os pés. Entrego todos os meus pertences a minha esposa e me despeço. Entro no centro cirúrgico. Deito em uma maca em posição ginecológica (com as pernas separadas e apoiadas em um suporte que as eleva). Enquanto se identifica, o anestesista faz o acesso à minha veia e um enfermeiro amarra meus braços com ataduras explicando rapidamente que é por segurança. Antes de apagar com a sedação pergunto se devo tirar a calcinha cirúrgica e eles me respondem que não me preocupe que eles mesmo a rasgam. Penso que a primeira vez que estive nessa posição tinha 13 anos e uma médica de olhos pesados me invadia com um cotonete.

\*

“É pela vagina que a mulher é penetrada e fecundada; e a vagina se torna centro erótico pela intervenção do homem, intervenção esta que constitui sempre uma espécie de violação.”<sup>279</sup> Pergunto o que muda com a reprodução assistida para lésbicas, Simone. Ainda está na vagina a porta de entrada<sup>280</sup>. Mas talvez tenha eu o controle do que entra. Ou fui levada a crer nisso?

277 PRECIADO, 2019, p. 77.

278 BEAUVOIR, 2019b, p. 138.

279 Ibidem, p. 124.

280 “A maioria dos exames envolve a investigação interna da parte reprodutiva, e, para visualizar essa parte, a vagina é sempre a porta de entrada.” (TIBONI, 2019, p. 42).

Ainda que eliminemos o ato sexual de nossa reprodução, não eliminamos a invasão.

[O que muda é o agente e os instrumentos que nos alvejam]

Então, no que difere a nossa reprodução? “Ao mesmo tempo, as técnicas de reprodução assistida e a barriga de aluguel quebraram o elo necessário entre o sexo heterossexual e a concepção, oferecendo a possibilidade de gerar filhos para lésbicas e para mulheres celibatárias. Não é acidental que a barriga de aluguel e essas técnicas ainda possam ser praticados informalmente, sem recurso a intervenção médica e legal e, portanto, são muito mais difíceis para o estado regulamentar.”<sup>281</sup> De fato, Rosemary. A geração de filhos através da técnica de inseminação artificial caseira, por exemplo, pode ser vista como uma prática subversiva. Longe dos olhos do Estado. Mas, para isso, ali muitas de nós está mais uma vez se colocando em risco. Manipulando material genético fora de laboratório e, principalmente, sem aparato legal para nossa maternidade e nossos filhos.

---

281 BETTERTON, 1996, p. 127-128.



*Imagem 16 - Videoperformance em que me submeto a uma transferência de embriões congelados.*

*Transferência de embriões congelados  
Videoperformance, Cor, stereo, 16x9, 38", 2021*

*Para assistir ao vídeo, clique na imagem.*

Sobre o meu corpo, mãos de três mulheres. Nenhuma delas era da minha esposa. Enfermeira, médica especialista em reprodução assistida e embriologista. Em *Transferência de embriões congelados*, estou novamente em posição ginecológica enquanto minha esposa filma o exato momento em que engravidou de dois embriões. Assim como as performances de Orlan ou o *lifting* facial de Andy Warhol, transformo meu corpo em um objeto de tecnobioarte<sup>282</sup>, mas também materializo a invisibilidade que margeia a existência lésbica e nossas reproduções.

[É assim que as lésbicas engravidam]

#### 4.4. Rata do meu próprio laboratório

\*

De alguma forma, sempre que narro com detalhes os procedimentos a que submeti meu corpo durante os tratamentos para engravidar, parece que falo de um açougue. Quando me arrancam óvulos e só depois percebo que o fazem perfurando meus ovários, por exemplo. Ou quando me deitam em uma maca, corpo quase todo coberto, menos minha vagina e vulva, que se escancaram para dar acesso direto ao meu útero.

\*

Se antes neguei sermos ratas, agora gostaria de pensar junto a Paul e Donna sobre o princípio da autocobaia. “Uma prática modesta, corporal, implicada e responsável de fazer política: quem quiser ser um sujeito político que comece por ser rato de seu próprio laboratório.”<sup>283</sup>

Quando acerquei performance e reprodução e exigi do meu corpo um discurso político me aproximei das estratégias de autocobaia de que fala Paul. Antes desavisadamente, mas jamais de forma gratuita. Agora, me empodero. Apesar de não falar dessa mesma perspectiva transfeminista<sup>284</sup>, Paul, acredito que é possível

---

282 Parafrazeando Paul, quando diz que “Andy Warhol se fotografa durante uma operação de *lifting* facial, fazendo do próprio corpo um dos objetos biopop da sociedade de consumo.” (PRECIADO, 2018, p. 34).

283 Ibidem, p. 370.

284 “Da mesma forma, parece urgente, da perspectiva de um projeto transfeminista, testar sobre nossos próprios corpos, como plataformas biopolíticas, os efeitos farmacopornopolíticos dos assim chamados hormônios sexuais sintéticos, com o objetivo de criar e demarcar novas estruturas de inteligibilidade cultural para os sujeitos sexuais e de gênero. Em uma era em que os laboratórios e as corporações farmacêuticas e as instituições médico-legais estatais controlam e regulam o uso de biocódigos sexuais e de gênero (o consumo das moléculas ativas da progesterona, dos estrogênios e da testosterona), assim como as próteses químicas, parece anacrônico falar em práticas de representação política sem passar por experimentos performativos e biotecnológicos da subjetividade sexual e de gênero.” (Idem).



levar esse pensamento para uma reprodução política lésbica e que meu corpo se torna um experimento performativo necessário.

Assim como Paul, modifico meu corpo. Não transito entre gêneros, mas com minha ação performativa objetivo ~~gerar~~ gerar um feto.

[Quando esse corpo se avizinhar ao que era antes já não estará mais sozinho]

Penso que sempre precisei do corpo para falar, e agora não seria diferente. ~~Embora talvez precise de mais corpos.~~

“Uma filosofia que não utiliza seu corpo como plataforma ativa de transformação tecnovital está pisando em falso. Ideias não bastam.”<sup>285</sup> Se nossos corpos lésbicos parecem imateriais, ainda que necessárias, ideias talvez bastem ainda menos, Paul.

Talvez você não tenha sugerido que eu invista meu corpo literalmente na produção de novos sujeitos, mas, nessa mescla de arte e vida, não encontro outra forma de pensar a reprodução como estratégia política de resistência, sem me reproduzir<sup>286</sup>.

---

285 PRECIADO, 2018, p. 376.

286 “Frente ao conservadorismo e à doutrinação moral que dominou as políticas feministas, gays e lésbicas e as organizações sem fins lucrativos anti-aids, é preciso desenvolver micropolíticas de gênero, de sexo e de sexualidade baseada em práticas de autoexperimentação intencionais que se definam por sua capacidade de dismantelar e de resistir à norma somatossemiótica, e por criar coletivamente novas tecnologias de produção do sujeito.” (Ibidem, p. 381).

~~Talvez seguisse pelo gestar~~

Em conclusão

## ~~Talvez seguisse pelo gestar~~ Em conclusão

Invisto de início nessa trajetória na tentativa de entender o que pode a reprodução de um casal de mulheres. Antes mesmo de percebê-la política, precisei entendê-la possível. E mais, busquei explicitar o que para mim era evidente: a reprodução assistida enquanto performance.

Para isso comecei me perguntando o que era performance e desde que lugar falava. Isso me foi primordial para traçar as rotas de aproximação ao tema. Comecei avizinando performance e reprodução. Percebi que de fato quando submeto meu corpo à reprodução, o coloco em performance.

Só depois avancei para pensar sobre qual reprodução falaria. Há outros corpos que se reproduzem e, para não negá-los, percebi meu corpo de mulher e precisei demarcá-lo enquanto cisgênero quando o submeti à reprodução. Foi a partir dele que falei. Além disso, a reprodução de um casal de mulheres enfrenta realidades diferentes ao redor do mundo. Falar nesse trânsito Portugal-Brasil atravessou o meu corpo racializado em performance. Por fim, me esmиеcei para entender em que difere meu corpo quando o penso lésbico.

Já investi nesta pesquisa em busca de um texto que impregnasse também pela escrita. Um texto vivo. Uma língua-mãe. A escrita performativa já foi uma prática durante minha pesquisa de mestrado, mas se lá esteve a serviço da intimidade, aqui esteve a serviço da reprodução. As estratégias são outras. O fracasso, por exemplo, explicitado nas frases tachadas e que remetem não só a meu corpo de mulher e de lésbica enquanto fracassado, mas às tentativas frustradas de engravidar; só apareceram como questão durante esta pesquisa. Os encontros proporcionados pela escrita me conduziram a um avanço significativo na pesquisa e na prática artística. Um ciclo teoria-prática-teoria que me interessou e guiou minha metodologia desde o começo.

Avancei por vasculhar a fêmea biologicamente. Numa aproximação literal ao que significa a reprodução para um corpo que gesta. Descubro a mulher enquanto serve da espécie ~~e me assombro com a ingenuidade dessa descoberta.~~ E se essa realidade me soou em algum momento visceral, me pareceu imprescindível contrapô-la a uma abordagem econômico-política, em que penso o trabalho reprodutivo como elemento sustentador do sistema capitalista e, portanto, como potência de resistência.

Mas não era de qualquer reprodução que eu falava. Busquei me aprofundar na reprodução assistida, começando por narrar, enquanto mulher, sua história. Questionei o papel dessa reprodução enquanto eliminadora da autonomia de algumas mulheres, me perguntando se todas as mulheres queriam ser salvas da infertilidade.

Fiz isso ao mesmo tempo que experimentei meu corpo em performance. Cheguei aos temas de fracasso e loucura e me demorei neles para encontrá-los também enquanto potência.

~~Outra vez me surpreendi.~~ Dessa vez ao perceber que ainda em 2010 não se falava sobre os feitos da reprodução assistida para os casais homoafetivos. Não era por isso que se ganhava um Prêmio Nobel. Seguíamos invisibilizadas. E ao constatar que essa reprodução não havia sido pensada para nós, percebi que reproduzir enquanto um casal de mulheres tratava de subverter o sistema e era sim uma estratégia política e artística de resistência<sup>287</sup>. Foi aí que resolvi esmiuçar os principais entraves que encontrei nessa trajetória enquanto tentava reproduzir. Investiguei possíveis respostas para as frequentes perguntas sobre carga genética, sobre o doador e sobre essa noção de auto-cobaia que parecia invalidar nossa reprodução.

Experimentar esta pesquisa na prática e conduzi-la não só pela escrita e pesquisa teórica, mas também por ações, vídeos, imagens, objetos, exposições e conferências talvez tenha sido a escolha metodológica mais acertada para falar ao mesmo tempo de reprodução e de arte. A prática artística foi fundamental para me permitir aprofundar nas questões teóricas. Foi preciso estar em performance, por exemplo, experimentando uma abstinência de hormônios sintéticos para perceber que eu também precisava falar de loucura ao falar da reprodução assistida.

[Aqui nessa sala minúscula em que escrevo, me rodeiam grandes balões brancos cheios com meu fôlego e um inventário de medicamentos. No fundo da geladeira está um vidro com sangue de uma menstruação não-desejada]

Além disso, me parece que a aproximação que proponho aqui da arte com a ciência, atualiza o debate no campo da arte e tecnologia apontando um desvio para questões políticas, feministas e socioeconômicas, ao passo que se afasta de uma discussão amparada puramente na técnica. Ainda que eu queira deixar claro que as questões da arte e tecnologia não são objeto direto de estudo desta pesquisa.

---

287 “[...] parte da necessidade de julgar mal e ignorar as lésbicas negras vem de um medo muito real de que aquelas que abertamente priorizam mulheres, que não dependem mais de homens para se autodefinir, possam reordenar todo nosso conceito de relações sociais.” (LORDE, 2019, p. 153).

E se aqui falarmos de casais de mulheres que se reproduzem, Audre?

Durante todo o processo investigativo esbarrei na dificuldade de encontrar pares para essa caminhada. Encontrei, sim, coincidências em teóricos que tratavam da reprodução da mulher, ou dos corpos alterados pelos hormônios sintéticos, ou ainda da reprodução assistida para mulheres. Mas não encontrei quem se debruçasse sobre a reprodução de um casal de mulheres. Me aproximei de artistas que trabalhavam com obras de longa duração, artistas com ações das quais decorriam mudanças definitivas, ou ainda, artistas tratando das questões da fertilização *in vitro*. E, mais uma vez, não encontrei quem comigo pensasse a reprodução assistida enquanto performance e nem a reprodução de um casal de mulheres enquanto prática artística. Apesar do cenário desértico, me interessei pela inediticidade do tema como contribuição para o campo artístico.

[Ainda que precise deixar claro que todo o tempo estive imbricada em uma pesquisa que confundiu arte e vida. E, portanto, para mim, não havia outra possibilidade.]

Para não estar tão sozinha, busquei Regina, Marta e Macarena. E conduzi diálogos para me ajudar a pensar isso tão novo do qual falava.

Além disso, me parece que a estratégia metodológica que assumo para esta pesquisa pode contribuir de forma pungente para o trânsito de artistas na academia no momento em que proponho, até mesmo pelo texto, a prática artística enquanto fonte e produto de pesquisa.

[Aqui fui, a um só tempo, quem investigou e quem foi investigada]

\*

O espaço em que vivo é um corpo.

Dentro de mim, outra.

Somos duas disputando um espaço que me parece cada vez menor. Concordo com Simone, nem sempre servir à espécie coincide com uma satisfação individual.

Não que não a queira dentro de mim, mas parece que engendrar apenas explicita que de fato nunca tive controle algum sobre o corpo que carrego. Hoje, plural. Aprendi cedo, ainda no final da infância, sobre atravessamentos. Não há muito de novo, na verdade.

Os meus seios, que já foram alvo de comentários na puberdade quando insistiam em crescer, hoje possuem outra cor. Negros, como minha origem. Talvez numa tentativa

de expurgar o corpo estranho que se aninha, vomito reiteradas vezes. Emagreço com uma facilidade que jamais experimentei. Mais uma vez, à revelia.

Esse espaço que ocupo me domina.

Parece e é assustador o que à mulher está destinado pelo fisiológico. Órgãos e colo que se dilatam, ossos que se alargam para que sem nenhuma facilidade se faça a vida, deixando para trás um corpo lacerado.

Mas quem brota de mim carrega o mesmo corpo que eu.

Eu a coloquei aqui. Minúscula. Imperceptível. E a desejei. Também porque ansiava me experimentar em potência. Talvez por isso, o extremo. Da esterilidade aos quinze óvulos. Picos hormonais que me levaram próximo à insanidade.

De fora, a vejo me esticar e experimentar seu pequeno corpo, ao passo que mostra os limites ultrapassados do meu.

Até que ela arrebente, o espaço que me cabe no meu corpo se reduz a cada dia, ao passo que já não caibo mais em minhas calcinhas.

Ela também me tirou a lua, aquela que eu sangrava todos os meses. E as dores mensais que me acamavam. Talvez para condensá-las mais à frente. Também se foi a memória e o caminhar centrado.

Ainda não a sinto revirar-me. Mas minha primeira cicatriz me parece mais larga e profunda. Como se buscasse pelo cordão que há muito já não está. Quando eu ainda não podia ser casa.

Hoje tenho uma hóspede e o espaço-corpo que habito é apenas estranhamento.

\*

Depois de seis negativos, consegui, por fim, engravidar. Enquanto redijo este texto, gesto. E não sob quaisquer circunstâncias. Engendro em meio a uma pandemia. Ainda que concorde com Virgínia<sup>288</sup>, já não sei quão imperceptível é essa prisão. Estive quase todo o tempo trancada em casa e usando máscaras. Minha barriga grande poucos viram.

Me pergunto e sou perguntada reiteradas vezes sobre os riscos de gestar durante uma pandemia. Mais uma vez minha reprodução é invalidada. Dessa vez por ser performativa. Quem determina o enunciado sou eu. Então, por que agora? Desconhecem os fracassos enquanto trajetória.

Aqui, já no final desta trajetória, trago possíveis apontamentos para desdobramentos futuros. Também porque vivencio, inclusive no corpo, muito claramente a impossibilidade de concluí-la. Talvez seguisse pelo

---

288 "Muitas vezes estar preso é quase imperceptível." (WOOLF, 2014, p. 64).

gestar. Esse momento em que meu corpo assume um segundo plano e muitos se referem a mim pelo nome da filha que carrego: Malu<sup>289</sup>. Ou sobre a necessidade de sobrenomeá-la e, para isso, buscar ressignificar um passado.

\*

Conta-se que Maria foi embora de casa levando consigo pratos antigos da família. Fugida de uma família abusiva, Maria percebeu que a cada conquista pessoal, um dos pratos, coincidentemente, se rompia acidentalmente. Quando experimentou o primeiro orgasmo, quando ouviu sua voz pela primeira vez, quando se reencontrou com o mar... Assim se foram 3 pratos. Restavam 3. De tempos em tempos, Maria padecia de um mal da alma que a consumia em angústia e melancolia e a jogava inerte em uma cama onde experimentava indícios de loucura. Um dia, reunindo as poucas forças que tinha, levantou-se e quebrou os últimos pratos. Dias depois, em silêncio, assumiu forma de sereia: metade mulher, metade filha.

\*

---

289 “[...] o corpo grávido significa o estado em que as fronteiras do interior e do exterior, do eu e do outro, se dissolvem”. (BETTERTON, 1996, p. 33).



*Imagem 17 - Videoperformance em que estou grávida de 8 meses e quebro pratos da minha avó em uma casa em ruína.*

*Sobrenome<sup>290</sup>*

*Videoperformance, Cor, stereo, 16x9, 3'30", 2021*

*Para assistir ao vídeo, clique na imagem.*

---

290 *Sobrenome* surge de um desejo impossível de apagar o passado e da escrita do mito da sereia em que, após a quebra de pratos antigos, me vi metade mulher; metade filha. Aqui, quebro os pratos que ganhei da minha avó na tentativa de ressignificar traumas do passado e interromper ciclos de violência entre três gerações de mulheres. Essa ação me ocorre durante a gravidez, quando me vejo obrigada a pensar no sobrenome que minha filha irá receber. Elejo uma casa em ruína como cenário.



Ou sobre o que nos resta do íntimo enquanto gestamos/parimos.

\*

Um filho é como expurgar nosso íntimo. Qualquer coisa que vem de dentro, onde apenas nos habita a intimidade. Que vem saindo arrancando-nos órgãos e que ao sair já não fala de nossa intimidade. Um filho é por si só sua própria intimidade. Resta-nos reconfigurar-nos intimamente, desvirando-nos do avesso em que nos encontramos todas. E se a intimidade trata da ordem do interno, uma vez ao avesso, talvez só nos sobre recriar-nos enquanto seres íntimos. Por ora estamos vazias.

\*

Ou ainda, por fim, sobre o instante em que nos desvencilharemos. E sobre isso tenho, no momento, apenas um plano de parto para duas mães que amamentam.

\*

Plano de parto

Gestante: Mariana do Vale Gomes | CPF: 049.863.144-32 | RG 1.500.527

Acompanhante e mãe: Mercia Maria Rocha Costa | CPF: 790.721.354-15 | RG 1.288.211

Bebê: Malu do Vale Costa

Hospital de referência: Clinepa

Plano de Saúde: Unimed Quality | 0 062 0030013775904

\*\*\*

Olá! Do lado de cá somos Mariana e Mercia à espera de Malu. Somos um casal. Somos duas mães. E ambas irão amamentar. Quem está carregando Malu até o parto é Mariana (parturiente). Depois disso, seguiremos as duas nessa função. Mãe Mari e Mãe Mercia.

Entendemos que esse cenário pode ser novo para você. Se encontrar um bom momento para fazer perguntas honestas, não hesite.

Nossa trajetória até aqui não foi fácil. Passamos por seis tentativas até que Malu resolvesse permanecer. Além do luto, esse caminho deixou pequenas cicatrizes de violências obstétricas e homofóbicas. Escrevemos esse plano também na intenção de evitar novas cicatrizes e, principalmente, para alinhar nossos desejos para mais um dia em que celebramos o amor intensamente. Dessa vez, com a chegada de Malu.

Ser um casal de duas mulheres no Brasil de 2021 tem sido uma existência marcada por luta e militância. Embora acreditemos que nossa reprodução é uma estratégia política de resistência, hoje não estamos aqui para militar. Buscamos momentos respeitosos e não-violentos e esperamos poder contar com você para isso.

Reconhecemos o nosso privilégio em poder compor uma equipe sensível e coerente não só com as evidências científicas, mas com nossos desejos. Lamentamos, porém, que nem todas as mulheres tenham condições e clareza para contar com uma assistência como essa. E mais ainda, que muitos casais de mulheres não tenham seus direitos reprodutivos respeitados.

Nosso parto será assistido pela equipe médica da qual dra. Adara Cabral é a responsável, formada pela enfermeira obstetra Clarissa de León, a doula Ana Carla Jaqueira e a pediatra dra. Iana Araújo, e na integral presença da minha esposa, Mercia Costa, escolhida como acompanhante, observada a lei n. 11.108/05. Além disso, teremos a presença da fotógrafa Elisa Elsie. A seguir, vamos aos poucos falando sobre o que esperamos do nosso trabalho de parto, do parto e do pós-parto.

Sobre o trabalho de parto

Durante todo o trabalho de parto, autorizo a presença contínua da doula e da minha esposa, estando em casa ou no hospital. Em nenhuma hipótese a presença dessas duas pessoas deve ser embargada, sob qualquer pretexto, sob pena de violar a lei federal já citada.

Além disso, durante o trabalho de parto e o pós-parto, gostaria que todas as minhas demandas e decisões fossem respeitadas e acatadas pelos profissionais de saúde, salvo quando esteja eu ou a minha filha sob risco de morte ou sofrimento. Caso eu não esteja, por alguma circunstância, em condição de tomar decisões, essas serão transferidas, imediatamente, para a responsabilidade da minha esposa.

Não autorizo perfusão de soro ou outra substância ou demais intervenções como descolamento de membranas e rompimento de bolsa amniótica sem que essas indicações sejam solicitadas pela dra. Adara Cabral em comum acordo comigo e após meu consentimento.

Durante o trabalho de parto, gostaria que estivesse assegurado o meu direito de caminhar, escolher posições e lugares de preferência, além de ingerir líquidos e comidas conforme o meu desejo e sem ser importunada.

O monitoramento fetal deve ser feito pela equipe médica, tanto em casa quanto no hospital, de forma responsável e não contínua. Os batimentos cardíacos fetais devem ser auscultados antes, durante e depois das contrações, a cada 15-30 minutos na fase ativa e a cada 5 minutos no expulsivo.

Não gostaria que me fossem oferecidos anestésicos e analgésicos sem que eu os solicitasse. Ainda assim, caso eu os solicite, gostaria de ser alertada sobre suas possíveis consequências para o desfecho do trabalho de parto e no pós-parto e sobre métodos alternativos de alívio da dor. Da mesma forma, caso eu esteja fragilizada e sinalizando o desejo de desistir do parto vaginal, gostaria de ser lembrada do meu desejo e dos benefícios do parto em questão e, em estando tudo bem, ser desestimulada a desistir.

Por entendê-las como violências obstétricas sem respaldos científicos, não autorizo as seguintes condutas: Episiotomia, Manobra de Kristeller, Litotomia, Tricotomia, Enema, Exames constantes de Toque e Manobra de Valsava.

Gostaria que os momentos de contração fossem respeitados, assim como os puxos, quando estes se apresentarem. Os puxos devem ser sempre involuntários e não guiados, não estando autorizado o puxo dirigido, salvo em caso de analgesia, com necessidade constatada pela equipe médica.

A sala de parto deve manter um ambiente tranquilo e silencioso, com temperatura regulada conforme minha demanda. Preparei algumas listas de músicas que podem ajudar em diferentes momentos do trabalho de parto. Caso eu solicite, minha esposa ou doula se responsabilizarão por colocá-las ou pausá-las, conforme meu desejo. Se perceberem que as conversas paralelas ou o uso de celulares atrapalham a minha concentração, por favor, afastem-se do meu campo de visão.

Conforme previamente citado, a fotógrafa Elisa Elsie estará presente tanto em casa como na sala de parto e deverá ser respeitada pela equipe médica e pelos funcionários do hospital. Elisa, além de uma amiga pessoal, é minha sócia, já pariu Miguel e conduz seu trabalho de forma experiente, discreta e silenciosa, de modo a não interferir, de forma alguma, no trabalho da equipe médica.

Em caso de bolsa rota antes do início do trabalho de parto, informaremos à equipe quanto à cor do líquido e a movimentação de Malu para que os encaminhamentos sejam dados. Em caso de normalidade nos indicadores, ficaremos em casa até a fase ativa do trabalho de parto, mantendo, porém, contato constante com a equipe médica.

Sobre a indução de trabalho de parto, iniciaremos os procedimentos conforme orientação da equipe médica, devendo estes se iniciarem em torno da 41<sup>a</sup> semana de gestação e estendendo-se até a 42<sup>a</sup> semana de gestação em caso de normalidade.

Caso se faça necessária indução, após acordado entre nós e equipe médica, ficam autorizados os seguintes procedimentos: descolamento de membranas, método de Krause e, em último caso, administração de Misoprostol.

Pródromos e fase latente

Durante os pródromos e a fase latente do trabalho de parto ficaremos em casa, em comunicação contínua com a equipe médica.

Fase ativa

Se até esse momento não tivermos solicitado a presença da doula, neste momento ela será solicitada para nos auxiliar com métodos não-farmacológicos de alívio da dor e no que mais for necessário e estiver dentro do seu âmbito de ação.

Também a doula passará a informar a equipe médica suas percepções sobre o andamento do trabalho de parto para que a enfermeira obstetra possa se organizar e se deslocar para a nossa casa a fim de realizar sua avaliação técnica e prosseguir com o atendimento presencial.

Em caso de necessidade ou em que eu solicite toque para avaliação, gostaríamos de ser informadas sobre o andamento da dilatação e demais informações obtidas a partir desse procedimento.

Gostaria de ser lembrada da importância de realizar movimentos nesta etapa e ser encorajada a não permanecer muito tempo na mesma posição.

Quanto à transferência para o hospital, quando a equipe considerar que chegou o momento, gostaríamos de ser informadas em tempo hábil.

Gostaríamos de chegar no hospital ainda na fase ativa, antes da fase de transição, e para isso solicitamos que a enfermeira obstetra e a médica estabeleça e nos informem o melhor momento para o deslocamento.

Expulsivo

Neste momento, caso estejamos todas bem e em posições propícias, peço para que a equipe médica não intervenha desnecessariamente até o nascimento completo de Malu. Caso seja necessário algum direcionamento ou intervenção para corrigir distocia ou posicionamento da bebê, ou ainda seja constatada a necessidade de desfecho imediato do parto, a equipe deve estar atenta para prontamente atuar (nessas circunstâncias específicas, ficando autorizado o uso do vácuo extrator).

Ao nascer, Malu deve vir imediatamente para o nosso colo, devendo ali ser avaliada da forma mais breve possível. Caso ela esteja bem, a amamentação deve ser permitida e instruída na mãe parturiente para que a sucção ajude a dequitação da placenta e contração do útero.

A primeira hora de Malu deve acontecer no colo de suas mães, podendo apenas ser interrompida em caso de extrema necessidade clínica. Ainda assim, em caso de necessidade de realizar procedimentos em Malu, gostaríamos que, se possível, esses fossem realizados enquanto ela estivesse em nosso colo. Por fim, gostaríamos de ser comunicadas sobre todos os procedimentos realizados em nossa filha.

Fica desautorizada a administração de nitrato de prata ou antibiótico oftalmológico, pomada de tetraciclina, eritromicina ou PVPI nos olhos de Malu. A aspiração de nariz e boca da bebê só deve ser realizada em caso de real necessidade. A pesagem e medição da bebê, assim como a administração da Vitamina K intramuscular, deve ser realizada apenas depois de sua primeira hora de vida e deverá ser acompanhada por sua mãe Mercia.

#### Dequitação

A equipe médica deve aguardar a dequitação da placenta de forma natural por até 1 hora após o nascimento. Caso não aconteça de forma natural, a médica poderá proceder com a intervenção necessária, iniciando por sua tração.

Caso a placenta nasça naturalmente, o clampeamento do cordão deve acontecer apenas após sua saída e ser realizado pela minha esposa. Após a foto de Malu ainda ligada à placenta e o carimbo da placenta realizada pela doula, a placenta poderá ser descartada.

Após a dequitação da placenta, Malu deve ir para o colo de sua outra mãe, Mercia, que deverá ter sua amamentação permitida e receber as orientações necessárias neste primeiro momento.

Caso tenha havido laceração perineal na parturiente, a médica está autorizada a realizar sutura de forma a ajudar na cicatrização.

#### Cuidados pós-parto

A amamentação será ofertada em livre demanda por ambas as mães. Em hipótese alguma autorizamos a oferta de água glicosada, bicos, leite artificial ou qualquer outra coisa a Malu. Em caso de necessidade de leite complementar e na ausência de possibilidade de ofertá-lo através do seio, deverá ser ofertado o leite da mãe Mercia através de colher dosadora ou colher de silicone. Tanto o leite como as colheres serão levados à maternidade pelas mães.

Durante a estadia hospitalar não está autorizado o banho da recém-nascida. As trocas de fralda e higienizações de Malu deverão ser realizadas apenas por suas mães.

Em caso de necessidade de deslocar Malu para outro local, as mães deverão ser prontamente comunicadas e a mãe Mercia irá acompanhá-la.

#### Em caso de necessidade de cirurgia cesariana

Minha esposa e a doula deverão me acompanhar durante toda a cirurgia, não estando autorizada a minha sedação em nenhum momento. Durante todo o procedimento, gostaríamos de ser informadas sobre o que está acontecendo.

A temperatura deve se manter amena e a luz reduzida no ambiente da sala de cirurgia, da mesma forma que pensamos para o parto natural, de modo a proporcionar um ambiente confortável para a chegada de Malu.

As minhas mãos devem permanecer livres e o campo cirúrgico deve ser baixado no momento do nascimento.

Por fim, assim como pensamos para o parto natural, Malu deve vir para o colo de suas mães imediatamente após o nascimento e a amamentação em ambas as mães deve ser permitida e instruída. O cordão umbilical só deve ser cortado após o término da pulsação pela mãe Mércia. E todos os procedimentos necessários devem ser realizados enquanto a bebê estiver em nossos colos, com a maior brevidade possível e sem intervenções desnecessárias.

O protocolo de avaliação e primeiros cuidados de Malu deve ser o mesmo descrito para o parto natural, assim como a conduta em casos de emergência.

\*

## Referências



## Referências

- AMOR, Ana; CHATELARD, Daniela. Considerações sobre tempo e constituição do sujeito em Freud e Lacan. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, jun. 2016.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em Línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 22 jul. 2020.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, set./dez. 2005.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a. Volume I: Fatos e mitos.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b. Volume II: A experiência vivida.
- BETTERTON, Rosemary. **Intimate Distance: Women, artists and the body**. Londres: Editora Routledge, 1996.
- BIRNFELD, Marco Antonio. Médico usava seu próprio esperma para inseminar mulheres. **Espaço Vital**, [S.l.], 06 jun. 2017. Disponível em: <https://www.espacovital.com.br/noticia-35015-medico-usava-seu-proprio-esperma-para-inseminar-mulheres>. Acesso em: 08 ago. 2021.
- BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. **O livro dos seres imaginários**. 8. ed. São Paulo: Editora Globo, 2000.
- BORGES, Laryssa; CASTRO, Gabriel. Roger Abdelmassih, condenado por 52 estupros, é preso no Paraguai. **Veja**, [S.l.], 19 ago. 2014. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/roger-abdelmassih-condenado-por-52-estupros-e-preso-no-paraguai/>. Acesso em: 08 ago. 2021.
- BRITES, Blanca; TESSLER, Élide (orgs.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas do Gênero: Feminismo e Subversão de Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CATTANI, Icléia Borsa. Arte Contemporânea: o lugar da pesquisa. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Élide (orgs.). **O meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

- COCHRANE, Kristen. Is a Fridge Full of Free Semen “Art?”. **Vice**, [S.l.], 2013. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/exk5jn/is-a-fridge-full-of-free-semen-art>. Acesso em: 08 ago. 2021.
- COSTA, Robson Xavier da; SILVA, Maria Betânia e. Investigação em/sobre artes visuais: artista/pesquisador/professor. In: **Anais do 24º Encontro Nacional da ANPAP**, Santa Maria: 2015. Disponível em: [http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s8/robson\\_xavier\\_da\\_costa\\_maria\\_bet%C3%A2nia\\_e\\_silva.pdf](http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s8/robson_xavier_da_costa_maria_bet%C3%A2nia_e_silva.pdf) Acesso em: 03 set. 2019.
- DAVIS, Angela. **Uma autobiografia**. Tradução de Hecci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DAVIS, Olga Idriss. In the Kitchen: Transforming the Academy through Safe Spaces of Resistance. **Western Journal of Communication**, n. 63. Londres: Taylor and Francis, 1999. p. 364-381.
- DO VALE, Mariana. In: OVÍDIO, Lara (org.) **Hacia calor y Usábamos Máscaras/Fazia Calor e Usávamos Máscaras**. Rio de Janeiro/Cidade do México: Ediciones Lobos Marinos de um Solo Pelo, 2020. Disponível em: <https://archive.org/details/faziacaloryusabamosmascaras> Acesso em: 12 set. 2021.
- DROGUETT, Jocelyne Rodrigues. In: PEÑALOZA, Macarena. In-Vitro. Santiago do Chile: Maar Ediciones Fotográficas, 2019.
- Especialista em fertilização é acusado de usar o próprio sêmen para engravidar paciente. **BBC News-Brasil**, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-37911213>. Acesso em: 08 ago. 2021.
- EVARISTO, Conceição. **Olhas d’água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: o corpo-em-experiência. **Revista Ilinx**, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, n. 4, dez. 2013. Disponível em: <https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276>. Acesso em: 24 ago. 2021.
- FABRIS, Annateresa. Pesquisa em artes visuais. **PORTOARTE: Revista de Artes Visuais**, Porto Alegre, RS, v.2, n.4, abr. 2012. ISSN 2179-8001. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27413>. Acesso em: 30 set. 2021.
- FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.
- FEUVRE, Lisa Le (ed.). Failure. Documents of Contemporary Art. London: Whitechapel Gallery. Cambridge: The MIT Press, 2010.
- FURQUIM, Gabriel Martins. Revista Vexatória: uma violência sexual institucionalizada. **Canal Ciências Criminais**, 19 ago. 2017. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.com.br/revista-vexatoria-violencia-sexual/>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades**

modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.

GOLDBERG, Roselee. **A arte da performance**: do futurismo ao presente. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GUBAR, Susan. A “página em branco” e questões acerca da criatividade feminina. In: MACEDO, Ana Gabriela (org.). **Gênero, Identidade e Desejo**: Antologia crítica do Feminismo Contemporâneo. Ed. Cotovia. Lisboa. 2002.

GÜELL, Núria. **Ayuda Humanitária**. 2008-2013. Disponível em: <https://www.nuriaguell.com/portfolio/ayuda-humanitaria/>. Acesso em: 03 set. 2021.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2020.

HANISCH, Carol. **The Personal is Political**. 1969. Disponível em: <http://carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html>. Acesso em: 14 set. 2021.

HARAWAY, Donna. O manifesto ciborgue: a ciência, a tecnologia e o feminismo socialista nos finais do século XX. In: MACEDO, Ana Gabriela (org.). **Gênero, Identidade e Desejo**: Antologia crítica do Feminismo Contemporâneo. Lisboa: Ed. Cotovia, 2002.

**História da Histeria**. Módulo de Psicologia Clínica. Faculdade de Teologia e Ciências. Disponível em: <http://www.fatecc.com.br/ead-moodle/pospsicanaliseclinica/modulohisteria.pdf> Acesso em: 21 jun. 2021.

JANSA, Janez. **My name is Janez Jansa**. 2007. Disponível em: <https://vimeo.com/46937250>. Acesso em: 06 set. 2021.

JOHNSON, Martin H. **Robert Edwards**: Nobel Laureate In Physiology or Medicine. 2018. Disponível em: [https://www.nobelprize.org/uploads/2018/06/edwards\\_lecture.pdf](https://www.nobelprize.org/uploads/2018/06/edwards_lecture.pdf). Acesso em: 08 jun. 2021.

JONES, Ann Rosalind. Escrever o corpo: Para uma compreensão de L'Écriture féminine. In: MACEDO, Ana Gabriela (org.). **Gênero, Identidade e Desejo**: Antologia crítica do Feminismo Contemporâneo. Lisboa: Ed. Cotovia, 2002.

KEY, Ellen. In: BETTERTON, Rosemary. **Intimate Distance**: Women, artists and the body. Editora Routledge. Londres, 1996.

KILOMBA, Grada. **Grada Kilomba**: Desobediências Poéticas. Exposição individual. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019a.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidianos. Lisboa: Orfeu Negro, 2019b.

LAMANO, Renata Garcia. In: TIBONI, Marcela. **MAMA**: um relato de maternidade homoafetiva. São Paulo: Dita Livros, 2019.

- LEVINSON, Eliza. The desire to “Undo” Giving Birth. **Hyperallergic**, 2019. Disponível em: <https://hyperallergic.com/519932/candice-breitz-labour-neuer-berliner-kunstverein/>. Acesso em: 07 ago. 2021.
- LEWONTIN, R.C. **Biologia como Ideologia**: a doutrina do DNA. Ribeirão Preto: Funpec-editora, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Edição integral. São Paulo: Círculo do livro S.A., 1973.
- LONGO, Ivan. “Só quem abre as pernas ali sabe como é. Aquilo é um estupro”. **Revista Forum**, abr. 2014. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/quem-abre-pernas-ali-sabe-como-e-aquilo-e-um-estupro/>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. Tradução de Juan Ricardo Aparicio e Mario Blaser. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3. set. – dez./2014, p. 950. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 25 nov. 2020.
- MACEDO, Ana Gabriela (org.). **Gênero, Identidade e Desejo**: Antologia crítica do Feminismo Contemporâneo. Lisboa: Ed. Cotovia, 2002.
- MACHADO, Clara. Encontros Dissonantes: a imagem como sintoma, o fazer como imagem. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lrb5v11A-7s>, Acesso em: 13 jul 2021.
- MATESCO, Viviane. **Em torno do Corpo**. Niterói: PPGCA-UFF, 2016.
- MAYER, Monica. **¡Madres!**. 1984. Disponível em: <http://archivoartea.uclm.es/obras/madres/>. Acesso em: 03 set. 2021.
- MELLO, Christine. Vídeo e corpo em tempo Real. **Revista Concinnitas**. Rio de Janeiro, ano 4, n. 4., p. 36-44, mar. 2003.
- N.B.K. Candice Breitz. Labour. Disponível em: <https://www.nbk.org/en/ausstellungen/candicebreitzlabor.html>. Acesso em: 07 ago. 2021.
- Número de casos de feminicídio no Brasil cresce 22% durante a pandemia. **Universa**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/01/numero-de-casos-de-feminicidio-nobrasil-cresce-22-durante-a-pandemia.htm>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- OVÍDIO, Lara (org.) **Hacia calor y Usábamos Máscaras/Fazia Calor e Usávamos Mascáras**. Rio de Janeiro/Cidade do México: Ediciones Lobos Marinos de um Solo Pelo, 2020. Disponível em: <https://archive.org/details/faziacaloryusabamosmascaras>. Acesso em: 12 set. 2021.

PEÑALOZA, Macarena. **In-Vitro**. Santiago do Chile: Maar Ediciones Fotográficas, 2019.

PÉPIN, Charles. **As virtudes do fracasso**. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

POLLOCK, Della. Performing Writing. The Ends of Performance. Ed. Peggy Phelan and Jill Lane. New York: New York UP, p. 73-103, 1998.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: Crônicas da Travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

RESOLUÇÃO CFM Nº 2.294, de 27 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucaocfm-n-2.294-de-27-de-maio-de-2021-325671317>. Acesso em: 10 jul 2021.

Revista Vexatória: o estupro institucionalizado. **Instituto Brasileiro de Ciências Criminais**. Boletim 267. Fevereiro de 2015. Disponível em: [https://www.ibccrim.org.br/boletim\\_artigo/5279-Revista-vexatria-o-estupro-institucionalizado](https://www.ibccrim.org.br/boletim_artigo/5279-Revista-vexatria-o-estupro-institucionalizado). Acesso em: 16 jan. 2019.

RIBEIRO, Djamilia. Minha mãe não foi trouxa por acreditar que cuidar da casa era digno. **Folha Ilustrada**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamilia-ribeiro/2021/06/minha-mae-nao-foi-trouxa-por-acreditar-quecuidar-da-casa-era-digno.shtml>. Acesso em: 06 jun. 2021.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Élida (orgs.). **O meio como ponto zero**. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

RICH, Adrienne. Notas para uma política da localização (1984). In: MACEDO, Ana Gabriela (org.). **Gênero, Identidade e Desejo**: Antologia crítica do Feminismo Contemporâneo. Lisboa: Ed. Cotovia, 2002.

ROCK, John; MENKIN, Miriam F. In vitro fertilization and cleavage of human ovarian eggs. **Science**, v. 100, n. 2588, 1944. p. 105-107. Disponível em: [https://embryology.med.unsw.edu.au/embryology/index.php/Paper\\_In\\_vitro\\_fertilization\\_and\\_cleavage\\_of\\_human\\_ovarian\\_eggs](https://embryology.med.unsw.edu.au/embryology/index.php/Paper_In_vitro_fertilization_and_cleavage_of_human_ovarian_eggs). Acesso em: 09 jul. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das Epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SARAIVA, Ulla. **O quarto amarelo sol**. [Toronto, ON, Canadá]: edição da autora, 2020.

SCHNEIDER, Rebecca. El performance permanece. In: TAYLOR, Diana; FUENTES, Marcela. **Estudios avanzados dela performance**. México: FCE, Instituto Hemisférico de Performance y Política, Tisch School of the Arts, New York University, p. 216-240, 2011.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no deserto. In: MACEDO, Ana Gabriela (org.). **Gênero, Identidade**

e **Desejo**: Antologia crítica do Feminismo Contemporâneo. Lisboa: Ed. Cotovia, 2002.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SOLANAS, Valerie. **SCUM Manifesto**. Londres: The Olympia Press Limited, 1971.

SONTAG, Susan. Contra a interpretação. *In*: SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**. Porto Alegre: Editora L&PM, 1987. p. 11-23.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

TAYLOR, Diana. **Performance**. Buenos Aires: Asunto Impreso Ediciones, 2012.

TESSLER, Elida. Coloque o dedo na ferida aberta ou a pesquisa enquanto cicatriz. *In*: BRITES, Blanca e TESSLER, Élida (orgs). **O meio como ponto zero**. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

TIBONI, Marcela. **MAMA**: um relato de maternidade homoafetiva. São Paulo: Dita Livros, 2019.

TIBONI, Marcela. **Notas do meu maternar**. São Paulo, 15 jun. 2021. Instagram, @marcelatiboni. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CQJyLeRHKyf/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CQJyLeRHKyf/?utm_medium=copy_link). Acesso em: 09 ago. 2021.

WITTIG, Monique. **O Corpo Lésbico**. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2019.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Editora Autores Associados, 2. ed., 2001.

## Listagem de imagens

## Listagem das imagens

- Imagem 01 – Bateria – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 44
- Imagem 02 – A mulher nasceu para servir – Frame de vídeo – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 49
- Imagem 03 – Pactos de Intimidade – Cena Vexatória – Frame de vídeo – Crédito da imagem: Raphael Lupo p. 55
- Imagem 04 – Vestígios – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 60
- Imagem 05 – Seminua – Frame de vídeo – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 62
- Imagem 06 – Superovulação – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 68
- Imagem 07 – Semiótica da gravidez – Frame de vídeo – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 73
- Imagem 08 – Onde fica o útero? – Fotomontagem – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 78
- Imagem 09 – Diário de Sintomas – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 80
- Imagem 10 – Estéril – Frame de vídeo – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 82
- Imagem 11 – Mancha – Frame de vídeo – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 87
- Imagem 12 – Sem título – Crédito das imagens: Mariana do Vale p. 91
- Imagem 13 – Tentativa de engravidar – Frame de vídeo – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 95
- Imagem 14 – Doador para ICSI – Captura de tela – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 110
- Imagem 15 – Doadores liberados – Fotomontagem – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 113
- Imagem 16 – Transferência de embriões congelados – Frame de vídeo – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 119
- Imagem 17 – Sobrenome – Frame de vídeo – Crédito da imagem: Mariana do Vale p. 127



## Anexos

## Anexos

Durante a realização desta pesquisa, promovi o *Círculo de Conversas: Nos deixam falar*, no qual apresentei o andamento da pesquisa e conversei com as artistas Luana Aguiar, Regina José Galindo e Roberta Barros.

O Círculo de Conversas se deu em ambiente virtual, nos dias 18, 20, 25 e 27 de janeiro de 2021.

**CÍRCULO DE CONVERSAS**  
Em torno das pesquisas de Mariana do Vale e Elisa Elsie

**NOS DEIXEM FALAR**

**CORTE ÍNTIMO**  
CORPO, FEMINISMO E PRÁTICA ARTÍSTICA

**CORPO/MÃE**  
NA FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

**JANEIRO**

18	Mariana do Vale [RN]	19	Elisa Elsie [RN]
20	Luana Aguiar [RJ]	21	Josimey Costa [RN]
25	Regina José Galindo [Guatemala]	26	Ana Alvarez-Errecalde [Barcelona]
27	Roberta Barros [RJ]	28	Elisa Elsie [RN]

Encontros virtuais das 17h às 18h\*

\*dia 25.01 das 18h às 19h

Inscrições pelo email [espacoduas@gmail.com](mailto:espacoduas@gmail.com) com nome e dias de participação.

LEI ALEVIN BLANC  
JOSE AUGUSTO  
RIO GRANDE DO NORTE  
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA  
PÁTRIA AMADA BRASIL

Para acessar a gravação das conversas, clique na imagem acima.



Mariana do Vale

---

## About Motherhood

---

StudioMartaJovanovic  
Para: Mariana do Vale

14 de julho de 2021 11:24

Dear Mariana,

Thank you so much for the reminder!  
I had it in my calendar but among so many things it slipped somehow and I apologize.

Answering your questions is not easy as definitions vary across cultures, social strata (non/privilege), lifestyle etc. If you think that there are things that I didn't cover and you would like me to elaborate, please do let me know.

My answers are in your text below.  
I hope it helps!

Warmly,  
Marta

On Jun 15, 2021, at 1:45 PM, Mariana do Vale

wrote:

Dear Marta,

First of all, I would like to thank you for agreeing to participate in my survey. As I mentioned before, I am investigating assisted reproduction issues for my doctoral thesis. I question whether this would be another strategy for imprisoning women to remain – or become – fertile longer. I also wonder if assisted reproduction for lesbian women would be a possibility of resistance.

In this context, I would like to know a little more about your works that dialogue with this issue. For that, I elaborated three questions that I listed below. Feel free to answer them or not, if you don't feel comfortable.

1. How did you envision the *Motherhood* performance and installation?

The two works were developing spontaneously, first the performance from my inner urge to communicate my frustration of the woman still being considered largely a tool for procreation. I had the urge to prove to the world but also to myself that being a creator (in this case in the domain of art) is equally important, if not more important, in my case creating was and still is much more important than being a mother. The installation was born from the performance. It is a series of almost 300 sculptures, eggs used in the performance turned into turned into 24K gold, through which I turned each opportunity (fertile months) I had in my lifetime (it is an ongoing work) literally into gold.

2. Do you believe *Motherhood* is related to failure? How so? Absolutely not! Myself and the curator used the word 'failure' sarcastically in relation to this work. I am delighted of the choices that I have made. I still didn't become a mother. In life never say never, therefore I do not know what the future will bring, but I have no plans to become one. I dedicated my life to artistic creation and to teaching performance art so, I have chosen my devotion. Also, I understand that I was privileged to have had and to still have the possibility to make such decisions on my own as it is

not always the case due to social norms that are often stronger than the individual in numerous cultures across the world.

### 3. How are motherhood and professional success related in terms of contemporary women?

I believe that feminism and the fight for women's rights on many levels tried to equate men and women and in that task, in some way, at least in my opinion, it failed women. Here I am referring to women and men in biological terms, biologically we are different and have different needs (+ - procreation apparatus). I believe that the woman who decides to become a biological mother has a very hard time in creating also a successful career unless she has a proper support system, and majority of women unfortunately do not. The system should accommodate to biological women and their biological needs so that they do not need to choose between motherhood and career, specially when they are not in stable partnerships. For that matter, any parent, biological or not, needs quality time with the children in order to create a bond and build good lifetime relationship that then shapes a possibly good human being.

### 4. How do you see the extension of the woman's fertile time through assisted reproduction? Is menopause a release?

I see it as any woman's freedom of choice. Also, these are the historical times of change on so many levels and every woman should step into the conversation and contribute in order for the society to become more accommodating and inclusive. Numerous women delay motherhood because of career and therefore they run into the 'biological clock' problem.

Today there are numerous ways of facing infertility and I know many examples across genders, couples and singles who are very happy with the choices they made and have healthy and beautiful children and are in harmony with themselves and their families. On the other hand, I know numerous heterosexual families that have children they maybe never even wanted and are miserable.

Menopause is probably a release for women who have been privileged to make their own choices but still have no full ability to live those choices and certainly to those who had no choice at all. I personally never think of menopause as my choices do not depend on it.

The industry of assisted reproduction is something else and it is a part of the supply and demand chain that is orchestrated by the social, religious and cultural atmosphere.

I personally do not feel pressure either way by the biological clock or the arrival of the menopause as I have made all my choices fully faithful to my being and my needs, often in clash with the persons close to me and the culture I come from. I was married for example to a man who wanted family and Motherhood was partially my artistic response to that situation. Now I see Motherhood as a celebration to me being fateful to myself even when it seemed wrong for those closest to me at the time.

On the other hand, I am very much involved in raising an eight year old girl and am a direct witness of the amount of care, love and time that raising a child requires. Bringing a child to this world is a huge responsibility as an adult, one is fully responsible for another person's life.

If you are interested in talking about another work or commenting on issues that were not touched by the questions, please feel free to do so, it will be very important for my research.

The Beauty of Tight Binding and Ljubav (Love) are two of my works that are strongly related to Motherhood. I strongly believe that unless we have healthy adult relationships, we are not suitable for being parents. Bringing another biological life to this planet, where there is already a lot, is a useless ego exercise. I personally do not need to see myself reproduced as another being. Again, talking from the point of privilege of choice. Child marriages, rape, abortion rights etc are to be discussed much deeper but I do not think that it is relevant research at the moment.

[Texto das mensagens anteriores oculto]



											PREFERENCIAS					CUIDADOS										
ABO	Rh	Raça	Origem étnica	Religião	Cor/Pele	Cor/Textura Cabelo	Cor Olhos	Altura	Peso	Ocupação	Hobby	Signo	Comida	Cor	Animal	Viagem	Musica	Fumante	Idiomas	Deficiência Visual	Deficiência auditiva	Alergias	Vai ao dentista regularmente	Atividades físicas	Dieta suplementar	
A	Pos	Cauc	Brasil Italia	Católica	Morena	Cast Ond	Cast	1,67 m	62 Kg	Profissional de logística	Musculação	Libra														
AB	Neg	Cauc	Espanha Italia Portugal Brasil		Morena	Cast Ond	Cast	1,73 m	78 Kg	Engenheiro e Estudante de Administração	Esportes Literatura	Aquario														
O	Neg	Cauc	Brasil		Branca	Cast Ond	Cast	1,77 m	78 Kg	Segurança Estudante Ciências econômicas	Futebol Xadrez Matemática Línguas	Peixes	Nordestina	Azul	Galo Cachorro	Sim	Eclético	Nao	Nao	Nao	Nao	Nao	Sim	Corrida	Nao	
A	Pos	Mestoc	Japão Espanha Africa		Morena	Preto Crespo	Cast	1,90 m	85 kg		Futebol Teatro Desenho															
O	Pos	Cauc	Brasil	Espirita	Branca	Cast Claro Liso	Cast	1,86 m	85 Kg	Gestão Comercial		Aquario														
A	Pos	Cauc	Portugal Brasil		Branca	Cast Ond	Cast Claro	1,75 m	66 Kg	Estudante Odontologia Protético	Esportes Trabalhos manuais	Libra	Salada, arroz feijão batata	Azul, Verde	Macaco	Sim	Roberto Carlos	Nao	Nao	Nao	Nao	Nao	Sim	Futebol, Corrida	Nao	
O	Pos	Cauc	Brasil	Evangelico	Branca	Preto Crespo	Cast	1,69 m	78 Kg	Gerente de Recursos Humanos	Tocar Bateria	Escorpio														
O	Pos	Cauc	Brasil Portugal Espanha Italia	Católica	Morena	Cast Liso	Cast	1,65 m	60 Kg	Técnico Mecatrônica	Basquete	Libra														
A	Pos	Cauc	Espanha Italia Espanha Brasil	Católica	Branca	Cast Claro Liso	Cast esverdeado	1,80 m	76 Kg	Marketing Filosofia Historia	Natação Voleibol	Touro	Massas	Verde	Gato	Sim	Chico Buarque Ira	Não	Ingles Espanhol	Não	Não	Amoxicilina	Sim	Camnhada	Não	
A	Pos	Cauc	Europa Turquia	Católica	Branca	Cast Claro Liso	Verdes	1,65 m	62 Kg	Médico	Artes Música Futebol Artes Meio ambiente Comunicação	Aries	Eife a Milanese Salmão	Azul	Cachorro	Sim	Aerosmith Nirvana	Nao	Espanhol Ingles	Nao	Nao	Nao	Sim	Corrida	Nao	
B	Neg	Cauc	Italia Portugal		Branca	Preto ond	Cast	1,70 m	53 Kg	Publicidade		Escorpio														
A	Pos	Cauc	Italia Portugal	Espirita	Branca	Cast Ond, Loiro escuro liso	Cast	1,92 m	81 Kg	Administrador Mercado financeiro	Literatura Música Vôlei Caminhada Esportes Viagens	Leao	Macarrão	Azul	Cachorro Gato - Cachorro	Sim	Gal Costa	Não	Ingles Espanhol	Miopia	Não	Não	Pimenta	Sim	Camnhada Basquete Corrida	Não
A	Pos	Cauc	Italia Portugal		Branca		Azul	1,86 m	76 Kg	Arquiteto		Virgem	Nhoque Italiana Japonesa Brasileira	Laranja	Cachorro	Sim	U2, Carliota Mozart	Nao	Ingles Espanhol Italiano	Nao	Nao	Nao	Sim	Tenis Natacao	Nao	
O	Pos	Cauc	Brasil	Católica	Branca	Loiro Médio Ond	Azul	1,89 m	92 Kg	Adm empresas Gestão Financeira Servidos Público	Mergulho Vela Tênis Tiro	Gemelos		Azul	Todos	Sim		Nao	Nao	Asigmatism	Nao	Sim	Sim	Tenis Natacao	Nao	
O	Pos	Cauc	Brasil	Católica	Morena	Preto cacheado	Cast	1,69 m	72 Kg		Cinema música	Virgem		Azul	Gato Cachorro	Sim	U2	Nao	Nao	Nao	Nao	Nao	Sim	Natacao	Nao	
O	Pos	Cauc	Brasil Italia Alemanha	protestante	Morena	Cast Liso	Cast Claro	1,74m	74 Kg	Comissario Professor Educação Física	Camnhadas Viagens	Aquario	Macaronas	Verde	Peixes	Sim	Black Eyed Peas	Nao	Ingles Espanhol Alemão	Miopia Astigmatismo	Nao	Nao	Sim	Ciclismo Camnhada Patinacao	Nao	
A	Pos	Cauc	Italia Espanha Brasil	Católica	Branca	Cast Liso	Cast	1,77 m	82 Kg	Adm Pública Bancario	Politica Poker	Capricornio														
B	Pos	Cauc	Italia Espanha Brasil	Católica	Branca	Cast Ond	Cast	1,82 m	84 Kg			Capricornio														
A	Pos	Cauc	Brasil	Catolica	Morena	Preto cacheado	Castanho	1,75	70 Kg	Ph.D em Economia	Capoeira Instrumentista Futebol Natacao Rugby	Capricornio	Comida Mineira	Azul	Cachorro	Sim	Foo Fighters	Nao	Ingles Espanhol	Miopia Astigmatismo	Nao	Nao	Sim	Musculacao Capoeira	Nao	
AB	Pos	Cauc	Brasil Espanha Portugal		Morena	Cast Ond	Cast	1,74m	70 Kg	Estudante Biologia Eng Mecanico Prof Universitario	Computacao Grafica Boxe Jiu - Jitsu Muaythai Lektura	Libra	Arroz e Feijao	Roxo	Peixes	Sim		Nao	Nao	Nao	Nao	Nao	Sim		Nao	
AB	Neg	Cauc	Espanha Brasil	Catolica	Morena	Cast Ond	Castanho	1,93 m	113 Kg			Gemeos														
O	Neg	Cauc	Polonia Italia	Espirita	Branca	Cast Claro Liso	Castanho	1,69 m	56 Kg	Estudante Fisioterapia	Leitura Caridade espiritualidade	Sagitario	Massas	Azul	Lobos	Sim	Troye Sivan	Nao	Ingles	Nao	Nao	Nao	Sim	Camnhada Addominais	Vitaminas	
O	Neg	Cauc	Italia Brasil Portugal	Catolica	Branca	Cast Liso	Castanho	1,77 m	69 Kg	Advogado Professor	Leitura Cinema Teatro Tennis Natacao Corrida	Sagitario	Italiana	Azul	Cachorro	Sim	Beathes	Nao	Ingles Frances Espanhol	Nao	Nao	Nao	Sim	Tennis Natacao Corrida	Vitamina	
O	Pos	Cauc	Brasil	Catolica	Morena	Preto Ond	Preto	1,70 m	62 Kg	Jornalismo Pos Grad Lato Senu em Jornalismo Contemporaneo Prof Universitario / Designer Produtos	Ferromodelismo Culturais Pre-colombianas Criação de Historias	Sagitario	Hamburguer Lasanha	Azul	Gato	Sim	Natiruts, J Balvim, Paula Toller	Nao	Ingles, Espanhol	Astigmatism	Nao	Sim	Sim	Corrida, Camnhada	Nao	
B	Pos	Cauc	Portuga/ Espanha/ Alemanha	Ateu	Branca	Cast Liso	Castanho	1,77 m	71 Kg		Leitura, TV - Series Camnhadas	Leao	Japonesa, Frutos do Mar	Cinza	Cachorro	Sim	Alanis, Florence, Hozier	Nao	Ingles, Espanhol	Nao	Nao	Dramin, Amoxicilina	Sim	Camnhada	Nao	

														PREFERENCIAS					CUIDADOS									
Doador	ABO	Rh	Raca	Origem etnica	Religião	Cor	Pele	Cor Textura Cabelo	Cor Olhos	Altura	Peso	Ocupação	Hobby	Signo	Comida	Cor	Animal	Viagem	Musica	Fumante	Idiomas	Deficiencia Visual	Deficiencia auditiva	Alergias	Vai ao dentista regularmente	Atividades físicas	Dieta suplementar	
D	Pos	Cauc	Brasil Libano	Evangélico	Morena	Cast	Crespo	Castanho Ondulado	Castanho	1,80 m	98 Kg	Eng Civil , Mestrado em Eng Civil - IFT	Corrida , Futebol, Volunt em Projeto Social	Libra	Massas	Azul	Gato	Sim	Racionais Mc: S	Nao	Nao	Miopia	Nao	Nao	Sim	Corrida Caminhada Futebol	Nao	
A	Pos	Cauc	Espanha		Branca	Preto Ondulado		Castanho	Castanho	1,80 m	111Kg	Empresário / Chefe de Cozinha	Arte Viagens exóticas	Escorpio	Asiatica	Branco	Gato	Sim	Rush Anouk	Nao	Frances	Nao	Nao	Nao	Sim	Caminhada Corridas Futebol Musculacao	Nao	
A	Pos	Cauc	Brasil Portugal Indio		Morena	Preto Liso		Castanho	Castanho	1,72 m	95 Kg	Analista Sistemas TI	Jogos Futebol	Libra	Carne Assada	Verde		Sim	The Who	Nao	Ingles	Astigmatismo	Nao	Nao	Sim		Nao	
B	Pos	Cauc	Portugal Italia Belgica Brasil	Espirita	Branca	Castanho Liso		Castanho Claro	Castanho Claro	1,86 m	105 Kg	Professor de Direito /Advogado	Cinema Esportes Viagens	Capricornio	Lasanha	Azul	Cachorro	Sim	U2	Nao	Ingles	Astigmatismo	Nao	Nao	Nao	Nao	Nao	Nao
A	Pos	Cauc	Italia Alemanha Brasil	Catolico	Branca	Castanho Cacheado		Verdes	Verdes	1,71 m	80 Kg	Publicidade Criacao Virtual Designer Institucional	Informatica Artes Turismo	Aries	Frango empanado com pure de batata	Verde	Cachorro	Sim	Legiao Urbana Jorge Ben Miles Davis	Nao	Ingles Frances Espanhol Chines	Miopia Astigmatismo	Nao	Mofa	Sim	Ginastica Musculacao Caminhada Skate	Centrum BCAA	
O	Pos	Cauc	Espanha Brasil	Catolico	Branca	Castanho claro liso		Azuis	Azuis	1,73 m	83 Kg	Direito Func Publico Administrador	Desenho Marcenaria Volei Basquete Ciclismo	Leao	Lasanha	Vermelho	Cachorro Passaro	Sim	Roberto Carlos Roupa Nova	Nao	Nao	Miopia	Nao	Nao	Sim	Caminhada	Nao	
O	Pos	Cauc	Portugal/ Brasil	Catolico	Branca	Castanho Ondulado		Castanho Claro	Castanho Claro	1,85 m	90 Kg	Recursos Humanos	Cinema Corrida Natacao	Virgem	Churrasco	Vermelho	Cavalo	Sim	Pink Floyd	Nao	Espanhol	Nao	Nao	Nao	Sim	Musculacao Corrida	Nao	
A	Pos	Cauc	Portugal Italia Espanha	Catolico	Branca	Castanho claro liso		Azuis	Azuis	1,64 m	95 Kg	Correio de Imoveis	Karate	Libra	Peixes	Verde	Cachorro	Sim	Roberto Carlos	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Karate	Não	
B	Pos	Cauc	Brasil Italia Portugal		Branca	Castanho liso		Castanho	Castanho	1,68 m	70 Kg	Professor	Lectura	Touro	Massas	Azul	Cachorro	Sim	Ivan Lins Pink Floyd Credence	Nao	Ingles Espanhol Frances	Astigmatismo	Nao	Nao	Sim	Musculacao	Nao	
O	Pos	Cauc	Brasil Italia Portugal	Cristao	Morena	Castanho Ondulado		Castanho	Castanho	1,85	75 Kg	Analista de logistica	Caminhar cinema teatro basquete	Aries	File de Frango	Vermelho	Agua	Sim		Nao	Ingles	Nao	Nao	Nao	Sim	Caminhada	Nao	
O	Pos	Cauc	Brasil Holanda	Evangélico	Morena	Castanho Ondulado		Castanho	Castanho	1,73 m	77 Kg	Enfermeiro	Academia Viagem Leitura	Virgem	Feijoadas	Verde	Gato	Sim	Diante do Tonô	Não	Não	Miopia	Não	Pó	Sim	Musculacao	Vitamina A	
A	Pos	Cauc	Brasil/ Siria / Portugal	Catolico	Branca	Preto Liso		Castanho	Castanho	1,86 m	68 Kg	Analista de tecnologia da Informaçao	Leir Senados Computador esportes	Aquario	Saladas, legumes, peixes	Azul		Sim	Kom	Não	Ingles	Não	Não	Não	Sim	Corrida Futebol Natacao Volei	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil	Cristão	Morena	Preto Ondulado		Castanho	Castanho	1,69 m	60 Kg	Comercio Logistica	Futebol Tenis Natacao	Aquario	Lazanha	Preto	Cachorro	Sim	Henrique Juliano Sertanejo	Não	Não	Não	Não	Benzetacil Gato	Não	Ginastica	Não	
B	Pos	Cauc	Brasil	Adventista	Morena	Preto Ondulado		Castanho	Castanho	1,75 m	82 Kg	Assistente Comercial	Passar de bicicleta	Peixes	Lasanha	Azul	Cachorro	Sim	Alessandra Samadello MPB Roupa Nova	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Caminhada	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil	Cristão	Morena	Castanho Ondulado/ crespo		Castanho	Castanho	1,79 m	105 Kg	Seguranca	Matematica Passear	Aquario	Estrogonof e de frango	Vermelho	Cachorro	Sim		Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Basquete Futebol Natacao	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil Portugal	Cristão	Branca	Castanho Ondulado		Castanho	Castanho	1,69 m	64 Kg	Professor de Ginastica loga	Teatro Leitura	Aquario	Chocolate Lasanha Comida Japonesa	Verde	Cachorro	Sim	Todas	Não	Ingles Espanhol	Astigmatismo	Não	Não	Sim	loga	Proteina	
A	Pos	Cauc	Brasil Italia Alemanha	Protestant	Branca	Castanho Cacheado		Verdes	Verdes	1,81 m	78 Kg	Auxiliar Administrativo	Futebol, Surf Natacao Musica	Peixes		Azul	Cachorro	Sim	U2 Legião Urbana	Não	Ingles Espanhol	Não	Não	Não	Sim	Caminhada Bicicleta	Vitamina C	
O	Neg	Cauc	Alemanha Brasil Portugal Austria	Catolico	Branca	Castanho Liso		Castanho	Castanho	1,78 m	92 Kg	Cantor de Opera	Xadrez Culnaria Vinhos Ciclismo	Aquario	Alemã Massa	Azul	Cachorro	Sim	Opera Musica Classica Bossa Nova Jazz	Não	Espanhol Alemão Ingles Frances Italiano	Astigmatismo	Não	Não	Sim	Ciclismo	Não	
O	Pos	Cauc	Espanha Brasil Indio	Pagão	Branca	Castanho Liso		Castanho	Castanho	1,78 m	90 Kg	Agente de viagem	Academia Viagem	Aquario	Massas	Azul Preto	Cachorro	Sim	Metálica	Não	Ingles Russo	Hipermetria	Não	Rinite Alergica	Sim	Academia	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil	Espirita	Branca	Castanho Liso		Castanho	Castanho	1,90	80 Kg	Gerente Comercial	Corrida Escrita	Libra	Massas	Verde	Cachorro	Sim	Castello Branco MPB	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Corrida	Não	
A	Neg	Cauc	Brasil Portugal Brasil Holanda Africa Portugal		Morena	Castanho Ondulado		Castanho	Castanho	1,70	68 Kg	Professor	Teatro Cinema Literatura	Virgem	Comida arabe	Roxo	Cachorro	Sim	Instrumental	Não	Ingles Frances Hebraico Espanhol	Miopia Astigmatismo	Não	Não	Sim	Não	Não	
AB	Pos	Cauc	Brasil Holanda Africa Portugal	Catolico	Branca	Castanho Cacheado		Castanho	Castanho	1,75	69 Kg	Tecnico de Informatica	Patinar Leitura Video Game	Escorpio	Lasanha	Azul	Cachorro	Sim	Rammstein	Não	Ingles	Astigmatismo	Não	Iodo	Sim	Musculacao Patinacao	Não	
B	Neg	Cauc	Brasil	Catolico	Branca	Castanho Ondulado		Castanho Claro	Castanho Claro	1,81	75 Kg	Professor Musico Compositor	Musica Escrever	Capricornio	Peixe	Azul	Cachorro	Sim	Beethoven Beatles	Não	Ingles	Miopia	Não	Não	Sim		Não	
O	Pos	Cauc	Espanha Portugal Italia Brasil		Branca	Castanho Cacheado		Castanho	Castanho	1,85	55 Kg	Estudante	Artes Leitura Politica Sociologia Historia Desenho	Touro	Massas	Roxo	Raposa	Sim	MPB Rock Latinas	Não	Não	Não	Não	Rinite Picada de inseto	Sim	Capoeira	Vit B6 B5 Colageno	



Autor	ABO	Rh	Raça	Origem étnica	Religião	Cor. Pele	Cor Textura Cabelo	Cor Olhos	Altura	Peso	Ocupação	Hobby	Signo	PREFERÊNCIAS					CUIDADOS								
														Comida	Cor	Animal	Viagem	Musica	Fumante	Idiomas	Deficiência Visual	Deficiência auditiva	Alergias	Vai ao dentista regularmente	Atividades físicas	Dieta suplementar	
	A	Pos	Cauc	Brasil Indio Portugal Alemanha	Ateu	Morena	Castanho cacheado	Castanho	1,78	112 Kg	Bancário	Musica Filme Video Game	Sagitario	Churrasco	Azul	Gato	Sim	Iron Maiden	Não	Inglês	Micopia	Não	Não	Sim	Natação	Não	
	A	Pos	Cauc	Brasil Italia		Morena	Castanho liso	Castanho	1,77	84 Kg	Empreendedor	Leitura Cinema Natação Caminhada Cozinhar	Peixes	Italiana	Azul	Cachorro	Sim/ Praia	Caetano Veloso	Não	Inglês Espanhol Frances	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	
	O	Neg	Cauc	Brasil Italia Portugal	Catolica	Branca	Castanho liso	Castanho esverdeado	1,74	74 Kg	Empresário Veterinário Educação Física Advogado	Esportes	Touro	Italiana Japonesa	Preto Cinza Branco	Cachorro	Sim	Blues Bossa Nova	Não	Inglês Italiano	Micopia	Não	Pó Mofo	Sim	Surf Caique Musculação Judo	Não	
	O	Pos	Cauc	Brasil Alemanha	Catolica	Branca	Castanho liso	Castanho	1,86	103 Kg	Contador	Trilha corrida	Libra	Churrasco massa	Azul verde	Cachorro	Sim	Rock Sertanejo	Não	Inglês	Não	Não	Não	Sim	Corrida	BCAA	
	A	Pos	Cauc	Brasil	Agnostico	Morena	Preto ondulado	Castanho	1,77	92 Kg	Contador	Trilha Rapel Trilha	Escorpião	Maccaronas	Vermelho	Cachorro	Sim	Rock	Não		Micopia	Não	Rinite	Sim	Volei	Não	
	O	Pos	Cauc	Brasil Espanha	Catolica	Branca	Castanho liso	Castanho claro	1,70	52 Kg	Analista de Sistema	Programador mexer em carros	Virgem	Lasanha	Azul	Gato	Sim	Sade	Não	Inglês	Não	Não	Picada de inseto	Sim	Caminhada	Não	
	A	Neg	Cauc	Brasil Espanha Portugal	Cristão	Branca	Castanho ondulado	Castanho Claro	1,70	101 Kg	Microempresário Web Designer Designer Gráfico	Andar de bicicleta, musculação	Cancer	Arroz Feijão Bife	Azul	Gato	Sim	Charlie Brown Jr	Não		Micopia	Não	Não	Sim	Musculação o ginastica caminhada a corrida futebol	Não	
	A	Pos	Cauc	Brasil Grecia	Cristão	Morena	Preto ondulado	Castanho	1,55	73 Kg	Contador	Leitura Luta Futebol Volei	Touro	Massas	Preto vermelho	Gato cachorro	Sim	Todos os gêneros	Não	Inglês	Não	Não	Capim mato	Sim		Não	
	A	Pos	Cauc	Brasil Portugal Italia Polonia	Catolica	Branca	Castanho liso	Castanho claro	1,80	60 Kg	Cirurgião dentista	Escalada, Skate Escludar Praia Aikido	Aries		Verde Azul	Não	Sim	Instrumental	Não	Inglês	Micopia Astigmatismo	Não	Pó pelo conservantes	Sim	Aikido	Não	
	O	Pos	Cauc	Brasil Alemanha Italia Portugal		Branca	Castanho liso	Azuis	1,70	70Kg	Analista de processos	Leitura Filme	Capricornio	Lasanha	Azul	Cachorro	Sim	Rammstein	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Natação	Não	
	A	Pos	Cauc	Brasil Espanha	Catolica	Branca	Castanho ondulado	Castanho	1,03	83 Kg	Médico	Tecnologia Ciclismo Linguas Cozinhar	Sagitario	Parmegiana	Laranja	Sim	Sim	Sertanejo	Não	Inglês Frances Espanhol Alemão Japones Italiano	Não	Não	Não	Sim	Ciclismo	Não	
	O	Pos	Cauc	Brasil	Cristã	Morena	Castanho cacheado	Castanho	1,63	83 Kg	Promotor de vendas	Cinema viagem	Cancer	Massa	Azul verde	Cachorro	Sim	Eclético	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	
	AB	Pos	Cauc	Brasil Portugal Espanha	Catolico	Branca	Castanho ondulado	Castanho claro	1,80	78 Kg	Educador Fisico	Viajar esportes	Aries	Bife a milanesa	Vermelho	Cachorro coelho	Sim	Sertanejo	Não	Não	Micopia	Não	Não	Não	Não	Handebol	Não
	A	Neg	Cauc	Brasil Portugal Austria	Catolico	Branca	Castanho liso	Castanho claro esverdeado	1,75	85 Kg	Professor mestrado em Saúde Publica	Tiro esportivo Rapel Trilha Jardinagem	Leão	Massa	Azul	Cachorro passáro	Sim	MPB	Não	Espanhol	Não	Não	Não	Sim	Trilha Rapel	Não	
	O	Pos	Cauc	Brasil Holanda Alemanha	Catolico	Branca	Castanho cacheado	Castanho	1,80	90 Kg	Lider de Atendimento	Futebol corrida leitura filme	Aries	Arroz feijão carne	Verde	Cachorro passáro	Sim	Rock Sertanejo	Não	Inglês	Astigmatismo	Não	Não	Não	Não	Não	
	O	Neg	Cauc	Brasil Italia Alemanha		Branca	Castanho ondulado	Castanho	1,80	70Kg	Diretor Médico	esportes radicais estudar filmes cinema viagem	Capricornio	Massa	Azul	Galo	Sim	Rock Reggae Blue Jazz	Não	Inglês Espanhol Frances	Micopia Astigmatismo	Não	Poeira	Sim	Skate	Não	
	A	Pos	Cauc	Brasil		Branca	Castanho ondulado	Castanho	1,75	61 Kg	Estudante	Estudar passar jogar video game	Gêmeos	Maccarrão	Azul marinho	Gato	Sim	MPB	Não	Inglês	Micopia Astigmatismo	Não	Não	Sim	Não	Não	
	A	Pos	Cauc	Brasil Italia	Espirita	Branca	Castanho ondulado	Verdes	1,93	78 Kg	Estudante	Leitura pesquisa	Cancer	Massa	Verde	Cachorro	Sim	MPB	Sim	Inglês Espanhol	Astigmatismo	Não	Não	Não	Circuito corrida	Não	
	O	Pos	Cauc	Brasil Italia Indio Portugal	Cristão	Morena	Preto cacheado	Castanho	1,80	81 Kg	Estudante	Basquete filme trilha	Escorpião	Frango Xadrez	Azul	Sim	Electronica	Não		Não	Não	AAS Dipirona	Sim	Basquete Academia	Não		
	O	Pos	Cauc	Brasil	Ateu	Morena	Castanho ondulado	Castanho	1,62	55 Kg	Gerente Comercial	Academia caminhada cinema	Virgem	Carne	Laranja	Cachorro	Sim	Funk	Não		Não	Não	Não	Sim	Academia	Não	
	A	Pos	Cauc	Brasil Espanha Portugal	Ateu	Branca	Castanho liso	Castanho	1,70	63 Kg	Doutorando	Futebol Taekwondo Computação	Cancer	Frango	Cinza	Cachorro	Sim	Clássica Beehoven	Não	Inglês	Micopia	Não	Não	Sim	Futebol Taekwondo	Não	
	A	Pos	Cauc	Brasil Italia Portugal Espanha Holanda	Cristão	Branca	Castanho Ondulado	Castanho	1,80	85 Kg	Engenheiro Gerente de Tecnologia	Viajar trabalhar passar curtir a familia	Libra	Churrasco	Preto	Gatos	Sim	Rock	Não	Inglês Espanhol	Micopia Astigmatismo	Não	Não	Sim	Corrida	Não	
	O	Pos	Cauc	Brasil Franca Portugal	Catolica	Branca	Castanho Ondulado	Castanho	1,75	70 Kg	Orientador Sócio Educativo	Academia caminhada natação bicicleta	Virgem	Carne	Preto	Cachorro	Sim	Samba Pop Música Internacional	Não	Italiano	Não	Não	Não	Sim	Academia Caminhada a natação bicicleta	Não	
	O	Neg	Cauc	Brasil Portugal	Espirita	Branca	Castanho liso	Castanho	1,70	86 Kg	Administrador	Esportes	Virgem	Brasileira	Azul	Cachorro	Sim	Electronica	Não	Não	Não	Não	Sim	Lutas Bicicleta	Não		

Doador	ABO	Rn	Raça	Origem étnica	Religião	Cor_Pele	Cor_Textura_Cabelo	Cor_Olhos	Altura	Peso	Ocupação	Hobby	Signo	PREFERENCIAS					CUIDADOS							
														Comida	Cor	Animal	Viagem	Musica	Fumante	Idiomas	Deficienci a Visual	Deficienci a auditiva	Alergias	Vai ao dentista regularmente	Atividades físicas	Dieta suplement ar
O	Neg	Cauc	Brasil	Ateu	Branca	Castanho claro ondulado	Castanho esverdeado	1,87	94 Kg	Vendedor autônomo	Ir ao estádio ficar em casa	Aquário	Arroz feijão	Preto Branco	Cachorro	Sim	Eclético	Não	Não	Não	Não	Não	Caminhada	Dieta natural		
O	Neg	Cauc	Brasil Portugal	Catolico	Branca	Castanho claro liso	Azuis	1,90	80 Kg	Bombeiro Técnico Segurança	Velejar trilha	Aries	Strogonoff	Verde	Cachorro	Sim	Rock	Não	Ingles	Não	Não	Corante	Sim	Velejar trilha	Não	
A	Pos	Cauc	Brasil Italia Portugal		Branca	Castanho ondulado	Castanho	1,92	99 Kg	Metroviário	Academia hugby leitura escrever	Escorpião	Arabe Italiana Japonesa	Vermelho		Sim	Jazz Bossa Nova Samba Rock MPB	Não	Ingles Espanhol Frances	Não	Não	Não	Sim	Academia hugby	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil Italia		Morena	Castanho Crespo	Castanho	1,73	73 Kg	Administrador	Musica, esportes	Cancer	Massa	Azul	Cachorro	Sim	Pop Rock	Não	Ingles	Não	Não	Não	Sim	Musculação	Não	
A	Pos	Cauc	Brasil	Ateu	Branca	Preto ondulado	Castanho	1,79	71 Kg	Administrador	Esportes cinema teatro	Aquário	Massa	Azul	Cachorro gato	Sim	Eclético	Não	Ingles Espanhol	Não	Não	Não	Sim	Ciclismo musculação	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil	Catolico	Branca	Castanho Claro liso	Verdes	1,65	56 Kg	Administrador	Esportes, musica	Peixes	Brasileira	Azul	Cachorro	Sim	Pop Rock	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Musculação	Não	
A	Pos	Cauc	Brasil Italia	Catolico	Morena	Castanho ondulado	Castanho claro	1,78	83 Kg	Administrador	Esportes	Leão	Brasileira	Azul	Cachorro	Sim	Pop	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Musculação	Whey Protein	
A	Pos	Cauc	Brasil Polonia	Catolico	Morena	Preto liso	Castanho	1,84	80 Kg	Analista	Futebol leitura passear	Touro	Italiana	Verde	Cachorro	Sim	Eclético	Não	Ingles alemão	Não	Não	Não	Sim	Futebol corrida natação	Creatina BCAA	
AB	Pos	Cauc	Brasil Italia	Catolico	Branca	Loiro ondulado	Verdes	1,70	68 Kg	Estudante	Esportes jogos de raciocínio	Escorpião	Brasileira	Azul	Cachorro	Sim	Pop internacio nal eletronica	Não	Não	Miopia astigmatismo	Não	Não	Não	Sim	Natação corrida ciclismo	Não
O	Pos	Cauc	Brasil	Cristão	Branca	Castanho ondulado	Castanho	1,79	70 Kg	Analista	Surfar	Capricornio	Brasileira	Azul	Cachorro	Sim	MPB Pop	Não	Ingles espanhol	Não	Não	Não	Sim	Academia Surf	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil Alemanha Iugoslávia		Branca	Loiro liso	Azuis	1,73	66Kg	Estudante	Pintura desenho	Capricornio	Internacion	Amarelo	Cachorro	Sim	Eletronica Reggae	Sim	Não	Miopia	Não	Não	Sim	Academia Corrida luta	Não	
A	Pos	Cauc	Alemanha	Espirita	Branca	Castanho liso calvo	Castanho	1,72	78 Kg	Analista	Pintura esporte	Sagitário	Italiana	Azul	Cachorro	Sim	Pop	Não	Ingles	Miopia	Não	Não	Sim	Academia	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil Portugal Holanda	Catolico	Morena	Castanho crespo	Castanho	1,75	68 Kg	Administrador	Instrumentos musicais	Virgem	Arabe	Verde	Cachorro	Sim	Clássica MPB Internacio nal	Não	Ingles Russo	Não	Não	Rinite	Sim	Lutas Bicicleta	Não	
A	Pos	Cauc	Brasil Espanha Italia Portugal		Branca	Castanho claro liso	Verdes	1,78	58 Kg	Biologo	Fotografia esportes aquáticos	Leão	Brasileira	Azul	Cachorro	Sim	Eclético	Não	Ingles	Não	Não	Não	Sim	Natação	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil Portugal	Cristão	Branca media morena	Preto ondulado	Castanho	1,80	75 Kg	Vendedor	Esportes praia	Aries	Brasileira	Vermelho	Cachorro	Sim	Eclético	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Academia	Não	
O	Pos	Indian	India	Hindusm	Oliva	Preto ondulado	Castanho	1,68	62 Kg	Vendedor	Passear música	Peixes	Indiana	Branca	Cachorro	Sim	Classica	Não	Ingles portugues hindi	Não	Não	Não	Sim	Musculação	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil Portugal		Branca Media Morena	Castanho liso	Castanho	1,80	82 Kg	Informatica	Esporte estudar idiomas	Cancer	Saudável	Azul	Cachorro	Não	Eclético	Não	Ingles espanhol	Não	Não	Não	Sim	Corrida musculação	Não	
A	Pos	Cauc	Brasil Austria Italia Espanha Alemanha		Branca	Castanho claro liso	Verdes	1,72	70 Kg	Marketing	Esportes tocar instrumentos	Aquário	Saudável	Azul	Cachorro	Sim	Eclético	Não	Ingles espanhol alemão	Miopia Hipermetr opia	Não	Poeira	Sim	Corrida	Não	
A	Pos	Cauc	Brasil Portugal França Inglaterra	Catolico	Branca Media Morena	Castanho liso	Castanho	1,81	89 Kg	Administrador	Viajar sair cinema leitura	Touro	Italiana Brasileira	Azul	Cachorro	Sim	Rock Clássico Metal	Não	Ingles	Miopia	Não	Não	Sim	Musculação o tênis volley	Não	
A	Pos	Cauc	Brasil Italia Portugal França	Catolico	Branca	Castanho ondulado	Castanho	1,88	92 Kg	Administrador	Esportes tecnologia	Virgem	Italiana	Azul	Cachorro	Sim	Eletronica	Não	Ingles espanhol	Miopia	Não	Não	Sim	Futebol musculação	Não	
B	Pos	Cauc	Brasil França		Branca	Preto liso	Castanho	1,70	75 Kg	Medico	Cinema filmes	Sagitario	Italiana	Verde	Cachorro gato	Sim	MPB	Não	Ingles espanhol	Miopia	Não	Não	Sim	Caminhada	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil	Catolico	Branca	Castanho ondulado	Castanho	1,70	81 Kg	Administrador	Ler assistir filme cinema passear	Leão	Italiana	Azul	Cachorro Gato	Sim	MPB Classico	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Academia	Não	
A	Pos	Cauc	Brasil Portugal Espanha	Catolico	Branca Media Morena	Preto ondulado	Castanho esverdeado	1,80	67 Kg	Estudante	Esportes escrever	Sagitário	Japonesa	Verde	Cachorro gato	Sim	Eclético	Não	Ingles Espanhol	Não	Não	Não	Sim	Corrida futebol	Omega 3 Multivitami nicos	
A	Pos	Cauc	Brasil Portugal Espanha	Cristão	Branca Media Morena	Preto ondulado	Castanho esverdeado	1,80	87 Kg	Vendedor	Futebol TV esportes	Peixes	Brasileira	Azul	Cachorro	Sim	Rock brasileiro	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Academia	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil Italia Espanha		Branca Media Morena	Castanho ondulado	Castanho	1,80	84 Kg	Engenheiro	Lutas esportes Molocicletas	Cancer	Italiana Arabe	Verde	Cachorro gato	Sim	Rock classico	Não	Ingles espanhol	Não	Não	Não	Sim	Ciclismo lutas	Não	
AB	Pos	Cauc	Brasil Italia Irlanda	Catolico	Branca Clara	Preto liso	Castanho	1,70	80 Kg	Vendedor	Instrumentos musicais	Aquario	Brasileira	Azul	Cachorro	Sim	Rock	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Natação, lutas	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil França Alemanha India	Catolico	Branca Media Morena	Preto cacheado	Castanho	1,74	72 Kg	Estudante	Futebol leitura assistir filme	Libra	Todas	Azul	Cachorro	Sim	Rock Pop Rap	Não	Não	Miopia	Não	Não	Não	Futebol Musculação	Não	

Doador	ABO	Rh	Raça	Origem étnica	Religião	Cor Pele	Cor Textura Cabelo	Cor Olhos	Altura	Peso	Ocupação	Hobby	Signo	PREFERENCIAS						CUIDADOS						
														Comida	Cor	Animal	Viagem	Musica	Fumante	Idiomas	Deficiencia Visual	Deficiencia auditiva	Alergias	Vai ao dentista regularmente	Atividades físicas	Dieta suplementar
A	Pos	Cauc	Brasil Romênia Rússia Alemanha	Católico	Branca	Castanho liso	Castanho	1,63	77 Kg	Marketing digital	Leitura Filme Viagem	Aries	Brasileira	Azul	Gato	Sim	Pop	Não	Ingles espanhol	Miopia	Não	Não	Sim	Não	Não	
AB	Pos	Cauc	Brasil	Catolico	Morena	Preto cacheado	Castanho	1,77	95 Kg	Vigilante	Esportes	Capricornio	Brasileira	Verde	Cachorro	Sim	Rock	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Futebol ciclismo natação	Não	
A	Pos	Cauc	Brasil Espanha	Agnostico	Branca	Preto ondulado	Castanho	1,87 m	85 Kg	Arquiteto	Esportes antes leitura instrumentos musicais	Aquario	Japonesa	Azul	Cachorro	Sim	Eclético	Não	Ingles espanhol	Astigmatism	Não	Não	Sim	Academia	Whey Protein	
A	Pos	Cauc	Brasil	Catolico	Branca	Castanho cacheado	Castanho	1,76	80 Kg	Segurança	Esportes	Touro	Italiana	Verde	Cachorro	Sim	Eclético	Não	Não	Não	Não	Dipirona	Sim	Futebol caminhada	Não	
A	Pos	Cauc	Brasil Italia Espanha	Cristão	Branca	Preto ondulado	Castanho	1,74	58 Kg	Estudante	Natação música	Aries	Italiana	Verde	Gato	Sim	Rock	Não	Ingles Alemão	Miopia	Não	Não	Sim	Comida natação	Não	
A	Pos	Cauc	Brasil	Ateu	Morena	Preto liso	Castanho	1,71	80 Kg	Administrador	Desenhar	Cancer	Brasileira	Branco	Cachorro	Sim	Classico Pop	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Comida	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil		Branca	Castanho ondulado	Castanho	1,89	85 Kg	Engenheiro	Esportes	Leão	Francesa	Verde	Cachorro	Sim	Rock	Não	Ingles Espanhol	Miopia astigmatismo	Não	Não	Sim	Natação	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil Portugal Italia	Crstão	Branca	Castanho Cacheado	Verdes	1,80	74 Kg	Administrador	Esportes cinema Shows	Leão	Brasileira	Azul	Gato	Sim	Pop Sertanejo	Não	Ingles	Não	Não	Não	Sim	Academia	Vitamina D	
A	Pos	Cauc	Brasil	Catolico	Branca	Castanho claro ondulado	Azuis	1,80	80 Kg	Advogado	Musica, moto	Libra	Brasileira	Azul	Cachorro	Sim	Pop Rock	Não	Ingles	Não	Não	Não	Sim	Academia	Não	
A	Neg	Cauc	Brasil	Catolica	Branca	Castanho liso	Castanho	1,80	82 Kg	Contador	Passear viajar estudar futebol	Libra	Brasileira	Verde	Cachorro	Sim	Eclético	Não	Não	Hipermetropia Astigmatismo	Não	Não	Sim	Caminhada	Não	
A	Neg	Cauc	Brasil Alemanha	Catolico	Branca	Castanho claro liso	Azuis	1,67	90 Kg	Advogado	Esportes	Libra	Japonesa	Cinza	Cachorro	Sim	Internacion	Não	Ingles Alemão	Não	Não	Não	Sim	Academia	Não	
O	Neg	Cauc	Brasil	Cristão	Morena	Castanho ondulado	Castanho claro	1,73	73 Kg	Professor	Musica esporte leitura	Aquario	Brasileira	Preto	Gato	Sim	Forró Reggae MPB Blues	Não	Espanhol Inglês	Não	Não	Não	Sim	Natação ciclismo	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil Portugal	Cristão	Morena	Castanho liso	Castanho esverdeado	1,78	75 Kg	Engenheiro	Esporte pesquisa	Capricornio	Italiana	Preto	Cachorro	Sim	Rock	Não	Ingles	Não	Não	Não	Sim	Musculação	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil Espanha Portugal	Catolica	Morena	Preto Ondulado	Castanho claro cacheado	Castanho	1,70	86 Kg	Dentista	Passear Assistir filme praia	Peixes	Brasileira	Vermelho	Cachorro	Sim	Sertanejo MPB Pop Rock Internacional	Não	Ingles Frances	Não	Não	Sim	Caminhada Comida natação	Não	
A	Pos	Cauc	Brasil Holanda	Catolica	Branca	Castanho ondulado	Castanho	1,80	95 Kg	Engenheiro	Música	Peixes	Brasileira	Azul	Cachorro	Sim	MPB	Não	Ingles espanhol	Não	Não	Não	Sim	Academia	Complexo vitamínico	
O	Pos	Cauc	Brasil Espanha Italia	Cristão	Branca	Preto liso	Castanho	1,88	89 Kg	Empresário	Trilha música cinema	Gemeos	Italiana	Verde	Cachorro	Sim	Pop	Não	Ingles Espanhol	Astigmatism	Não	Não	Sim	Caminhada	Não	
B	Pos	Cauc	Brasil	Catolico	Branca	Castanho ondulado	Castanho	1,85	77 Kg	Empresário	Passear assistir filme	Gemeos	Italiana	Verde	Passáros	Sim	Sertanejo	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Musculação Academia lutas	Suplemento de proteína
B	Pos	Cauc	Brasil	Catolico	Branca	Castanho ondulado	Castanho	1,75	80 Kg	Musico	Musica ler estudar	Aquario	Japonesa Italiana	Verde	Cachorro	Sim	Rock	Não	Ingles	Não	Não	Rinite	Sim	Academia lutas	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil Italia	Ateu	Morena	Castanho ondulado	Castanho	1,75	91 Kg	Engenheiro	Esportes jogos de raciocinio	Touro	Alema	Preto	Cachorro	Sim	Rock	Não	Ingles Frances	Não	Não	Não	Sim	Comida, ciclismo	Não BCAA Geleia Real	
A	Pos	Cauc	Brasil Portugal Espanha	Cristão	Branca	Ruivo liso	Castanho	1,63	85 Kg	Empresário	Viajar esportes	Gemeos	Brasileira	Azul	Cachorro	Sim	Rock Sertanejo	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Luta futebol	Não	
O	Pos	Cauc	Brasil Espanha Portugal	Crstão	Morena	Castanho crespo	Castanho	1,79	90 Kg	Analista	Esporte leitura ouvir musica	Peixes	Brasileira	Azul	Cachorro	Sim	Eclético	Não	Ingles espanhol francês alemão	Não	Não	Não	Sim	Futebol natação	Não	
O	Neg	Cauc	Brasil Portugal		Morena	Castanho ondulado	Verdes	1,80	70 Kg	Empresário	Esportes	Libra	Vegetarian	Verde	Cachorro	Sim	MPB Pop	Não	Ingles	Não	Não	Rinite	Sim	Jogos	BCAA	

\*

Depois de 37 semanas e 6 dias gestando, Malu nasceu de parto vaginal em 14 de outubro de 2021 pesando 2,680kg e medindo 47cm. Tive laceração grau 2.

\*